

ALMANAQUE POPULAR do NORDESTE



Ruth Trindade de Almeida



 **NAEA**
EDITORA

**OS ALMANAQUES POPULARES
DO NORDESTE**



Universidade Federal do Pará - UFPA

Reitor: Emmanuel Zagury Tourinho

Vice-Reitor: Gilmar Pereira da Silva

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Maria Iracilda da Cunha Sampaio

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA

Diretor: Durbens Martins Nascimento

Diretor Adjunto: Sílvio José de Lima Figueiredo

Editora

Editor-Chefe: Durbens Martins Nascimento

Diretor Executivo: Albano Rita Gomes

Comissão Editorial

Presidente - Prof. Dr. Durbens M. Nascimento – UFPA.

Vice-Presidente - Prof. Dr. Sílvio José de Lima Figueiredo – UFPA.

Profa. Dra. Ana Paula Vidal Bastos – UNB.

Prof. Dr. Carlos Alberto Mejías Rodríguez – Universidad de La Habana, Cuba.

Prof. Dr. Germán Alfonso Palacio Castañeda – Universidad Nacional de Colombia, Letícia.

Prof. Dr. Julien Meyer – Université Grenoble Alpes, CNRS, GIPSA-lab, France.

Prof. Dr. Josep Pont Vidal – UFPA.

Profa. Dra. Maria Manuel Rocha Teixeira Baptista – Universidade de Aveiro, Portugal.

Prof. Dr. Miguel Pinedo-Vasquez – Columbia University – New York, EUA.

Prof. Dr. Ronaldo de Lima Araújo – UFPA.

Coordenação de Comunicação e Difusão Científica

Durbens Martins Nascimento

Ruth Trindade de Almeida

OS ALMANAQUES POPULARES DO NORDESTE

**Belém
Naea
2019**

Projeto gráfico e diagramação

Joyce Caetano

Capa

Adaptação de Anderson Reis com base no desenho original da capa do Novo Almanaque de Pernambuco.

Revisão

Alexia Eloar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Biblioteca do NAEA/UFPA-Belém-PA

A447a Almeida, Ruth Trindade de.
Os almanaques populares do Nordeste / Ruth Trindade de Almeida — Belém : NAEA, 2019. .

247 p. : il. ; 23 cm

Inclui bibliografias
ISBN 978-85-7143-174-4

1. Almanques brasileiros - Nordeste. I. II. Título.

CDD 22. ed. – 981.3

Elaborado por Maria do Socorro Barbosa Albuquerque – CRB-2/871

NAEA

Av. Perimetral, Número 1 - Campus Universitário do Guamá, Belém - PA
CEP 66075-750 - (91) 3201-7231
editora_naea@ufpa.br

Dedicamos este trabalho a Átila Almeida (in memoriam), cujo amor aos livros e folhetos de cordel permitiu a vasta coleção dos Almanques Populares estudados aqui.

Sumário

Apresentação	15
Prefácio.....	17
Almanaques Nordestinos e Crença Popular.....	22
CAP. I - Almanagues populares no contexto cordelista.....	29
CAP. II - A cultura e os almanaques populares	45
CAP. III - Os almanaques de Ferreira Lima, Manoel do Santos, Manoel Caboclo e Costa Leite.....	66
João Ferreira de Lima	66
Manoel Luiz dos Santos	99
Manoel Caboclo e Silva	129
José Costa Leite	148
Considerações Finais.....	170
CAP. IV - O conteúdo dos almanaques.....	173
Fontes de Informação para os Almanagues	177
Astrologia.....	182
Flora Medicinal	186
As Principais Seções do Almanagues	193
Talismãs	209
Considerações Finais.....	220
CAP. V - Os almanaques e o meio rural	221
O Meio Rural Nordestino	221
O Religioso e o Sobrenatural.....	228
Educação e Vida Familiar	230
Saúde	232
A Política	233
Considerações Finais.....	235
Conclusões	237
Referências	240

Figuras

- Figura 1. Preço dos talismãs. Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 2010.26
- Figura 2. Segunda capa do Almanaque de Pernambuco, João Ferreira de Lima, 1972.35
- Figura 3. Capa do Almanaque Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos.36
- Figura 4. Capa do Almanaque do Nordeste, José Costa Leite, 2005 e 2012. (Antigo Almanaque Calendário Brasileiro).....37
- Figura 5. Capa do Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva, 1993, 1994, 1995 e 1996.37
- Figura 6. Capa do “Novo Almanaque de Pernambuco”, “Juízo Astrológico”, “Almanaque Estrela” e “Almanaque Paranor”.....41
- Figura 7. Horóscopo elaborado por Lumerque para o poeta Manoel d’Almeida Filho e sua noiva. Página de rosto e última página. Documento.53
- Figura 8. Horóscopo preparado pelo poeta Manoel Camilo dos Santos. Do tempo em que exercia essa atividade (1966-1970). ...55
- Figura 9. Capa do Folheto Astrológico de Chico Mariano.56
- Figura 10. Capa de quatro almanaques de Severino Barbosa Torres, publicado em 1963 no Maranhão.57
- Figura 11. Carta que o poeta José Vieira teria recebido do sábio francês Bank Chet.....58
- Figura 12. Capa e contracapa de “As Profecias do sábio Francis Bank Chet, para 1939.”59
- Figura 13. Refere-se aos dons proféticos de João Ferreira de Lima. Almanaque de Pernambuco, 1970.....67
- Figura 14. Encontro de Ferreira de Lima e Padre Cícero. Almanaque de Pernambuco, 1943.....69

Figura 15. João Ferreira de Lima comunica aos seus leitores que irá candidatar-se a deputado. Almanaque de Pernambuco, 1955.....	69
Figura 16. Seção Jurídica. Secção da Saúde. Seções novas criadas por Berenice Souza Lima. Almanaque de Pernambuco, 1979. Sob a redação de Berenice Souza Lima.	85
Figura 17. Mostra como a autora conserva o nome do pai como título do seu escritório astrológico (sob redação de Berenice Souza de Lima). Almanaque de Pernambuco, 1973.....	97
Figura 18. Astrologia Sexual. Almanaque de Pernambuco, 1973.	98
Figura 19. A Queda do Dólar. Almanaque de Pernambuco, 1974.	98
Figura 20. São José do Egito. Versos. Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 1975.	112
Figura 21. Pensamentos e textos de Coelho Neto e Pe. Antônio Vieira. Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 1964.....	126
Figura 22. Sonho. Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 1965.	127
Figura 23. Terremoto em Caruaru. Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 1968.	127
Figura 24. Os Quatro trimestres de 1970. 10 Mandamentos da Lei do Homem (Humor). Perigos. Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 1970.	128
Figura 25. Anúncio e Preços dos Talismãs. Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 1979-1980.....	128
Figura 26. O Retirante. Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva, 1971.	135
Figura 27. Sinais do Céu. Terremotos. Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva, 1971.	136

Figura 28. No despontar de uma Aurora. Preços de Gêneros. Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva, 1974.	136
Figura 29. Bom Dia, Bom Dia Mesmo! Obrigado senhor e outros. Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva, 1980.	137
Figura 30. Dois textos: casamentos e família. Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva, 1972-1973.....	137
Figura 31. Pensamentos. Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite, 1960.	156
Figura 32. Não perca tempo. Aviso e outros. Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite, 1964.	156
Figura 33. Aviso importante. História deste Almanaque. Os cereais em 1969. Provérbios e outros. Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite, 1969.....	157
Figura 34. Orientação aos criadores. O guia dos Agricultores. Provérbio. Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite, 1965.....	157
Figura 35. Seção de abertura o Juízo do Ano para cada um dos autores estudados.....	194
Figura 36. Instruções sobre agricultura. Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite, 1971.	203
Figura 37. Movimento de Mercado. Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo, 1971.	204
Figura 38. Preços dos cereais. Almanaque Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 1971.	205
Figura 39. Talimã de Omar Cardoso anunciado na revista Contigo, agosto de 1979.....	209
Figura 40. Um laço de amor. Unidos para Sempre. Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva, 1973.	231

Quadros

Quadro 1. Acróstico do Almanaque Calendário do Nordeste, José Costa Leite, 2010.	23
Quadro 2. Autores e nome dos Almanques dos quatro autores estudados e período da edição.	34
Quadro 3. Relação de Almanques Populares do Nordeste	38
Quadro 4. Acrósticos do Almanaque de Pernambuco, João Ferreira de Lima, de 1942 a 1979. (Faltam os Almanques do ano 1977 e 1978).....	72
Quadro 5. Características do Almanaque de Pernambuco, João Ferreira de Lima.....	82
Quadro 6. Movimento Comercial do Almanaque de Pernambuco, João Ferreira de Lima, 1955-66.	89
Quadro 7. Características do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos.....	102
Quadro 8. Movimento Comercial do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos (1955-1968).....	106
Quadro 9. Movimento Comercial do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos (1955-1968) (Continuação)	107
Quadro 10. Movimento Comercial do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos (1955-1968) (Continuação)	108
Quadro 11. Movimento Comercial do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos (1968-1980).....	109
Quadro 12. Movimento Comercial do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos (1968-1980). (Continuação)	110
Quadro 13. Movimento Comercial do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos (1968-1980). (Continuação)	111
Quadro 14. Acrósticos do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos.....	113

Quadro 15. Movimento Comercial do Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva.	130
Quadro 16. Movimento Comercial do Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva (Coninuação...)	131
Quadro 17. Características do Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva.....	133
Quadro 18. Citações e informações no Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva.....	138
Quadro 19. Frequência das informações ou citações contidas no Almanaque de Manoel Caboclo (1960-1980).	144
Quadro 20. Acróstico do Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva.	145
Quadro 21. Características do Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite.....	150
Quadro 22. Movimento Comercial do Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite.	153
Quadro 23. Acrósticos do Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite	158
Quadro 24. Relação de Livros Utilizados por Manoel Luiz dos Santos	179
Quadro 25. Juízo Ano – Conteúdo do Juízo do Ano (previsões gerais para o ano da seção que abre os almanaques).	197
Quadro 26. Dias favoráveis para plantar, segundo os quatro autores aqui estudados – 1970	199
Quadro 27. Relação dos Talismãs Vendidos por Manoel Luiz dos Santos	211

Agradecimentos

Este trabalho foi feito com apoio de muitas pessoas. Primeiramente, agradecemos ao Prof. Átila Augusto Freitas de Almeida, cordelista, colecionador de folhetos e Almanagues, que deu a sugestão de estudá-los e que possuía a coleção quase completa dos almanagues dos quatro autores estudados aqui. A maior parte deste trabalho foi feita durante o mestrado da primeira autora e apresentada como sua dissertação. Assim, seguem-se os imensos agradecimentos ao professor Russell Parry Scott, que foi incansável na revisão e orientação da dissertação, e ao Professor Luiz Gonzaga de Melo, que também apoiou esta pesquisa.

Agradecemos aos dirigentes da UFPB e da CAPES, pelas facilidades criadas para que o mestrado fosse realizado. Aos colegas Walter José de Oliveira da Veiga Pessoa, Antonio Greco, Norma Soler e Josefa Salet B. Cavalcanti, pela leitura e comentários deste trabalho. Aos professores do Mestrado da UFPB, especialmente ao seu Coordenador Roberto Motta e ao Prof. José H. Lavareda, grande amigo, nosso conselheiro e orientador durante o curso. Ao Dr. Sérgio Dantas, que ajudou a avaliar os aspectos relacionados à saúde e à sessão de Flora Medicinal. Ao Prof. Ariano Suassuna, cujos ensinamentos sobre cultura popular foram importantes para o estudo dos Almanagues. Aos poetas populares e autores de Almanagues, que nos atenderam com extrema simpatia, respondendo com solicitude às nossas indagações e cuja generosidade permitiram a pesquisa.

Agradecemos também à Aline Cristina Gomes de Leão e Marilene Silva Martins, pela digitação deste trabalho. A Sérgio Rivery, que sempre apoiou e valorizou esta pesquisa e viajou a Campina Grande para fotografar as ilustrações deste trabalho na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida e refotografou os anexos antigos. À Carolina Furtado, pela enorme ajuda digitalizando e redigitalizando as ilustrações cujos originais foram localizados posteriormente. A Joel Carlos por fazer a digitalização final das figuras. À Diana Silva Santos e Mirella Rocha de Albuquerque, da biblioteca

de Obras Raras Átila Almeida, pelo completo apoio na visita à biblioteca e por localizar os almanaques originais. A José da Costa Leite, que forneceu informações atualizadas sobre os Almanques e sempre, desde o início deste trabalho, recebeu as autoras em sua casa. A Gilmar de Carvalho, a Gilberto Lopes e a Rosilene Lemos, por informações adicionais na busca de localizar Berenice Lima e os familiares de Manoel Luiz dos Santos. À família de Manoel Luiz e, em especial, à Alluska Adyla de Araújo Silva, sua neta, que nos recebeu em São José do Egito, e abriu a casa de seu avô para visita, coleta de material e fotografia. À Olívia Mascarenhas Leite, que apoiou de inúmeras formas este trabalho, tanto na busca recente para reencontrar os autores dos almanaques e seus familiares como recebendo parte da equipe para fazer visita de campo no Nordeste, em sua casa no Recife, dedicando tempo para viagens assim como fazendo checagem de informação, compras de Almanques e fornecendo, em todas as ocasiões, apoio logístico para as viagens de campo.

Apresentação

Apresento com grande satisfação este livro, de autoria de Ruth Trindade de Almeida, observando as condições originais da sua construção e a parceria que contribuiu para a sua atual publicação.

O livro se baseia na versão original da dissertação de mestrado da Professora Ruth Almeida, realizada sob a orientação do Professor Russel Parry Scott, antropólogo da UFPE. O trabalho original foi retomado na atual publicação, revisto e atualizado por O. Almeida, com base em entrevistas e visitas aos cordelistas estudados por Ruth Almeida. Para esta edição, esta parceria proporcionou o acesso aos originais da pesquisa, o compartilhamento dos achados e o acompanhamento nas visitas aos cordelistas remanescentes da lista dos entrevistados da pesquisa original. A versão aqui apresentada foi, pois, realizada a quatro mãos.

O estudo dos Almanques constitui uma matéria de extrema relevância para a compreensão da cultura popular do Nordeste brasileiro e dos estudos antropológicos nacionais. A importância dos Almanques, enquanto produção que contribui para a reflexão sobre a sociedade e mudanças culturais no meio rural nordestino, se revigora no presente contexto de transformações sociais, em face da iminência do desaparecimento desse tipo e formato de produção, além do que, como está bem destacado neste livro, os seus antigos autores estão desaparecendo, por morte e também pela falta de sucessores; além do que não podem ser menosprezados os impactos da internet e novas tecnologias da informação.

Os almanques, como ressaltados neste livro, constituem “elementos representativos do sistema cultural” e social “do homem rural nordestino”; exercem o “papel de mantenedores dos valores tradicionais da Sociedade Rural” e refletem “também as mudanças ocorridas nas últimas décadas”. Segundo analisa a autora, há, na construção desse tipo de produção, concepções de cultura e sociedade que fundamentam a relação entre os almanques e os seus leitores, porque o almanaque é um informativo para a vida diária, prevalecendo entre

os autores ouvidos para a pesquisa uma ideia geral de que os Almanques são um “guia prático para o agricultor e criador”.

A preocupação de realização e divulgação de estudos como estes, como destaca a autora, apoiada nas contribuições de Maria Isaura Pereira de Queiroz e Antônio Cândido, baseiam-se no perigo do iminente desaparecimento das populações e culturas. O livro desenvolve uma excelente análise acerca da maneira como autores dos almanques, e as suas percepções sobre modos de vida, podem refletir a respeito das mudanças nos padrões e nos conhecimentos que impactam sobre o cotidiano das populações, tomadas como referência e público-alvo desse tipo de produção. Como bem ressalta a autora, esse tipo de produção tende a se transformar não somente enquanto elemento material, mas, também, como informação e conhecimento da vida social das populações a que se destinam. O livro contribui para examinar um possível paradoxo que se apresenta quanto ao que é proposto sobre situações atuais, as relações entre estas e as mudanças anunciadas, na maneira pela qual são retratadas nos Almanques. É, portanto, um trabalho extremamente necessário para estudiosos e todos os que se preocupam com as mudanças sociais e culturais do mundo contemporâneo e a preservação dos patrimônios culturais. Passo a sublinhar aspectos importantes do curriculum vitae da autora:

Ruth Trindade de Almeida foi professora titular de Antropologia do campus II da UFPB de 1964 a 1990, quando se aposentou, e foi a única professora de Antropologia até o ano de 1973 naquela instituição. Durante esse período, ministrou todas as disciplinas da área de Antropologia e formou inúmeros profissionais naquela instituição. Destacou-se por oferecer espaços para o ensino e a pesquisa, favorecidos por intercâmbios nacionais e internacionais com instituições reconhecidas do Brasil, da Europa e dos Estados Unidos com profissionais renomados da área. O seu trabalho contribuiu para inserir a UFPB entre as instituições mundiais e abrir os caminhos para a formação de pesquisadores; no estudo dos teóricos clássicos, atentando para a necessidade de preservação da cultura material, imaterial e para a construção de museus. O estudo das Inscrições Rupestres (Publicado em 1979) e sobre os Almanques (dissertação de mestrado (1981) que deu origem a este livro) são apenas algumas das suas contribuições ao estudo da cultura e sociedade nordestinas. A professora

Ruth é formada em Geografia e História pela Universidade do Brasil, atual UFRJ; participou do Curso de especialização para professores de Antropologia oferecido pelo Museu Nacional da UFRJ; se especializou em Arqueologia e Antropologia pela Universidade de Toulouse e é mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE. Esses aspectos da sua formação são referências acadêmicas mínimas sobre a trajetória excepcional de uma Professora que trouxe para o ambiente universitário paraibano a essência da vida acadêmica, como também o valor da seriedade e da ética tão necessárias para a formação de cientistas. Ruth Trindade de Almeida é, pois, referência ímpar de uma professora que construiu instituições. Por estar entre alguns e algumas estudantes que tivemos o privilégio de aprender e nos beneficiarmos com suas grandes contribuições, resalto aqui os meus agradecimentos por todo o seu trabalho e presto minhas homenagens à Professora Ruth Trindade de Almeida, minha orientadora de sempre.

Josefa Salete Barbosa Cavalcanti
Professora titular da UFPE

Prefácio

Nos anos 1970 e 1980, a casa de Ruth e Átila Almeida, em Campina Grande, Paraíba, era um santuário da cultura tradicional nordestina em forma de literatura de cordel e de obras artísticas que reproduziam xilogravuras que representavam um mundo de uma vez “telúrico” e “sobrenatural”. O visitante sabia que tinha entrado numa realidade ardentemente defendida pelos próprios autores de cordel, a maior parte poetas, bem como pelos coletores do que os autores dessa literatura produziam. Sempre tinha alguém na feira entoando versos e vendendo os panfletos no meio de uma litania de queixas que as coisas não eram mais como tinham sido antes. Mas havia quem os comprava, sendo consumidores provenientes da localidade ou, frequentemente, de fora dela. Inclusive os mesmos panfletos, silenciosamente enfileirados nos cordões de barracas de *souvenirs* estrategicamente aparelhadas para captar o olhar do turista, raramente deixavam de fazer parte das compras de quem queria mostrar um pedaço daquele Nordeste brasileiro que ele resolveu visitar.

Ao focar nos almanaques populares e a autora, Ruth Almeida transporta os leitores ao âmbito do que chamam “o sistema cultural” em torno do qual esta arte popular se constrói. Mostra os ancoramentos na terra e no céu destes autores que se aventuram a uma sistematização de informações que comunicam simultaneamente com o cotidiano do agricultor e também com a tradição ocidental do sagrado e da magia. Preserva e atualiza informações e interpretações acionadas para produzir a primeira dissertação do mais antigo mestrado em antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, mostrando que a sua autora pode ser incluída entre os que estudam a cultura popular e enxergam nela alguma coisa grandiosa que hoje em dia se percebe como clamando pela patrimonialização, que serve como política de reconhecimento e inclusão indelével na criação identitária do Nordeste.

Este estudo segue quatro veredas que convergem num retrato denso, detalhado e, ao mesmo tempo, leve, em uma compreensão da inserção de almanaques e seus autores num circuito de troca de significados, de busca de práticas de vivência cotidiana e de compreensão

do sagrado e do desconhecido. Os autores, através dos seus almanaques, orientam num linguajar sistematizado e acessível, uma passagem de um sempre valorizado mundo rural, para uma compreensão da sua particularidade na vida citadina à qual os residentes do campo se sujeitam ao migrar, deixando os seus roçados fisicamente, mas não culturalmente. Estas quatro veredas incluem os contextos muito específicos e particulares de produção de literatura cordel, a vida dos autores associada à sua produção de almanaques, os temas tradicionais e as polémicas que caracterizam e diferenciam os autores, e a relação de toda esta produção com as transformações do mundo rural nordestino.

Na primeira vereda se dá destaque ao fato de que o almanaque popular seja mais informativo de que divertido, como é boa parte da literatura de cordel. No Almanaque há poesia, mas não é a poesia que predomina, e, sim, a prosa, mais apropriada para a interligação de grande quantidade de informações que caracterizam os almanaques no mundo inteiro, as informações que desejam passar. O mundo de Cordel e dos Almanaxes não é um mundo nem isolado, nem parado no tempo. É atravessado por diversos meios de comunicação, como rádio, televisão e internet, e circula junto com os muitos nordestinos que procuram destinos nas cidades dentro e fora do Nordeste.

A atenção de centenas e centenas de pesquisadores no Brasil e no estrangeiro tem recaído mais sobre os panfletos com a sua variedade temática, poesia, mais limitada extensão e referência a temas que podem estar em voga. Os almanaques, menos estudados, e com uma identidade visual próxima à literatura cordel e veiculado por meios semelhantes, incluem uma diversidade previsível de temas, com uma organização conhecida, prezando astronomia, plantações e sazonalidade, medicina, previsões e magia com uma periodicidade anual, menos sujeitos à variabilidade de assuntos em voga. A sua associação ao Nordeste está sempre relacionada com conhecimentos físicos e, especialmente, metafísicos, ocidentais de longas datas de formação. Mas em um mundo de incertezas, também são proféticos e mágicos. Fazem parte de uma tradição que se transforma, com as suas editoras se reduzindo e as suas informações integrando os novos circuitos de comunicação, que substituem, não sem crueldade e como limitado reconhecimento, relegam a sua efetividade com o meio de comunicação

a um papel cada vez menor, e cada vez mais merecedor de valorização e resistência pelos colecionadores e pelos que ainda vivem deste meio.

Quando se chega aos quatro autores que recebem atenção privilegiada neste livro, entende-se que foram cuidadosamente escolhidos entre um universo de poucas dezenas de autores de almanaques conhecidos. São muito especiais, e interconectados, direta e indiretamente, com transmissão de conhecimentos entre si. As semelhanças nas suas experiências revelam um conjunto de praticantes, artistas e muitos autodidatas com apreciação especial para o estudo, com a vida iniciada no meio rural e que fazem muitas virações para poderem se dedicarem preferencialmente à produção e edição de literatura de cordel, de xilogravuras, além dos almanaques, e que frequentemente recorrem a outras atividades para o seu sustento. Reconhecem as enormes exigências de conhecimento bem como a originalidade dos seus trabalhos, reclamando abertamente quando a sua autoria não é reconhecida. A comercialização difícil e pouca lucratividade com sucessiva diminuição desfavorecem a continuidade na atualidade. Ruth Almeida respeita o ofício de documentação cuidadosa, apresentando a organização dos números e documentando história, comercialização, preço e uso por décadas de produção, ilustrando ricamente com panfletos, e sobretudo recorrendo a conversas extensas em vida com os autores disponíveis para falar sobre as suas atividades e conhecimento.

Ao abordar a história de almanaques, o livro leva o leitor a grandes tradições ocidentais na Europa e nos Estados Unidos, situando esta produção nordestina em um contexto globalizado multicentenário que, no Brasil, desde 1919, revela uma prática de seleção cuidadosa de temas relevantes para o leitor regional, especialmente do mundo rural. Seleção, porque a organização temática dos almanaques populares se assemelha em muito à organização de almanaques no mundo inteiro, mas as informações sem relevância para o leitor da região, mesmo obedecendo a uma certa escolha idiossincrática de alguns assuntos por cada autor.

O almanaque não concorre com os folhetos, ele os complementa. Os signos e os tempos da agricultura com recomendações orientando plantios e outras práticas de acordo com as estações estão sempre presentes. Passa também por assuntos de plantas medicinais,

farmácias, receitas, de adivinhações, de anedotas, de religião e de figuras religiosas de Padre Cícero e de Frei Damião, de pessoas famosas e ainda ofertas de confecção de horóscopos individuais e oferta de amuletos protegendo leitores que os querem adquirir da maior variedade de malefícios. É um mundo moral de uma população de camponato e de pequenos agricultores, bem como de fazendeiros, que defende a manutenção de costumes ameaçados no mundo moderno. Os almanaques, mesmo retratando sempre uma resistência à migração, aconselhando os agricultores a permanecerem na região, se associam muito mais à busca das permanências no meio rural de que às transformações, que às vezes ganham mais destaque nos folhetos, que são mais estruturalmente adaptáveis a temas eventuais.

Este estudo vai muito além da excelente documentação e rica ilustração de quem quer apreciar e preservar uma produção artística e intelectual popular. Sabemos que a literatura de Cordel e um dos autores estudados com mais profundidade neste estudo foram reconhecidos na política de patrimonialização com o apoio de políticas internacionalmente reconhecidas. Os almanaques, que fazem parte deste contexto, aqui recebem a atenção e valorização que merecem. A iniciativa de atualização da pesquisa é um grito de resistência e uma homenagem profunda, sobretudo, aos que produziram os Almanques Populares do Nordeste.

Russell Parry Scott
Professor titular de Antropologia do
Departamento de Antropologia e
Museologia da Universidade Federal de Pernambuco.

Almanaques Nordestinos e Crença Popular

Oriana Almeida
Átila Vilar de Almeida

Almanaques foram publicações populares que surgiram na década de 1990 que levavam informações ligadas aos interesses dos agricultores como previsões meteorológicas, agrícola, preço de produtos agrícolas e instruções para o tratamento da saúde animal. Também faziam parte do conteúdo do almanaque informações sobre saúde e remédios baseadas na flora medicinal, previsão de sorte e infortúnio das pessoas e inserida na rede de comercialização dos folhetos de cordel (CARVALHO, 2011; AMORIM et al., 2011) foi um sucesso editorial. Durante anos, os almanaques levavam os endereços de seus autores com ofertas e preços para elaboração de um conjunto de produtos, que visavam prever o futuro, proteger as pessoas de males específicos, curar doenças e trazer sorte para assuntos como amor e jogo. Tais previsões eram principalmente baseadas nos astros e em documentos, como “Lunário Perpétuo”, fundindo conhecimentos científicos antigos com astrologia. Assim, o interesse pelos almanaques durante tantas décadas foi devido às informações voltadas para zona rural, assim como nas previsões sobre o futuro num misto de crença e ciência (MELO 2007; 2011).

Quase 30 anos depois de elaborado este estudo de Almanques Populares do Nordeste, buscando retomá-lo e publicá-lo, voltamos a procura dos quatro autores de Almanques Populares do Nordeste aqui estudados: Berenice Souza Lima (filha de João Ferreira de Lima), Manoel Luiz dos Santos, José Costa Leite e Manoel Caboclo e Silva.

Dos quatro autores estudados, Manoel Luiz faleceu em 2017 e Manoel Caboclo em 1996. De Berenice, que continuou o Almanaque de seu pai em 1972, João Ferreira Lima, ninguém sabe

seu destino. Encontramos, entretanto, Costa Leite, atualmente Patrimônio Vivo de Pernambuco como Xilogravurista e Poeta Popular, na sua casa em Condado, Pernambuco, aos 91 anos de idade, lúcido e ativo, e ainda produzindo seu almanaque popular cuja primeira edição foi de 1960. Os versos do Acróstico de seu Almanaque Calendário do Nordeste de 2010 dizem muito sobre a importância dos autores aqui estudados - João Ferreira Lima e Manoel Caboclo. (Quadro 1).

Quadro 1. Acróstico do Almanaque Calendário do Nordeste, José Costa Leite, 2010.

2010	Costa Leite é igual nas previsões A Manoel Caboclo no seu tino Luta igual a Vicente Vitorino E João Ferreira de Lima nas lições No Nordeste por todas as regiões Deixa crer que há grande aceitação As invernadas do Brejo ao Sertão Rios cheios com força do Divino Isto é Calendário Nordestino O Almanaque chamado Campeão No Lunário explica claramente O dominante e Mercúrio e Vênus protege Reforçando a lavoura Deus Protege Dando forças ao povo tão carente Enviando chuvarada e tempo quente Se o tempo não trouxer nenhum revez Tendo boa lavoura, vários pés Indicando fartura em campo novo Narrei nos acrósticos, para o povo O Juízo do Ano 2010. (Costa Leite, 2017)
------	---

Vários dos aspectos analisados nos almanaques Calendário Brasileiro entre 1960 e 1980, período estudado neste livro, também podem ser vistos atualmente nos Almanaxes de José Costa Leite.

No seu Almanaque de 2017, Costa Leite ainda mantém os elementos existentes nos Almanaques (analisados aqui neste livro entre o período de 1960 e 1980) com poucas distinções estruturais. Como os almanaques antigos, Costa Leite ainda abre seu almanaque com ‘O Juízo do Ano’, que trata das previsões gerais para o ano, seguidos do horóscopo para o ano e da previsão de tempo. A previsão do tempo ainda é apresentada como no passado (ver Quadro 26 deste livro), apresentando as datas específicas dos dias que serão úmidos, nublados, escuros, sombrio, calmo, sereno, frio etc., ainda que os canais de comunicação e as previsões do tempo no Brasil tenham já se revolucionado em relação às previsões estimadas a partir do “Lunário Perpétuo” e apresentados nos Almanaques passados.

Enquanto os almanaques de Costa Leite, entre 1960 e 1980, traziam os dias bons para plantio de uma forma genérica, os almanaques da década de 2010, por exemplo, trazem informações mais específicas para plantar segundo o tipo de produto – separando, em geral, os dias bons para plantio de cereais, de raízes (como batata-doce e inhame), produtos hortícolas (como alface e couve) e ainda apresenta os dias também favoráveis para corte de madeira, pesca, mudanças e até para pedir favores. Essas variações ao longo do tempo são descritas por Cabral (2016), mostrando as modificações que o almanaque sofre a partir de 1999, quando Costa Leite troca o título de Almanaque de Calendário Brasileiro para Calendário Nordestino. Cabral (2016) detalha as modificações de conteúdo, mostrando a introdução de novos textos, poesias e alterações dos desenhos das capas, mas ainda mantendo o foco principal em temas voltados para população do campo.

Além da venda do próprio Almanaque, com certeza os aspectos míticos, de previsões do futuro e profecias, permitiram a manutenção por tanto tempo do comércio adicionado pela renda da venda de produtos anunciados nos almanaques como talismãs e amuletos oferecidos pelos autores. O auge da venda desses produtos pode ser ilustrado com o depoimento de João Ferreira de Lima, em 1946:

De julho de 1945 a julho de 1946, recebi 1.222 cartas. Confeccionei 775 horóscopos. Consultas fiz 2.354. Sócios do Almanaque Astrológico, tenho 365, sócios de 1940 a 1947. (João Ferreira de Lima, 1946, ver capítulo III deste livro)

Essas declarações, descritas dentro do próprio almanaque, eram também uma forma de fazer propaganda para venda dos produtos oferecidos aos leitores e, portanto, seus números podem estar superestimados. Mas a consistência ao longo do tempo da venda de almanaques e dos produtos neles anunciados, como horóscopo, amuletos e talismãs, mostra que parte relevante da renda desses almanaqueiros era oriunda do comércio místico (CABRAL 2016). Mesmo em 2010, quando Costa Leite já não oferecia tais produtos, Manoel ainda oferece amuletos no verso do seu Almanaque de 2010 com preços razoavelmente altos – R\$99 (comparados com o preço dos amuletos ligados aos cultos afro-brasileiros, vendidos atualmente a sete reais) (Figura 1).

Almanaque é, portanto, uma publicação que utiliza um mercado místico. A necessidade de prever o futuro, de preparar-se para o que está por vir é, e sempre foi, preocupação constante dos homens. Desde os tempos mais remotos, o homem procura compreender a natureza e suas periodicidades, seus objetos, os elementos que a compõem e, sobretudo, suas leis. Essa compreensão, certamente, tem como uma de suas forças propulsoras a necessidade de se proteger de tempos adversos, ou ainda de tirar a melhor vantagem possível de qualquer situação favorável que possa vir a acontecer. Ocorre que as formas atuais de realizar essa previsão é chamada de *ciência*¹, enquanto os procedimentos antigos são chamados de *superstições* ou apenas de “crenças populares” (BOUDET *et al.*, 2007). Nesse caso, o termo “popular” encarrega-se de promover a distância necessária entre o científico e o senso comum. Mas, seja

¹ Para uma discussão mais detalhada a esse respeito, tendo como foco a cultura medieval, ver: "Être historien des sciences et de la magie médiévales aujourd'hui: apports et limites des sciences sociales." *Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public* 38.1 (2007): 199-228. p. 202.

como for, o mais importante é observar que os almanaqueiros tiveram durante muito tempo demanda para esse tipo de formulação mista de crença e ciência que envolviam, além dos horóscopos, a previsão de tempo e previsões de catástrofes.

O talismã prolonga a vida, lapa o amor, fortifica os negócios, chama dinheiro, faz fortuna, riqueza e felicidade para qualquer coisa. Você tem livre escolha na lista dos talismãs. Mande o dinheiro na frente, lista e, na hora do seu pedido, fale com Manoel Luiz de qualquer parte do mundo - Tel.: (81) 3844-2967

Talismã para o Homem deixar de ser Cachaceiro	R\$ 99,00
Talismã da Vida - Prolonga a idade para mais de 90 anos	R\$ 99,00
Talismã do Jogador - Faz ganhar muito dinheiro em todos os jogos	R\$ 99,00
Talismã do Amor - Lapa, amarra, chama para os seus pés	R\$ 99,00
Talismã do Negociante - Faz ganhar muito dinheiro, em todos os ramos	R\$ 99,00
Talismã da Riqueza - Chama muito dinheiro, enriquece qualquer pessoa	R\$ 99,00
Talismã do Fazendeiro - Faz crescer, aumentar, multiplicar os rebanhos	R\$ 99,00
Talismã do Criador - Da saúde para o gado, faz produzir mais bezerros	R\$ 99,00
Talismã do Agricultor - Faz todas as lavouras produzirem bons frutos	R\$ 99,00
Talismã do Lavrador - Multiplica todos os frutos da sua roça	R\$ 99,00
Talismã da Boa Sorte - Chama dinheiro, aumenta seu capital	R\$ 99,00
Talismã da Fortuna - Atrai riqueza, chama dinheiro, faz fortuna	R\$ 99,00
Talismã do Boadeiro - Chama negócios, recebe dinheiro faz a fortuna	R\$ 99,00
Talismã Poderoso - Faz o homem dominar todos os seus semelhantes	R\$ 99,00
Talismã do Político - Conquiste o mundo, ganhe qualquer eleição	R\$ 99,00
Talismã de Potência Sexual - Faz o velho ficar forte nos atos sexuais	R\$ 99,00
Talismã do Motorista - Defende o carro das viradas e acidentes	R\$ 99,00
Talismã da Memória - Fortalece a memória, faz se lembrar tudo	R\$ 99,00
Talismã do Cantador - Faz vencer todos os desafios, dá nome	R\$ 99,00
Talismã do Inverto - Faz chover em todas as regiões do Brasil	R\$ 99,00
Talismã das Apostas - Faz ganhar todos os jogos e corridas de cavalos	R\$ 99,00
Talismã da Sabedoria - Faz o homem inteligente, letrado e sábio	R\$ 99,00
Talismã do Sanfoneiro - Faz receber influência de todos os músicos	R\$ 99,00
Talismã do Violeiro - Faz arrancar dinheiro em todas as cantorias	R\$ 99,00
Talismã do Caminhoneiro - Defende dos acidentes e dos assaltos	R\$ 99,00
Talismã do Comerciante - Chama dinheiro, faz grande fortuna	R\$ 99,00
Talismã do Viajante - Protege, defende, dá muita alegria e paz	R\$ 99,00
Talismã do Sossego - Dá paz, harmonia e felicidade	R\$ 99,00
Talismã Planetário - Faz boas influências de todos os astros	R\$ 99,00
Talismã da Saúde - Faz a pessoa viver sadia, sem doenças	R\$ 99,00
Pedra Mágica - Evulta a pessoa, evita todos os males	R\$ 99,00
Cifra de Vênus - Faz qualquer pessoa ficar apaixonada	R\$ 99,00
Chave Mestre - Abre, destranca as portas da felicidade	R\$ 99,00
Anel Zodiaco - Defende o possuidor de todos os inimigos	R\$ 99,00
Signo de Salomão - Dá sabedoria e afasta os inimigos	R\$ 99,00
Horóscopo Completo - Revela o passado, analisa o presente e prediz o futuro	R\$ 99,00

ABRIGADA MARIBRASIL
BRASIL
"A"
O hermetista
Manoel Luiz dos Santos

Figura 1. Preço dos talismãs. Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 2010.

Os horóscopos e a confecção de talismãs respondem, na época moderna, aos mesmos anseios de séculos atrás: saber o que o futuro reserva de bom ou ruim e agir de acordo, minimizando os males e maximizando as vantagens (FLINT, 1990). A grande questão é que, hoje em dia, não temos mais o suporte do senso comum ou mesmo o saber dos homens letrados e eruditos que antigamente permitia e tornava viável a crença nessas formulações de previsão

do futuro ou de métodos para proteger-se do mal. Nosso sistema de crenças elimina *por princípio* quaisquer variáveis decorrentes de um mundo metafísico ou religioso. Assim, no atual mundo científico moderno, não podem nascer os frutos da religião e da crença dos homens de antigamente. Causa e efeito devem ser resultantes de elementos mensuráveis e quantificáveis, mas nunca de vontades alheias aos homens que, arbitrariamente, os dominam e os lançam de cima para baixo na roda da fortuna.

É precisamente essa divergência quanto ao que é possível ou impossível; a percepção do que pode ocorrer no mundo natural e daquilo que não pode; a crença de que algo além da matéria e energia concretas e observáveis possam influenciar na vida dos homens ou, por outro lado, explicar o funcionamento das leis naturais são sinais que usamos para separar claramente o mundo científico do senso comum. E é essa coloração popular, inclinada ao que é cientificamente inaceitável, que marca as publicações de almanaques, e falam, indiretamente, de seus leitores. Nesse sentido, os almanaques podem ser compreendidos como janelas que nos apontam para um tipo de mentalidade e de visão de mundo bem pouco representadas nos meios mais eruditos e informados. Assim, não é de espantar que os almanaqueiros faziam parte de sua renda a partir desse manancial cultural, que infunde suas marcas profundas na mentalidade nordestina ainda hoje em dia.

Capítulo I

Almanaques Populares No Contexto Cordelista

Os Almanagues Populares, também conhecidos por Almanagues de Feira e Almanagues de Inverno, foram publicações que circularam anualmente no Nordeste e cuja produção foi declinando nas últimas décadas (ver CARVALHO, 2011). São publicações de conteúdo variado, nas quais se encontram: previsão do tempo, horóscopo, eclipses, fases da lua, calendário, dias apropriados para o plantio, indicações da flora medicinal, anúncios de talismãs e vários outros artigos. Por suas características, os Almanagues guardam relação com os folhetos que tratam de profecias.

Almanagues e folhetos, em geral, representam o principal material de ordem intelectual manuseado pelo homem do campo nordestino. A mais antiga dessas publicações de que há notícia apareceu em 1919 e é de autoria de José Honorato de Souza, que residia em Vila Aguiar, do município de Piancó-Pb. Esse Almanaque, pode-se afirmar, serviu de modelo para o Almanaque de Pernambuco, de João Ferreira de Lima. Porém, não se pode afirmar que tenha sido o primeiro. É certo, entretanto, que nenhum Almanaque circulou antes da aparição dos folhetos, surgidos na última década do século XIX (LUYTEN, 1981).

Clifford Geertz, procurando apreender cientificamente a realidade social, sugere que ela seja estudada do ponto de vista de seus dois aspectos fundamentais: o Sistema Cultural e o Sistema Social. O primeiro refere-se ao simbolismo subjacente, ao comportamento social; o segundo, à maneira de agir, ou seja, à ação social. Usando as próprias palavras do autor: “Cultura” é a forma padronizada que as ações tomam. Refere-se ao conjunto de significados

(símbolos e representações sociais) em termos dos quais seres humanos interpretam sua experiência e guiam sua ação” (GEERTZ, 1973: 145).

O conceito de Geertz – de que o os sistemas cultural e social, embora interligados, podem ser considerados separadamente para fins analíticos – será utilizado no estudo dos Almanques Populares. Desse ponto de vista, os Almanques pertencem ao Sistema Cultural do grupo. O Sistema Social será representado pela forma como os indivíduos do mundo rural nordestino agem. Também será mostrado de que maneira os Almanques retratam a vida social rural e como eles podem contribuir para uma melhor compreensão das ações do homem do campo, procurando-se estabelecer as ligações entre os Almanques e seus consumidores.

É importante frisar que o Almanaque é um amálgama de elementos extraídos do Sistema Cultural do camponês nordestino. Dado que, os Almanques constituem uma espécie de modelo para certos aspectos da vida do homem do campo. A complexidade dessas publicações está não no número de elementos que as compõem, mas na forma pela qual eles se acham interligados.

Os Almanques, na sua primeira parte, enfatizam os aspectos astrológicos. A fé nas ciências ocultas. Porém, não é o apanágio do mundo rural nordestino. O Almanaque do Pensamento, publicação de âmbito nacional, bem como as atividades do horoscopista Omar Cardoso (popular na década de 1970), mostram que o fenômeno foi de muito maior extensão.

Alguns sociólogos fora do Brasil, entres os quais Cohen (1978) e Berger (1973), chamaram a atenção para o assunto. O último deles, falando da “suposta morte do sobrenatural”, que põe o problema nos seguintes termos: há evidências generalizadas de que a secularização não é tão abrangente como muitos pensaram e que o sobrenatural, banido da respeitabilidade cognitiva por certos intelectuais, pode sobreviver oculto em recantos e fendas da cultura. Mas não tão oculto como pensaram, continua a haver manifestações maciças daquela visão misteriosa que o racionalismo moderno chama de superstição como, por exemplo, a existência florescente de uma subcultura astrológica (BERGER 1973, 41-42). E, mais de

40 anos depois do trabalho do Berger (1973), uma pesquisa sobre horóscopo com alunos de universidade ainda mostra que há forte crença em horóscopos, e que somente alunos das chamadas ciências “duras” consideram astrologia pseudociência (SUGARMAN, 2011).

Berger (1973) vê a astrologia como um dos caminhos que o homem pode escolher para substituir o sobrenatural ou retornar a ele. A fé em Deus e as crenças na astrologia e nos talismãs (concepções até certo ponto inseparáveis umas das outras), coexistiram, pacificamente, nesse contexto brasileiro dos almanaques. Esses três níveis de crença são formas mediante as quais os homens se integram ao universo (mais amplo) de natureza sobrenatural, ao universo mais restrito grupal e, finalmente, encontram expressão para o seu universo individual.

A astrologia, expressão do determinismo dos astros, reparte os homens em doze signos do zodíaco. Cada indivíduo, conforme sua data de nascimento, tem um signo e é marcado por ele. Os nascidos sob o mesmo signo têm problemática semelhante entre si. Finalmente, cada pessoa (universo individual) terá problemas específicos que poderão ser resolvidos através de horóscopos individuais, consultas, talismãs, anéis zodiacais e outros. Dessa maneira, estabelecem-se as ligações do homem com o seu grupo e dos acontecimentos cotidianos com o mundo sobrenatural. Se apresentam, portanto, como manifestações simbólicas ligadas ao sobrenatural – ao religioso, astrológico e o mágico. Esses são elementos culturais ligados ao comportamento subjetivo à vida espiritual ou não material. Um elemento como a terra, de que trata a segunda parte das Almanques e que é o meio de sobrevivência do homem do campo, está mais diretamente ligado ao seu comportamento objetivo, ou seja, à vida material. Assim, os almanaques refletem esse relacionamento.

Neste trabalho, será mostrado que os almanaques estavam fortemente ligados às tradições do mundo rural em que pese as transformações que esse mundo vem sofrendo nas últimas três décadas provenientes do processo de modernização. É natural, portanto, que esse segmento da sociedade nacional reaja no sentido de

maior valorização dos seus valores tradicionais (FIRTH, 1974). Modernização deve ser entendida aqui, nos termos em que definiu Costa Pinto, como “um processo que consiste na adoção, por uma sociedade em mudança, de comportamento, de instituições, valores e ideias, características de sociedades avançadas, sem que isso implique em mudanças estruturais que alterem basicamente o perfil da sua estrutura econômica e social” (PINTO, 1967: 193).

O comportamento do grupo rural nordestino é, portanto, ambíguo. Se por um lado apresenta-se permeável à modernização, por outro tenta preservar sua cultura (popular). Cultura Popular, Cultura Tradicional, Cultura Rústica ou Caipira deve ser entendida como a definiu Antônio Cândido em *Parceiros do Rio Bonito*: “Cultura que resultou do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferências e modificações dos traços de cultura original, seja em virtude do contato com o aborígene” (CÂNDIDO, 1964:7). Segundo Pereira de Queiroz, essa Cultura Tradicional, que corresponde à antiga Civilização Brasileira, estava configurada no século XVIII; posteriormente, seus usos e costumes “recuaram para o meio rural, onde se conservam mas fragmentos dela persistiram nas camadas inferiores urbanas” (PEREIRA DE QUEIROZ, 1973: 297).

Dessa forma, caracteriza-se a essa Sociedade Tradicional forte sentido de localidade, estreita convivência, prática de auxílio mútuo, atividades lúdicos-religiosas e apego às tradicionais. O apego às tradições, que atua contra os elementos inovadores, é traço marcante de várias culturas camponesas de outros países do mundo, bem como das camadas inferiores da vida urbana – como observou Pereira de Queiroz (1978), com respeito ao Brasil, e Hoggart (1973), com respeito à classe operária do norte da Inglaterra. Assim, afirma o autor inglês: “as pessoas das classes proletárias opõem a todas as mudanças uma resistência tradicional e interior”. Esse segmento é tão forte que Hoggart, oriundo de classe trabalhadora, declara:

ao escrever encontro-me constantemente na obrigação de resistir a uma forte pressão interior que me leva a encarar o antigo como muito mais admirável que o novo, e o novo

como algo condenável, sem que para tal me baseie na minha compreensão consciente do material de que disponho. Estou pois a olhar esse material através da lente deformadora da nostalgia: fiz o que foi possível para obstar a seus efeitos (HOGGART, 1973: 21).

Neste estudo, os Almanques Populares serão considerados como parte da literatura de Cordel. A poesia de cordel tem sido área de estudo de um conjunto grande de trabalhos. Em 2013, um levantamento mostrava um conjunto de quase 1000 títulos (GASPAR et al., 2013) sobre o cordel, que abordavam uma gama grande de temas como tecnologia (ALMEIDA *et al.*, 2016), instrumentos musicais (SCHMID, 2017), violência no cangaço (ALESSIO, 2004), direito (GAUDENCIO, 2015) e aspectos como a leitura e a oralidade associado ao cordel (GALVÃO, 2002; MOURA, 2009) ou suas ligações com a literatura erudita (ABREU, 2004) ou o seu papel na educação, para citar alguns temas, amplamente maior que os dedicados ao estudo do Almanques.

A análise da importância dos Almanques no contexto sociocultural nordestino será feita mostrando que os Almanques: a) constituem elementos representativos do sistema cultural; b) estão amplamente vinculados ao Sistema Social (nos termos de Geertz) do homem rural nordestino; c) representam o papel de mantenedores dos valores tradicionais da Sociedade Rural; d) refletem também as mudanças ocorridas nas últimas décadas. No dizer dos seus autores, os Almanques são um “guia prático para o agricultor e criador”, tornando-se necessário conhecer a vida social da população a que se destina para se saber as relações entre essa e a maneira pela qual é retratada nos Almanques.

O Almanque é uma publicação escrita por pessoa originalmente do meio rural e destinada a leitores do mesmo meio, impossível de ser plenamente compreendido sem considerar esse contexto. A pesquisa foi feita junto aos autores de Almanques e poetas populares, tendo como suporte a leitura das publicações e entrevistas. Foram entrevistados: Átila Almeida (pesquisador de

poetas populares), Berenice Souza (filha de Ferreira Lima), Caetano Cosme da Silva, José Alves Sobrinho (poeta popular), José Costa Leite (poeta popular), José Inocêncio Rosa (autor de almanaques, Solânea), Manoel Camilo dos Santos (cantador e poeta popular), Manoel de Almeida Filho (poeta popular) e Manoel Luiz dos Santos.

Este trabalho é estruturado em quatro capítulos. No capítulo I, “Os Almanagues Populares no Contexto Cordelista”, é mostrada a base desse tipo de produção. No capítulo II, “Os Almanagues de Ferreira Lima, Manoel Luiz dos Santos, Manoel Caboclo e Costa Leite”, é apresentada a história de vida dos quatro autores estudados, evidenciando-se a sua origem e formação rural, bem como suas ligações com o mundo cordelista. Este estudo foi baseado em entrevistas de 1980. No capítulo III, “O conteúdo dos Almanagues”, apresenta-se uma visão global dos Almanagues. Este capítulo procura mostrar as semelhanças, diferenças e pontos de convergência dos diversos autores de Almanagues. Apresenta-se, também, as principais seções dos Almanagues, mostrando não só as perspectivas diferenciais entre cada um dos quatro Almanagues existentes, mas também as tendências no desenvolvimento do mundo rural nordestino da década de 1980. No capítulo IV, “Os Almanagues e o Meio Rural”, dá-se uma visão global do Nordeste brasileiro, região onde os Almanagues eram produzidos e consumidos para se entender o contexto em que se achavam inseridos, propiciando o estabelecimento das relações entre os Almanagues e a realidade por eles retratada.

Este trabalho organizou e sistematizou o estudo dos Almanagues através do estudo do material publicado por quatro principais autores desse estilo de literatura e através das entrevistas com três desses e com a filha de um deles (Ferreira Lima). O tema está, portanto, centrado nos Almanagues e no contexto rural nordestino. O material básico utilizado na pesquisa foi de natureza bibliográfica, sendo, portanto, a partir dos Almanagues que se obteve os principais dados para a elaboração do trabalho. Este estudo, feito em grande parte em 1980, foi possível graças ao acesso aos autores dos próprios Almanagues. Nessa década, entre os quatro

autores, somente Ferreira Lima já havia falecido e sua filha Berenice, que continuou elaborando seu Almanaque, foi entrevistada.

Quadro 2. Autores e nome dos Almanaques dos quatro autores estudados e período da edição.²

Nome	Nome do Almanaque	Período da Edição
João Ferreira de Lima (1902-2011)	Almanaque de Pernambuco	1936 a 2011 ³
Manoel Luiz dos Santos (1926-2017)	Almanaque Nordeste Brasileiro	1949 a 2017
José Costa Leite (1927)	Calendário Nordestino (inicialmente Calendário Brasileiro)	De 1960 - ainda sendo editada em 2018
Manoel Caboclo e Silva (1926-1996)	Almanaque O Juízo do Ano	De 1960 a 1996

O trabalho foi iniciado através do levantamento dos Almanaques que circularam na região. Foram selecionadas, entre eles, os de quatro principais autores para serem analisados com maior detalhe: Almanaque de Pernambuco, Almanaque Calendário Brasileiro, Almanaque do Nordeste Brasileiro, Almanaque O Juízo do Ano, respectivamente de João Ferreira de Lima, Manoel Luiz dos Santos, José Costa Leite e Manoel Caboclo e Silva (Quadro 2 e Figura 2 a Figura 5).

² Os títulos dos quatro almanaques estudados serão referenciados sem aspas, sem itálicos e/ou sublinhados). Por exemplo: Almanaque de Pernambuco: O Juízo do Ano dentro do texto algumas vezes aparece somente como Juízo do Ano.

³ Apesar de a filha de João Ferreira Lima não ser encontrada, Melo (2011) informa que seu almanaque ainda estava sendo publicado em 2011.

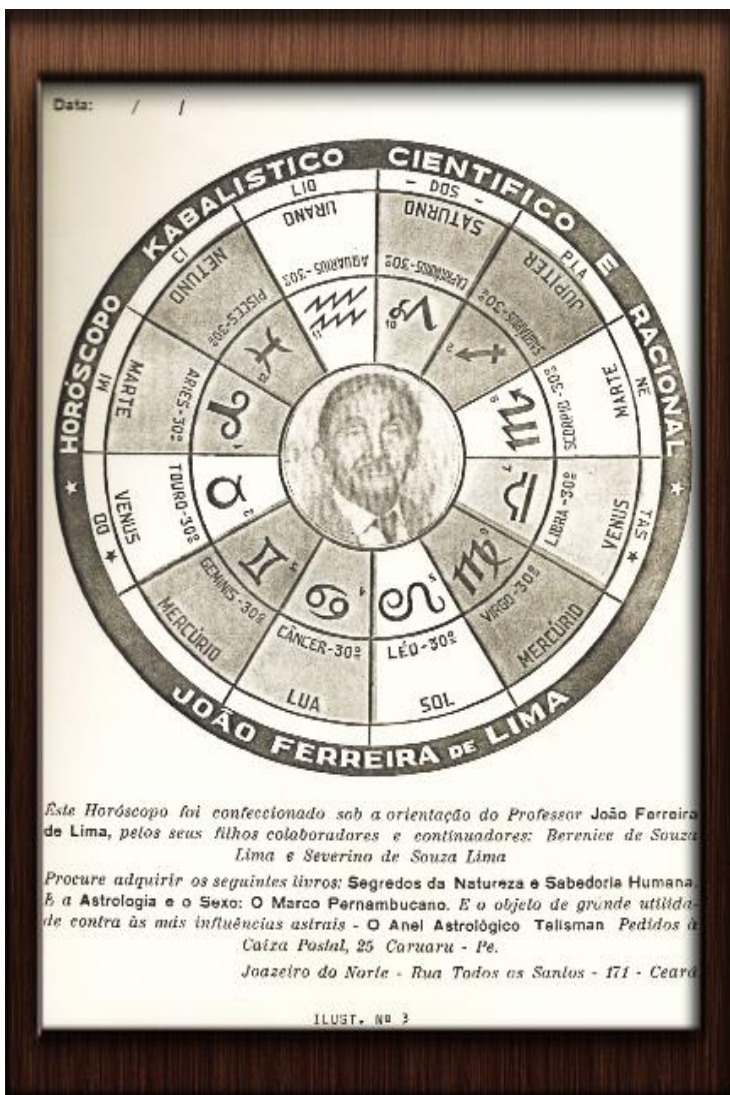


Figura 2. Segunda capa do Almanaque de Pernambuco, João Ferreira de Lima, 1972.

ALMANAQUE DO NORDESTE BRASILEIRO PARA O ANO DE 1971



Pelo Professor de

Astrologia e Ciências Ocultas:

MANOEL LUIZ DOS SANTOS

23 Anos de Publicações

(17)

Combardeio, tristeza e confusão.
Retocesso, falência e carestia.
Vtropêlo, prisões e tirania.
Zofrimento, vingança e traição.
Incêndio, soberba e corrupção.
Madroeira, doença, afastamento;
Combaraco, desonra, fingimento;
Inverno, aguaceiros, plantações;
Rios cheios, relâmpagos e trovões;
Chei tudo da Terra ao Firmamento.

Vai você pagar as multas porque já sou cem por cento com as Ciências Ocultas dos Astros no firmamento, garanto minhas consultas de amores ou casamento.

Pronto pra lhe defender já estou bem prevenido, só precisa me escrever querendo ser atendida ou vanha já receber um talismã garantido.

Sou **MANOEL LUIZ DOS SANTOS** de São José do Egito, vou diminuir seus prantos num prognóstico bonito, afugentando os quebrantos darei tudo por escrito.

Figura 3. Capa do Almanaque Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos.

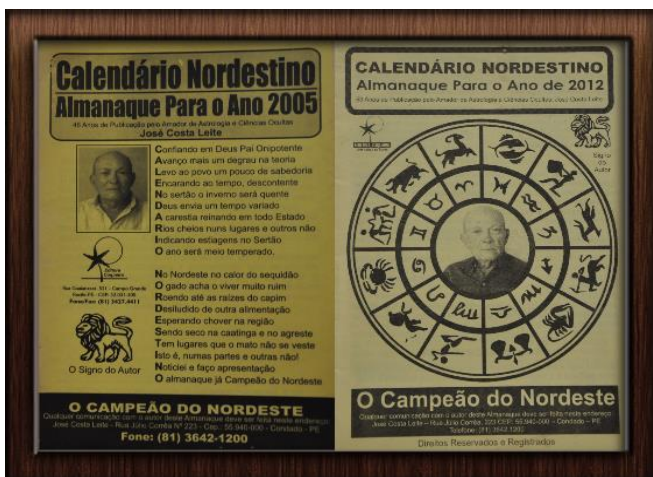


Figura 4. Capa do Almanaque do Nordeste, José Costa Leite, 2005 e 2012. (Antigo Almanaque Calendário Brasileiro)



Figura 5. Capa do Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva, 1993, 1994, 1995 e 1996.

Esses quatro autores tiveram seus Almanques circulando por mais de cinquenta anos de existência. Eram bem conhecidos na década de 1980, sendo o último Almanaque de Manoel Caboclo publicado em 1996, deixando inconclusivo a edição de 1997 (FRANÇA Jr, 2007). Até o presente (2018), somente Costa Leite continua publicando seu almanaque.

Um outro fator para a escolha desses quatro autores é o fato da posse da maior parte dos almanques publicados por eles pela primeira autora na década de 1980 (doados por ela para Coleção de Obras Raras de Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba). Além da leitura dos 96 números de Almanques dos quatro autores selecionados que serviram de base para esse estudo, foram lidos também Almanques de outros escritores, cujos exemplares compõem o Quadro 3 (ver também Figura 6 para ilustrações de algumas capas).

Quadro 3. Relação de Almanques Populares do Nordeste

- 1- Almeida, José Leite de
“A chave da Verdade” – prosa – não tem versos
João Pessoa - PB não reg. no Dicionário.

- 2- Amaral, Pedro Antônio do
“Juízo Meteorológico do Ano” - 1ª. Publicação - 1946
Prosa – não registrada no Dicionário
Vila do Tibira
Impresso em Patos

- 3- Prof. Apoleão (Adalgiso Carlos de Oliveira)
“Almanaque Estrela”
Prosa – registrado no Dicionário como astrólogo e Poeta Popular
1975 - 1976. Cajazeiras - PB
1977, Iguatu - CE

- 4- Cavalcanti, Antônio Bandeira

“Juízo astrológico referente ao ano de 1949” - 1ª. Publicação - 1948

Prosa – não registrado no Dicionário – (não tem versos)
Remígio – PB

5- Dantas, Rosáfico Saldanha

“Almanaque do Agricultor”

Prosa – Poeta Popular registrado no Dicionário - RN
Impresso em Guarabira - PB

6- Leite, José Costa

“Calendário Brasileiro” - 1ª. Publicação - 1960

Prosa – Poeta Popular registrado no Dicionário
Condado, Goiana, PE

7- Lima, João Ferreira de

“Almanaque de Pernambuco” - 1ª. Publicação - 1936

Prosa – Poeta Popular registrado no Dicionário
Caruaru, PE

8- Melo, Vicente Vitorino e

“Almanaque do Nordeste” - 1ª. Publicação - 1953

Prosa – Poeta Popular e Cantador registrado no Dicionário
Caruaru, PE

9- Miranda, Pedro Dias de

“Almanaque Aéreo da PB” - 1ª. Publicação - 1947

Prosa – não registrado no Dicionário – faz versos no Almanaque

10- Patrício, Antônio

“Almanaque Pernambucano ... Brasileiro”

Verso – não registrado no Dicionário

11- Pereira, José Amaro

“Novo Almanaque de Pernambuco” - 1ª. Publicação - 1964

Verso – Poeta Popular registrado no Dicionário
Impresso em J. do Norte - CE

- 12- Romão, Antônio Batista
“O Juízo Nordestino” - 1ª. Publicação - 1954
Verso – Poeta Popular registrado no Dicionário
- 13- Rosa, José Inocêncio
“Almanaque O Vencedor” - 1ª. Publicação - 1961
Prosa – não registrado no Dicionário - Solânea - PB
- 14- Sabino, João
“Almanaque do Destino” - 1ª. Publicação - 1964
Prosa – não registrado no Dicionário – Tem verso no Almanaque
- 15- Santos, Manoel Luiz dos
“Almanaque do Nordeste Brasileiro” - 1ª. Publicação - 1949
Verso e depois prosa – São José do Egito – PE
Poeta Popular registrado no Dicionário
- 16- Santos, Sebastião Pereira dos
“Almanaque Apolo Norte” - 1º número publicado em 1970
Verso e depois prosa – Poeta Popular registrado no Dicionário
Campina Grande - PB
- 17- Silva, Cícero Soares
“Almanaque Paranor” - Sumé - PB - 1ª. Publicação - 1951
Prosa – não registrado no Dicionário
- 18- Silva, José Joavilim
“Almanaque Leão do Norte” até 1976 - 1ª. Publicação - 1944
“Almanaque S. José” depois de 1977
Prosa – Poeta e Cantador, registrado no Dicionário
Caruaru – PE
- 19- Silva, Manoel Caboclo e
“Almanaque O Juízo do Ano” - 1ª. Publicação - 1960
Prosa – Poeta registrado no Dicionário
Juazeiro do Norte - CE

20- Souza, José Honorato
“Vaticínio e Prognóstico do Ano de ...” - 1ª. Publicação - 1919
Prosa – não registrado no Dicionário (sem versos)

NOTA: O Dicionário a que se refere o texto é o Dicionário Bio-Bibliográfico de Cantadores e Poeta de Bancada (Almeida *et al.* 1978).

Desde o momento em que os Almanques foram identificados como publicação pertinentes à literatura de cordel, procurou-se selecionar os informantes entre as pessoas que trabalharam por longo tempo nessa atividade. Deve-se dizer que o estreito conhecimento que tivemos com alguns cantadores e poetas populares foi fator decisivo para que se colhessem um conjunto grande de informações nas entrevistas feitas. Dessa maneira, foram redigidos roteiros para entrevistas, embora, comumente, elas tenham sido as mais abertas possíveis a fim de permitir a flexibilidade e liberdade necessárias ao fluxo da informação – especialmente os vinculados à história da vida dos autores de Almanques, o processo de elaboração e comercialização dos Almanques e dos produtos neles anunciados. Essas entrevistas ocorreram ao longo do primeiro semestre de 1979, quando somente João Ferreira de Lima havia falecido, e, sobre o qual, a filha dele, Berenice de Souza Lima, assumiu os trabalhos do pai, e foi a entrevistada.

No trabalho de análise dos dados escolhidos, utilizou-se basicamente o método comparativo. O fato de se estabelecer o confronto entre eles, comparando suas similaridades, divergências, fontes de trabalho, permitiu as inferências feitas no presente estudo.



Figura 6. Capa do “Novo Almanaque de Pernambuco”, “Juízo Astrológico”, “Almanaque Estrela” e “Almanaque Paranor”.

Capítulo II

A Cultura e os Almanagues Populares

Os Almanagues se enquadram dentro do contexto cordelista e, neste capítulo, mostraremos a natureza que corrobora essa ligação. A similaridade dos Almanagues com o folheto de cordel pode ser vista pela própria análise das características físicas do Almanaque, em relação ao seu aspecto tipográfico, paginação, sistema de vendas, autoria, linguagem e conteúdo similar ao folheto de cordel.

Geralmente, os Almanagues eram impressos em folhetarias populares, as mesmas que imprimem os folhetos o que lhes dá o mesmo efeito tipográfico. Os Almanagues, como os Folhetos, tinham comumente oito, dezesseis ou trinta e duas páginas – embora se possam mencionar algumas exceções a essa regra, como, por exemplo, o “Almanaque Estrela” (1975) do prof. Apoleão, com cinquenta e duas páginas. Tanto os Almanagues como os Folhetos eram e ainda são vendidos juntos às feiras, mercados, estações rodoviárias ou na própria residência dos seus autores.

Os Almanagues (muitas vezes chamados de Folhinhas), apesar de serem em sua maior parte em prosa, trazem na capa décimas em acrósticos e, no seu interior, versos. Dos vinte autores pré-selecionados para esta pesquisa (Quadro 3), dez são poetas populares. Os quatro autores que serviram de base para a elaboração deste trabalho são poetas populares, sendo Costa Leite e Ferreira de Lima os que contam maior número de folhetos publicados entre os quatro. Vê-se, também, que temas como horóscopo, profecias, Padre Cícero e outros, ligados à vida do interior do Nordeste, são abordados tanto por poetas populares, como por autores de Almanagues.

Os acontecimentos que depois dos anos trinta ocorreram no país – a princípio, em um ritmo lento; depois, acelerado, durante o forte processo de industrialização – tiveram forte impacto no

campo (FURTADO 2005, NAVARRO 2001, FONSECA *et al.* 2017). Até 1930, o Brasil era um país essencialmente agrícola e boa parte da população citadina estava ligada às atividades agro-pecuárias. Nas décadas de 1950 e 1960, ocorreram grandes transformações sociais em decorrência de alterações econômicas, políticas, culturais e técnicas. A ampliação dos meios de comunicação também determinou profundas modificações na vida sócioeconômica das comunidades rurais.

Todas essas transformações que ocorreram, e continuam a ocorrer no mundo e no Brasil, afetaram a cultura tradicional rural e a literatura de cordel. Três fatores do processo de modernização estão mais diretamente ligados à desarticulação do cordel: o rádio, as migrações e a inflação.

Foi aproximadamente em 1950 que o rádio e o cinema se difundiram no interior do Nordeste. Na década de 1960, surge o rádio transistorizado que teria uma área de penetração muito mais extensa. A pesquisa de Figueroa (1977) afirma que, em 1966, 54% da população rural nordestina ouvia rádio diariamente. Assim, logo foi introduzida a televisão. Essas mudanças causaram impacto inclusive no emprego dos meios de difusão da literatura, afetando autores e leitores.

No rádio, surgiram, em torno de 1950, os programas de cantadores (ver ALMEIDA *et al.*, 1978; ver verbete José Clementino de Souto) e os que falavam de horóscopo. Entre os poetas populares, a prática (que sempre existiu) de versar filmes e novelas radiofônicas se intensificou. É nesse momento (fins da década de 1950) que parece começar a decadência do cordel. Do início do século até a década de 1950, houve um esgotamento das temáticas exploradas. Ao longo do tempo, as fadas, os príncipes e os encantamentos começaram a atrair cada vez menos, encontrando substitutos nas novelas radiofônicas. A literatura popular alimentava essa esperança com fantasias, transformando a difícil realidade do sertão numa terra de “São Saruê”.

Com a industrialização, o Sul assumiu esse papel e tornou-se o São Saruê dos nordestinos. Abalados pelo impacto da popula-

rização do rádio, cinema e televisão, os cordelistas tiveram de enfrentar mais dois problemas que estão diretamente ligados à decadência da venda de folhetos de cordel, nos centros produtores tradicionais (Paraíba e Pernambuco): a migração e a inflação.

A migração de massas de nordestinos atraídos pelo processo de industrialização do Sul e Sudeste, pela construção de Brasília e fugindo das difíceis condições de trabalho da sua região carregou para o Sul vários poetas que se estabeleceram no Rio de Janeiro (Azulão, Apolônio, Mocó, Expedito Ferreira e outros) e em São Paulo (Francisco de Souza, Amaro Quaresma, Antônio Teodoro dos Santos, Manoel Pereira Sobrinho, e outros). Os primeiros estabeleceram-se no largo de São Cristovão, produzindo e vendendo poesias aos nordestinos, que se estabeleceram no Rio. Os segundos, em São Paulo, ceavam de poesias os prelos da Prelúdio (depois Luzeiro Editora) que oferecia folhetos em policromia aos nordestinos.

Como cita Luyten (1981), o cordel paulista começou a ser feito por pessoas que migraram do meio rural nordestino. A desordem financeira que a inflação provocou entre os comerciantes de folhetos levou à completa perda de perspectiva em seus negócios. Manoel Camilo dos Santos praticamente encerrou suas atividades de editor entre 1962/1963; João José da Silva, em 1964; José Bernardo reduziu a um quinto ou menos a sua produção na mesma época. Esses editores estavam estabelecidos, respectivamente, em Campina Grande (PB), Recife (PE) e Juazeiro do Norte (CE). (Informante: Átila de Almeida).

No início da década de 1970, a economia brasileira, em face da sua expansão desenvolvimentista, gerou no país um clima de euforia com o rápido crescimento econômico (GRAHAN e HOLLANDA FILHO, 1973: 105). Como resultado desse quadro, a corrente migratória norte-sul intensificou-se em relação à década anterior, ao mesmo tempo que se acelerava o processo de urbanização da população brasileira. No meio incentivado por essa pletora desenvolvimentista, as atividades ligadas à literatura de cordel, mesmo nos estados do Nordeste onde vinham decaindo desde fins de 1950, foram ligeiramente incrementadas, mas já não havia apoio

na sociedade rural capaz de permitir a revivescência das casas editoras citadas anteriormente.

O mercado comprador se modificava rapidamente; seja emigrando, seja aderindo às novas formas de comunicação (televisão). Em 1970, os 171 municípios da Paraíba estavam eletrificados e a televisão se difundia em todos os níveis sociais. O romance em verso passava a competir com a novela televisionada e com o cinema. A revivescência experimentada no cordel no início da década de 1970 durou pouco no Nordeste. Os elementos socioeconômicos que a determinaram não tinham força para se opor aos processos migratórios e às mudanças de hábitos determinados pela modernização e pelo esvaziamento dos campos (ABRAMOVAY, 1999).

Por essa época, no Nordeste, muitas entidades públicas, à pretexto de preservar a cultura, financiaram impressões de folhetos aos derradeiros abencerragens da poesia popular. Esse fato é visto pela maioria dos cordelistas como prova contundente de que não podiam caminhar sozinhos. É certo, todavia, que, em São Paulo, onde se concentrou grandes contingentes nordestinos, as atividades cordelistas foram revitalizadas na década de 1980 (LUYTEN, 1981) a partir da migração do Nordeste para Sudoeste. Para Luyten (1980), o Cordel já não era mais o jornal do povo nos moldes anteriores, mas o autor já apontava para as reformulações quando o Cordel começa a ser conhecido nos meios eruditos nacionais e internacionais. Também mostra a nova reformatação nos métodos de impressão e divulgação quando folheterias nordestinas foram fechadas e folhetos passaram a ser impressos com apoio de universidades. Essa revivescência do cordel ocorreu também na década de 1980, em Salvador, novo centro turístico do País, onde a dinâmica atuação dos poetas Rodolfo Coelho e Minelvino Francisco da Silva foi responsável pelo fenômeno.

Não é possível, entretanto, transpor para os Almanques, *ipsis literis*, a dinâmica encontrada à criação e comercialização dos folhetos. Como publicações mais práticas, de interesse mais perene e específico, os Almanques conseguiram escapar às agruras dessa crise, sobretudo pela ausência de concorrente específico. Porém,

eles também foram alcançados por alguns dos problemas que afetaram a literatura popular em verso.

Como consequência da inflação, muitos autores passaram a não declarar o preço da publicação na capa. Ferreira de Lima deixa de declará-lo, em 1961, e Manoel Luiz dos Santos, em 1966. No corpo dos Almanques, explicam que o preço do papel onera o produto e eles se veem obrigados a vender mais caro. Quanto à migração da população, ela é sempre desaconselhada pelos escritores de Almanques. Contudo, a migração prossegue. Nas entrevistas, os autores de Almanques fazem referência à sua grande freguesia residente no Sul, especialmente para elaboração de Horóscopo. Trata-se, sem dúvida, da população nordestina emigrada.

É muito difícil saber o número de Almanques que circulou em cada ano, porque não se tem registro das tiragens de cada publicação. Tem-se, entretanto, algumas informações esparsas. Sabe-se, por estimativa baseada na leitura dos Almanques e em declaração de informantes, que Ferreira de Lima chegou a vender 90.000 Almanques em um ano. Entretanto, a tiragem do Almanque de Pernambuco, no início da década de 1980, não devia chegar a 10.000 exemplares, quando todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que esse Almanque não tinha a popularidade do passado. Esse número corresponde à tiragem na década de 1980 dos Almanques de Costa Leite, Manoel Luiz e Manoel Caboclo. É possível que, na década de 1980, o número de Almanques que circulava anualmente tenha sofrido um decréscimo, mas não se registrou, nesse setor, o colapso verificado com os folhetos (para tiragem dos almanques de seu município até 1980 ver os quatro quadros sobre “Características dos Almanques”).

Os Almanques escritos em janeiro, fevereiro ou março (destinados ao ano seguinte) eram lançados à venda em junho e têm maior saída de julho até o início do ano a que se destinam. Assim, um Almanque escrito em fevereiro de 1980 faria previsões para 1981 – e é por isso que tendo falecido Ferreira de Lima em agosto de 1972, o último Almanque redigido por ele é para 1973.

Os Almanques são vendidos geralmente nas feiras, juntamente com os folhetos, e muitos feirantes têm ponto em mais de

uma feira. Caetano Cosme participava, até década de 1980, rotineiramente nas feiras de Campina Grande (PB) e de Itabaiana (PB), e também, eventualmente, nas feiras de Araras (PB) e Barra de Santa Rosa (PB). Mas havia vendedores que passavam a semana andando de feira em feira. Fora das feiras, Folhetos e Almanques podiam ser encontrados, como já foi dito, em mercados, estações rodoviárias e locais onde eram vendidos artigos regionais. Com esse sistema de vendagem, os Almanques chegavam às regiões mais longínquas. A área de maior penetração dos Almanques era a nordestina, indo da Bahia ao Maranhão. Todavia, a venda do produto se concentrava mais nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia. Alguns Almanques, entretanto, têm representantes ou revendedores em Goiás e Mato Grosso. Todo esse comércio, bem como o trabalho de impressão, era realizado sem contrato oficial, sendo verbais os acordos para esse fim. No entanto, se algum revendedor não efetuasse o pagamento dos Almanques comprados, seu nome era retirado da relação de representantes, que geralmente era publicado na contracapa.

Em relação ao problema de tiragens dos Almanques, tem-se a possibilidade da existência das reproduções clandestinas do Almanques, que não deixam de preocupar os autores, dando origem a reclamações. Em 1959, Manoel Luiz estampa na capa: “Direito reservado de acordo com a lei de segurança. É expressamente proibida a reprodução deste Almanaque sem a autorização do Sr. Manoel Luiz dos Santos”. Em 1960, página 11, Costa Leite publica:

A leitura instrutiva deste Almanaque desenvolve as faculdades de sua inteligência, é um meio de alargar seus horizontes: Se aparecer algum rato humano, vendendo este Almanaque para 1961, cuidado! só é legítimo, se tiver o clichê do autor na capa do mesmo.

Sebastião Pereira dos Santos não ficava mais tranquilo. Imaginando a reprodução do seu trabalho, passou a assinar todos os exemplares do seu Almanaque. Inocêncio Rosa adverte:

É expressamente proibido a reprodução dos artigos deste Almanaque, bem como todo e qualquer cálculo astrológico

do mesmo. O autor tem em depósito as garantias que a lei exige e como tal, acionará judicialmente qualquer infrator da mesma lei.

De fato, como todos advertem sobre a reprodução indevida dos Almanques, parece que isso podia ocorrer ou ocorreu algumas vezes. Idêntica reclamação existe entre os poetas populares. Quase todos os autores de Almanques se diziam Astrólogos, e esse título lhes conferia popularidade e respeito entre os poetas populares. É na capa e contracapa que se encontra uma série de informações, desde a forma pela qual os autores de Almanques se auto intitulam até os mais variados tipos de propaganda dos seus trabalhos.

João Ferreira de Lima e Manoel Luiz, por exemplo, se intitulavam “amadores de Astrologia e ciências ocultas”. “Pelo amador de Astrologia e Experiências Populares” é o título que se dá José Costa Leite, no primeiro ano de publicação. José Joavilim Silva se diz “Orador de Astrologia e Ciências Ocultas”. Encontra-se, em Inocêncio Rosa, autor do Almanaque O Vencedor, a seguinte declaração: “O verdadeiro guia dos agricultores, Astrólogo, Profético e literário”. No Almanaque de Pernambuco, de João Ferreira de Lima (1958), lê-se:

O Almanaque de Pernambuco, já conhecido a 21 anos e o seu profissional a 36 anos e de estudos pesquisas científicas, que vem orientando todos os anos prognósticos nas predições do tempo, comércio, colheitas, mudanças, viagens e outras profecias astrológicas de várias naturezas. Dar consultas e faz horóscopos por todo curso da vida com teoria e prática de longo tempo. Consulta Cr\$ 50,00. Horóscopo Cr\$ 100,00 em casa. Fora do estado custa, consulta Cr\$ 100,00, Horóscopo Cr\$ 200,00 atendendo chamado até dez pessoas. Rua Sergipe, 58 – Caruaru-Est. Per.

Costa Leite, por exemplo, como subtítulo do seu Almanaque, acrescenta: “O Rei dos Almanques”, e o número de 1961 é aberto com um “Prefácio” que diz assim:

Prezados leitores: É com grande prazer e entusiasmo que vos apresento o 2º ano de publicação do calendário brasileiro, vos prometendo servir melhor este ano de que em 1960. Este Almanaque (sem exagero) é e será o mais certo, o mais pontual e o baseado no Lunário Perpétuo e na Astrologia Prática.

Essa, todavia, não é a única propaganda; em mais três lugares ele insere outras. Sebastião P. dos Santos assim se explica:

Estimados leitores: o Almanaque Apolo Norte está com 7 anos de publicação, quem já tem comprado, já está ciente das minhas previsões; quem ainda não comprou, compre; pra ver o que tem de bom e real.

O prof. Apoleão, no prólogo de sua publicação de 1975, adverte aos seus fregueses:

Aos meus caros leitores, cada um é autoridade na função que exerce, por esse motivo cada ser deve procurar zelar pelo seu próprio mérito. Modéstia parte, como astrólogo, ainda não me decepcionei com as minhas previsões.

Mas a leitura dos Almanaques revela também a necessidade que têm seus autores de serem socialmente aprovados. Alguns procuravam destruir qualquer impressão, que podia existir entre os leitores, quanto a periculosidade ou ilegalidade das suas atividades.

Em Inocência Rosa, por exemplo, encontra-se uma série de cartas de leitores, dirigidas ao autor do Almanaque, cujo conteúdo fala da eficiência das suas previsões ou dos seus horóscopos, cartas evidentemente redigidas pelo próprio Inocência. Há também a destacar um atestado do delegado de polícia de Macaus (RN), declarando que o autor, nos dias em que permaneceu na cidade, “satisfaz a todos que foram pelo mesmo consultados”. Verdadeiro ou não, o documento está publicado e revela necessidade de mostrar a aprovação do público, bem como interesse de conquistar novos fregueses. Muitos exemplos como esses poderiam ser levantados nos Almanaques.

Alguns Almanques apresentam, na capa e contracapa, versos em acróstico correspondente a seu título. Por exemplo, João Ferreira de Lima apresenta o acróstico Pernambuco e Manoel Luiz dos Santos, Brasileiro. Além dos versos, as capas e contracapas dos Almanques são utilizadas para propaganda. É nelas que se encontram a relação dos revendedores e local em que, muitas vezes, se chama a atenção para os artigos à venda: Horóscopo, Consultas, Remédios, Defumadores e Talismãs. Deve-se notar que há muita propaganda espalhada nas demais páginas dos Almanques. Há também propaganda de produtos que não são de fabricação do autor do Almanque, como o caso de Manoel Luiz que anunciava os produtos de Manoel Caboclo.

Quase todos os Almanques de 1980 eram escritos em prosa. Alguns, todavia, como o de Caetano Cosme, tinha uma parte em verso e outra em prosa. Outros nasceram em verso para depois mudaram de linguagem. Manoel Luiz escreveu em versos até 1957; Sebastião dos Santos, até 1971, tendo escrito somente os dois primeiros números em versos. Esse último autor explica a mudança declarando que “o leitor gosta de Almanque de página cheia”. Manoel Luiz está seguro “que o sertanejo prefere Almanque em verso porque é mais bonito”, mas mudou para prosa para acompanhar a linguagem dos outros.

É possível que a população realmente goste mais do verso, mas a realidade é que quase todos os Almanques, em 1980, eram em prosa (vide Quadro 3). O Almanque de Manoel Luiz dos Santos de 1958 é o primeiro feito em prosa, mas a página número 1 é ocupada por versos dirigidos ao público que se pode ler na última sextilha:

Vou mudando a oração
Das linhas do pensamento
Para o juízo do ano
Que mostra mais fundamento
Em prosa do que em verso
Lá p’ra seu conhecimento

Três vantagens da prosa são evidentes: primeiro, enchendo toda a página permite o aumento do número de informações; segundo, por ser mais fácil exprimir e discutir ideias; terceiro, porque a inclusão no texto de calendários, tabelas, anúncios, compatibiliza-se com a prosa e não com a poesia. Enfim, as restrições que a prosa impõe são menores do que as impostas pela métrica e pela rima. É possível que a essas razões possam ser acrescentadas como estímulo à mudança, a ideia de remover de alguma forma os Almanques, em virtude de eles se encontrarem em concorrência com outros meios de comunicação. É preciso salientar que o poeta popular, via de regra, aparenta ter facilidade de expressão em verso, assim como em prosa. Então, a opção de escrever em prosa não representou uma simplificação da sua tarefa. Como exemplo do que foi afirmado, pode-se citar o Almanaque de Manoel Luiz dos Santos (1971), em que o autor faz propaganda dos seu trabalho em um texto aparentemente em prosa:

Vai você pagar as multas/ porque já sou cem por cento/
com as ciências ocultas/ dos Astros no firmamento; / ga-
ranto minhas consultas/ de amores ou casamento. / ... (os
traços indicando os versos são nossos.)

Há temas de interesse de poetas populares e de seus autores de Almanques. Entre eles, estão os que se referem a horóscopo, profecia, Pe. Cícero e Flora Medicinal. O primeiro deles tem atraído muitos poetas, entre os quais tem-se dois nomes muito representativos da literatura de cordel: Manoel Camilo dos Santos (Figura 7) e Lumerque (Figura 8). Vale mencionar também o trabalho do poeta Chico Mariano, autor de folheto intitulado: “Aquário signo do autor Poeta Chico Mariano” (Figura 9). Também Severino Barbosa Torres, publicou, em 1963, quatro folhetos intitulados “Horóscopo”, correspondendo cada um, respectivamente, aos signos Aquário, Peixes, Carneiro e Touro. Esse poeta, natural de Pernambuco, viveu no Maranhão algum tempo e lá publicou a série “Horóscopo” que, por ser representativa desse tipo de publicação, vai aqui ilustrada sob a Figura 10. Poetas e autores de Almanques se interessam igualmente pelos aspectos proféticos.



Figura 7. Horóscopo preparado pelo poeta Manoel Camilo dos Santos. Do tempo em que exercia essa atividade (1966-1970).

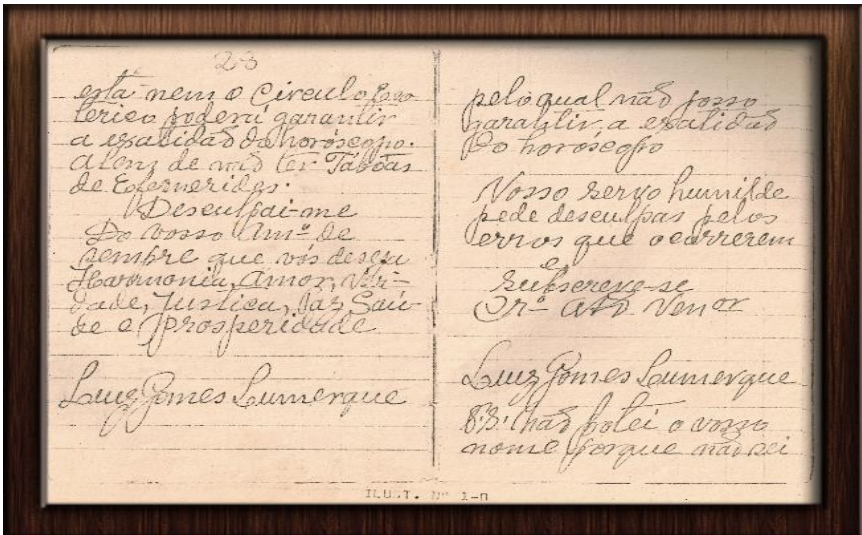
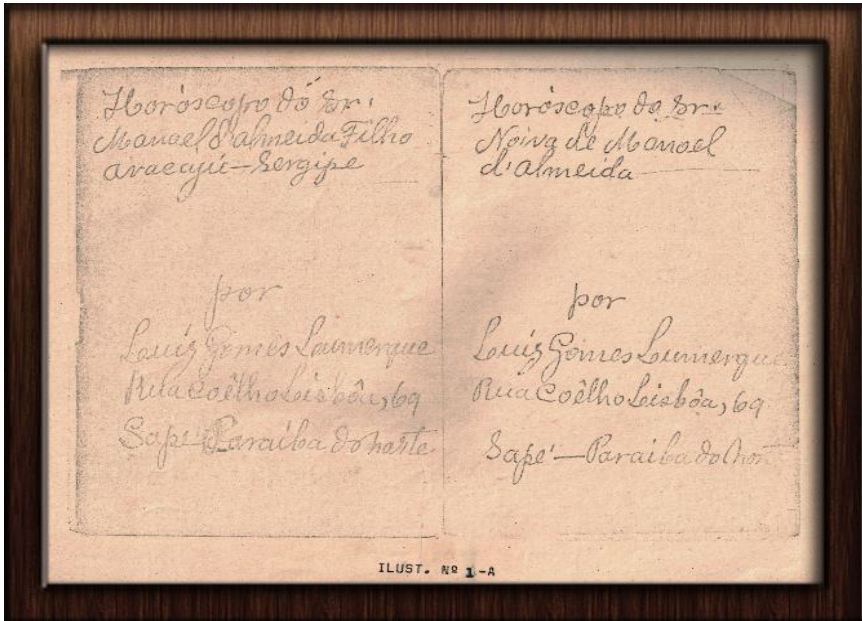


Figura 8. Horóscopo elaborado por Lumerque para o poeta Manoel d'Almeida Filho e sua noiva. Página de rosto e última página. Documento.



Figura 9. Capa do Folheto Astrológico de Chico Mariano.



Figura 10. Capa de quatro almanaques de Severino Barbosa Torres, publicado em 1963 no Maranhão.

Pode-se falar em dois tipos fundamentais de profecias (ou avisos): as apocalípticas e as de inverno. As primeiras são aquelas que profetizam os destinos do mundo, independentemente do prazo em que deverá ocorrer o fim dos tempos, quando o juízo final levará aos céus os bons e ao inferno a humanidade pecadora.

As segundas, ligadas aos Almanques, caracterizam-se por fornecer prognósticos de acontecimentos mundiais e informações que interessam às atividades rurais, fazendo uso da astrologia. Pode ocorrer que uma profecia reúna as duas características, como é o caso de “A Profecia do Sábio Rosa Cruz”, de Severino Borges e Silva.

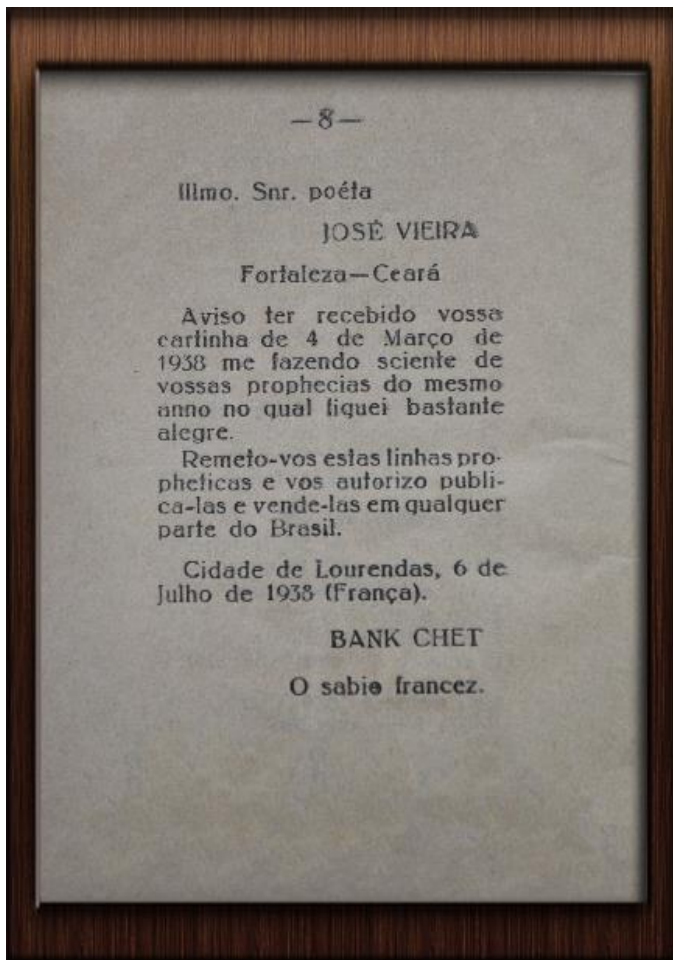


Figura 11. Carta que o poeta José Vieira teria recebido do sábio francês Bank Chet.



Figura 12. Capa e contracapa de “As Profecias do sábio Francis Bank Chet para 1939.”

Uma profecia de inverno era feita para um ou vários anos, e não tinha obrigação de sair anualmente. Nem todas possuíam as convicções de quem escreve, mas alguns autores acreditavam no que escreviam. Parece que, no primeiro caso, se enquadra o poeta José Vieira; e, no segundo, estão Miguel Paulo de Oliveira, João de Cristo Rei e Miguel Francisco de Oliveira. José Vieira, em 1939, publicou “As Profecias de São Francês Bank Chet para 1939”. Para dar foros de verdade a seu folheto, o autor publicou, na última página, uma carta que teria recebido do francês (Figura 11) e, na contracapa, estampou a figura de homem elegantemente vestido, sobre a qual escreveu: Bank Chet, o sábio francês (Figura 12). Bank Chet, apesar de francês, demonstra grande conhecimento geográfico do Nordeste, além de conhecer os legumes e cereais que aqui são cultivados. Dessa profecia, são mostrados aqui vinte e um versos dos

que compõem a página 2, em que se pode ver a semelhança com os Almanques.

Trinta e nove é bem chuvoso
Ano bom e de fartura
O sol tange os quatro ventos
As rédeas na mão segura
Recebendo a atmosfera
Sobre toda a agricultura.
A lavoura vai ser segura
Do brejo ao alto sertão
De Pernambuco à Ceará
O rebombar do trovão
O sertanejo contente
Dá graças a Deus presente
Por haver bom algodão
Boa safra de feijão
Mulatinho e gurgutuba
É uma safra dobrada
De cera da carnaúba
Alegre canta os brejeiros
Sertanejos, fazendeiros
A seca não lhe perturba.

De acordo com o poeta José Camelo, sabe-se que Basile Escaut era o nome do grande sábio francês:

O francês Basile Escaut
É um sábio conhecido
Quase que no mundo inteiro
Pois aonde ele tem ido
Profetiza nos jornais
É sempre bem sucedido
No ano de vinte e nove
Esse erudito francês
Visitou nosso Brasil
Já pela segunda vez
E nos predice o futuro
De trinta até trinta e seis

Nessa linha de profecias do sábio francês, que José Camelo relatou de 1938 a 1940, temos outros poetas: José Vieira (1936 até 1942), Luis Gomes Lumerque (de 1937 a 1943, de 1943 a 1950 e de 1950 a 1954), Ismael Freire da Silva (de 1955 a 1966) e Antônio Marques Teixeira Filho (de 1955 a 1963). Na década de 1980, o tema se encontrava nas mãos de Caetano da Silva que, associando as profecias ao calendário, informações astrológicas, preços dos cereais e outros dados, mudou o título de sua publicação, em 1974, para “Profecia e Almanaque do Grande Sábio Francês”. A mesma coisa fez Caetano com “As Profecias de Frei Vidal da Penha”, que recebeu, a partir de 1970, o nome de “A Verdadeira Profecia e Almanaque do Profeta Frei Vidal da Penha”. Ambas as publicações têm uma parte em verso e outra em prosa. Na primeira parte – em verso – o autor permeia suas versões astrológicas com severas críticas aos novos costumes:

A liberdade de hoje
é quem comanda a corrupção
quem tem suas filhas e soltam
quer vê-las na perdição
filhas ficam levianas
filho tarado ou ladrão
Mãe ruim chora pra ver
a filha na corrupção
O pai reclama ela diz
tem paciência João
você é velho e cafona
mais a minha filha não.

(Profecia e Almanaque do Grande Sábio Francês – 1979).

Na “Profecia e Almanaque do Profeta Frei Vidal da Penha para o ano de 1974”, o autor insiste na mesma tecla:

Cuidado pai de famílias
com suas filhas e seus filhos
vocês mesmos são culpados
deles ultrapassarem os trilhos
da corrupção e perderem
dos dons os sagrados brilhos

Costa nua e frente ampla
e liberdade demais
vem fazendo filha e filho
desobedecer os pais
porque são chaves de ouro
do cofre de satanás.

A obra de Caetano representa o ponto de união do Almanaque, da Poesia e da Profecia. Caetano é autor de inúmeros folhetos, tendo Almeida *et al.* (1978) registrado 47 títulos de sua autoria. Frei Vidal da Penha, missionário italiano da ordem dos Capuchinhos, cujo nome era Frei Vitale da Frascarolo (1780-1820), chegou ao Nordeste em 1796. Estava ligado ao convento da Penha, em Recife, e teve fama de iluminado Profeta. Câmara Cascudo registra desse religioso profecia datada de 1817 (CASCUDO, 1954:520).

Foi João de Cristo Rei quem lançou a primeira profecia de Frei Vidal da Penha cujo título era “A Mais Nova Profecia de Frei Vidal da Penha a contar de 1951 a 1960”. Depois dessa, Luis Gomes Lumerque escreveu “A Grande Profecia de Frei Vidal da Penha até 1960”. Com a morte de Lumerque, em 1960, Caetano Cosme passou a redigir tal profecia.

Mas não se esgota aí o campo profético. Almeida *et al.* (1978) que, provavelmente não relaciona todas as profecias publicadas, arrola 88 títulos sobre o tema. Nesse campo, são de maior importância as Profecias do Padre Cícero. Seus autores mais famosos são Lumerque e João de Cristo Rei. O primeiro publicou, em 1938, a “Profecia do Padre Cícero Romão Batista de 1936 a 1960 Encontrada na Mala Dele a 20 de agosto de 1930”, que cuida de fazer condenações de ordem social. No segundo, João de Cristo Rei é um verdadeiro porta-voz do Santo Padre, versando sobre o assunto desde 1932.

É enorme a importância de Pe. Cícero no meio rural nordestino. No Almanaque de Manoel Caboclo, a matéria existente sobre o padre é extensa: bibliografia, relato de milagres, atividades políticas e demais aspectos enchem as páginas do Juízo do Ano. Pe. Cícero que congrega grande número de devotos, em todo o

Nordeste. Tanto nos Almanques como nos Folhetos de feira podemos ver o vigor do sentimento que lhe é dedicado.

Frei Damião, missionário que percorria os estados do Nordeste fazendo pregações, é figura religiosa muito importante e estimada pelo povo (nascimento em 1923 e morte em 1997). Alguns queriam vê-lo como um continuador do Padre de Juazeiro. Na realidade, a posição de Pe. Cícero é ímpar entre as populações rurais nordestinas. Na literatura dos Almanques é bem evidente a sua relevância e o mesmo acontecendo nos folhetos de cordel.

Costa Leite chegou a mudar, em 1972, o título de sua publicação para Almanaque do Padre Cícero. Seus leitores não acharam correto a circulação de um Almanaque com o nome do padre e o nome voltou a ser o anterior.

João Ferreira de Lima enaltecia o Santo Padre e chama a atenção dos leitores para a coincidência (extraordinária!): a soma dos números da data de nascimento de Padre Cícero (24/03/1844) tirado os nove fora dá oito e a mesma operação aplicada à data de morte dá igualmente oito (20/07/1934). Manoel Luis, em prosa e verso, enaltece o Pe. Cícero. Assim o faz também José Joavilim e outros.

Os poetas populares são talvez mais arrebatados que os astrólogos ao falar do Santo Padre. Alguns veem nele a figura de Cristo em sua segunda vinda à terra. Manoel Messias Menezes associa Juazeiro a Jerusalém; João Mendes, Crato a Belém; Barbalha a Nazaré e Missão Velha a Samaria. João Mendes, João de Cristo Rei e Miguel Paulo são alguns nomes de poetas que trataram com maestria e devoção a temática Padre Cícero.

Para concluir, pode-se destacar que Folhetos e Almanques divergem em alguns aspectos. Os primeiros são composições literárias cuja finalidade é divertir seus leitores, enquanto os segundos são informativos por excelência. Em termos de conteúdo, Almanques e Folhetos se aproximam quando ambos tratam dos mesmos temas: Padre Cícero, Frei Damião, Signos e Horóscopos. Cada folheto abrange, do começo ao fim, um só tema; cada Almanaque dá informações sobre vários assuntos. Ambas as publicações

são usadas como veículo de propaganda. Quando se trata de divulgar um único tema, usa-se o Folheto – propaganda eleitoral, morte de personalidades importantes e outros. Quando o objetivo é informar sobre diversas matérias em uma mesma publicação, os Almanques são os que melhor se adequam – Doenças Endêmicas, Higiene, Culinária, Conselhos ao Agricultor; Horóscopo, Calendário e Socorros Urgentes. Com esse teor, conhecemos o Almanque do DNERu – Departamento Nacional de Endemias Rural, de 1963. As publicações acima mencionadas se identificam mais profundamente por serem ambas composições populares, tendo o mesmo tipo de público e de autores, como veremos no próximo capítulo.

Capítulo III

Os Almanques de Ferreira Lima, Manoel do Santos, Manoel Caboclo e Costa Leite

A análise das histórias de vida dos autores dos Almanques mostraram de forma bastante clara suas profundas vinculações com o mundo rural. A alfabetização, o dom poético e literário permitiram que esses homens transformassem as suas experiências em algo que tornasse explícito o sistema cultural dessa sociedade. São essas ligações profundas entre escritor e público que dão autenticidade à obra e são responsáveis por sua continuidade. Buscamos evidenciar tal questão no decorrer deste capítulo, com a apresentação das biografias de João Ferreira de Lima, Manoel Luiz dos Santos, Manoel Caboclo e Silva e José Costa Leite.

João Ferreira de Lima

O Almanque de Pernambuco foi lançado em 1936, mas o número mais antigo de nossa coleção é de 1942. Berenice de Souza Lima, sua filha, foi entrevistada sobre o pai, mas não soube dar informações precisas da vida de João Ferreira de Lima, que a partir de 1950 vivia metade do ano em Juazeiro e metade em Caruaru, onde ela estava.

João Ferreira de Lima não tinha uma única família. Apesar disso, procurou introduzir seus filhos, Berenice e Severino, no mundo da ciência astrológica. O filho auxiliou muito o pai, mas depois preferiu abraçar a atividade de serralheiro; enquanto isso, Berenice seguiu a profissão de astróloga, apesar de ser professora de geografia e história. Uma de suas metas em 1980 era adquirir uma tipografia. Na época da entrevista, ela tinha excelente freguesia para consultas, horóscopos e para o almanque. Era também poetisa, mas não se considerava bem dotada. Pretendia levar avante

a obra do pai, continuando a publicação do Almanaque e escrevendo ela mesma alguns folhetos⁴. Entre seus objetivos, estava a última publicação das respostas que pretende dar às perguntas elaboradas por Ferreira de Lima no seu famoso folheto “O Marco Pernambucano”. Segundo Melo (2011), o Almanaque ainda se mantinha em circulação até 2011 pela família.

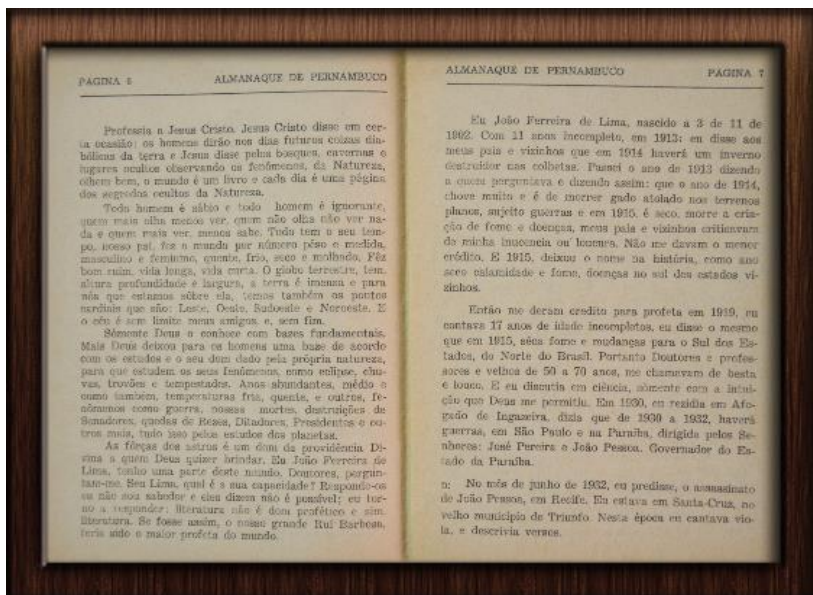


Figura 13. Refere-se aos dons proféticos de João Ferreira de Lima. Almanaque de Pernambuco, 1970.

João Ferreira de Lima nasceu em 3 de novembro de 1902 na fazenda Grosso, município de São José do Egito (PE). Filho de João Ferreira Lima e Josefa Maria da Conceição, foi criado como

⁴ A mudança de autoria do Almanaque de Pernambuco é muito significativa. A direção passa das mãos de um homem para uma mulher, nova, professora e que não iniciou sua vida como agricultora. Embora ela tenha procurado perpetuar o espírito do pai em sua Folhinha (Almanaque), que ainda conservou todas as suas principais características, não se pode deixar de assinalar as importantes modificações que ocorreram, especialmente a partir de 1979.

filho adotivo de José Feliciano de Sena e Ana Maria do Espírito Santo. Teve mais dois irmãos: um mais velho, Manoel, que se estabeleceu como horoscopista em São José do Egito, de quem Ferreira de Lima faz a propaganda, e outro mais moço precocemente falecido.

Em 1919, mudou-se para afogados de Ingazeira; em 1932, para Caruaru, onde permaneceu dois anos, após os quais saiu para estabelecer-se em Bezerros. Em 1949, retornou a Caruaru e, a partir de 1950, dividiu sua vida entre essa cidade e Juazeiro do Norte. Por anúncio publicado no Almanaque de 1947, sabe-se que Ferreira de Lima teve sua própria tipografia situada em Bezerros. Em 1950, passa a imprimir na Tipografia São Francisco de José Bernardo, em Juazeiro, para onde em 1951 transfere a Tipografia Lima, fazendo sócio dela Manoel Caboclo. Essa sociedade se prolongará até 1960, quando, em 1961, João Ferreira publica o aviso: “Faço ciente que não estou mais em sociedade com Manoel Caboclo...” mas continua passando a metade do ano na cidade de Juazeiro.

A formação dele em ciências ocultas vem de longe. Começou a profetizar muito jovem (Figura 13) e no Almanaque de 1943 fala de um encontro com o Pe. Cícero, em que esse lhe ensina a usar o Lunário e outros livros (Figura 14). Desde 1945 se declara aluno do Dr. Batista de Oliveira, professor de astrologia racional, diretor da “Revista Astrológica” do Colégio de Astrologia do Rio de Janeiro. Ligado também à sua formação, está o nome de José Honorato de Souza cujo Almanaque de João de Lima diz conhecer, em declaração contida no Almanaque de Pernambuco de 1964. Tido como permanente estudioso das ciências ocultas, era designado, comumente, pelos poetas astrológicos, como mestre.

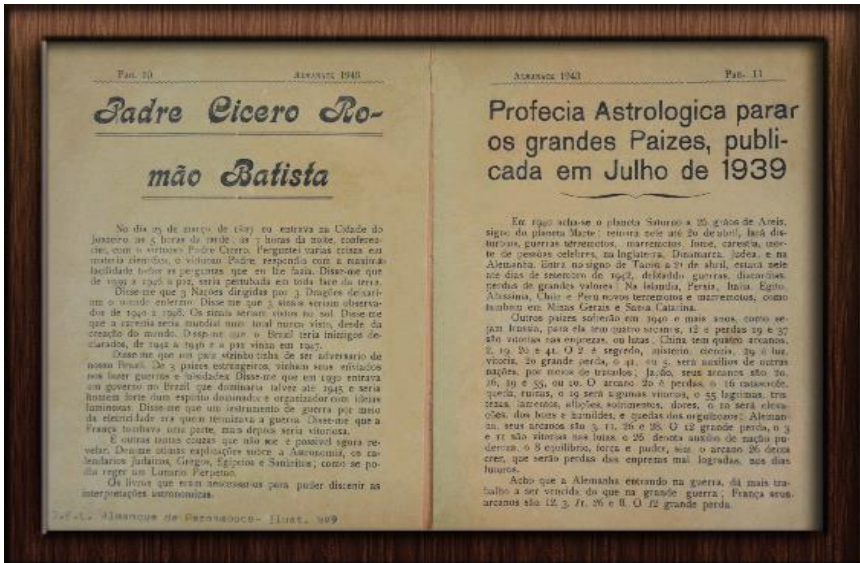


Figura 14. Encontro de Ferreira de Lima e Padre Cícero. Almanaque de Pernambuco, 1943.

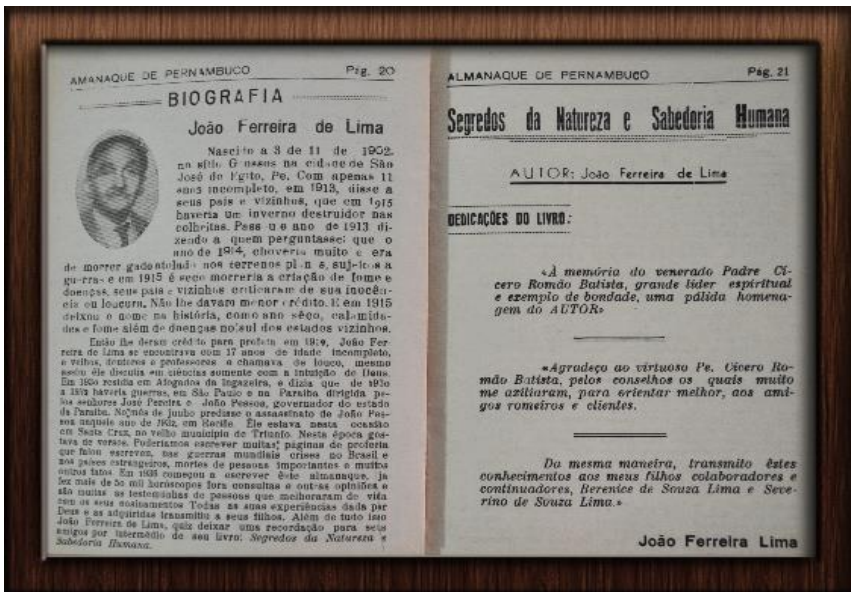


Figura 15. João Ferreira de Lima comunica aos seus leitores que irá candidatar-se a deputado. Almanaque de Pernambuco, 1955.

A política foi um de seus interesses. Durante a guerra, colocou os seus leitores em dia com os acontecimentos internacionais, não deixando de profetizar sobre o assunto, com base na consulta dos astros. Após a guerra, continuou a dar notícias de diversos países e do Brasil. Em 1955, candidatou-se a Deputado Estadual, pelo PTB, mas não foi eleito (Figura 15).

Também ficou muito conhecido como conceituado poeta. Almeida *et al.* (1978 e segunda edição inédita) registra 50 títulos da sua autoria, sendo seis sobre o Pe. Cícero e um sobre o Frei Damião, alguns desses de cunho profético. Entre os seus primeiros trabalhos, está o folheto de 16 páginas, publicado por volta de 1935, intitulado “Peleja de Antônio Marinho e José Duda”.

Deve-se destacar, entre as suas obras, “História de Mariquinha e José de Souza Leão”, O “Marco Pernambucano” e “As Proezas de João Grilo”. A primeira é inspirada em acontecimentos cujas origens estão nos cariris paraibanos, de acordo com Câmara Cascudo (Vaqueiros e Cantadores, 1939: 216). A figura que inspirou o folheto foi Pascoal de Oliveira Ledo, a cujos descendentes é atribuída a fundação de Cabaceiras (PB). José Vieira versou sobre o mesmo tema publicando folheto com o mesmo título, mas a versão que se divulgou e da qual saíram várias edições foi a de João Ferreira de Lima, talvez por ter sido vendido a José Bernardo, que era grande editor e ter mais autenticidade.

“O Marco Pernambucano” é a peça que está ligada aos Almanques e foi escrita, provavelmente, em 1937. Esse marco difere porque constitui um desafio a outros poetas, para responder perguntas nele contidas. O autor concede o prazo de um ano para a realização da façanha, mas as perguntas são cabalísticas, elaboradas a partir dos seus conhecimentos de ciências ocultas, que ele estuda desde 1923. Abaixo, alguns versos do folheto, editados, por sua filha Berenice de Souza Lima.

A vinte e três de setembro
Nos graus do meridiano
Quando o sol entrou em Libra
Em conjunção com Urano
Eu desenhei os limites

Do Marco Pernambucano
 Achei bom edificá-lo
 Deixar meu nome escrito
 Na terra onde eu nasci
 La num planalto bonito!
 Na fazenda velha “grosso”
 De São José do Egito

 O homem que for católico
 Ou protestante também
 Obedecendo o Evangelho
 Não fazem guerra a ninguém
 Discute é pela ciência
 Mostrando a força que tem
 Poetas ou trovadores:
 Adeptos da profissão
 Convido os meus rivais
 Do litoral ao sertão
 A ler os meus enigmas
 Memórias de Salmão

 Dizei-me os sete planetas
 E suas pedras preciosas!
 Dos doze signos também!
 Que pedras maravilhosas?
 E as nove musas celestes,
 De fontes gloriosas!

 Poetas ou Trovadores
 Aqueles que não disser
 O que Paracelso pergunta?
 A sociedade não quer,
 Que ele seja poeta
 Aonde o Lima estiver

Como poeta, Ferreira de Lima não deve ser julgado pelos acrósticos de seus Almanagues. Ele é tido como poeta de grande imaginação,

mas seus versos apresentam, nos Almanagues, falhas de métrica e rima (Quadro 4).

Quadro 4. Acrósticos do Almanaque de Pernambuco, João Ferreira de Lima, de 1942 a 1979. (Faltam os Almanagues do ano 1977 e 1978).

- | | | |
|------|---|--|
| 1942 | - | Para eu profetizar
Estudei geografia
Rio, golfo e Oceania
Nicromancia singular
Astronomia popular
Mitologia Romana,
Bíblia Roza Crusciana
Um manuscrito Chinez
Cosmografia Holandez
O Oraculo de Diana - C |
| 1943 | - | Ptolomeu do Egito
Elias da Palestina
Rei Salomão me ensina
Noé me deu por escrito,
Abrahão deixou-me dito
Moyses escreveu na louza
Batazar me disse pouza
Um dia tu sois proféta
Camões me disse poéta
Ortografe alguma couza - C |
| 1944 | - | Pai eterno Onipotente,
Espirito Santo Universal,
Reis dos Reis, celestial
Nas alturas, oniciente,
Ajuda o Mago vidente?
Ministrar Astronomia,
Bonita a cosmografia
Um firmamento sem fim!
Cristo, Senhor, das a mim?
O dom da sabedoria - C |

- 1945 - Pedro negou a Cristo,
Eva enganou a Adão
Reto foi Abrahão,
Na sua crença está visto!
Arão foi bom ministro.
Moises morreu primeiro,
Buda por derradeiro
Em que pregava no templo.
Cesar serviu de exemplo
O Rei da lei é dinheiro - C
- 1946 - Primeiro eu concentro e oro
Estudo bem a matéria,
Região chamada etéria
Na esfera que mais adoro!
A natureza eu imploro
Mirando cada momento;
Bramidos que faz o vento
Um drama fenomenal!
Canto no meu ideal
Os orbes do firmamento - C
- 1947 - Pitonisa e Samuel
Esdras mais Jeremias
Rei Daví e Isaías
Noé, Abraão e Joel,
Aarão com Daniel,
Miquéas Izaca também,
Baltazar de Belém
Um Mago de Oriente
Cada um me faz ciente
Os segredos do alem - C
- 1948 - Pai celeste criador
Essência angélica divida
Reto juiz que domina
Na luz, no ar, no calor!
A terra, os céus, o amor,
Mestre de alta prudência;

Bendita a vossa eloquência;
Um poder dominical,
Crescei o meu ideal
Oh: Pai de minha ciência. - C

1949 - Prostro os joelhos no chão
E levo os olhos ao céu
Rogando a Deus, como réu
No íntimo do meu coração
Admiro a santa mansão
Morada angélica divina!
Bendita a vossa doutrina
Um poder sem rival,
Criador Dominical
Oh Pai que tudo ensina. - C

1950 - Pedir a quem tem pra dar!
Estudar com professor
Rogar a Deus criador
Na hora que precisar;
Aquele que protestar
Meus dizeres de poeta
Basta dizer é pateta!
Um louco! sem energia;
Creio em Jesus que um dia
O! Deus; seu serei profeta. - C

1951 - Procure terreno plano
Em cordilheira ou montanha
Riacho ou varzea que ganha
Não vai cair no engano
A lua domina o ano
Mimosa formosa e bela
Bonita mas é aquela
Unida à fatalidade:
Cuidado, com atividade
O inverno vem de parcela. - C

1952 - Preciso profetisar

Este dom que Deus me deu
Ruim ou bom que sou eu
Ninguém pode sensurar;
Agora vou estudar
Mais astros do firmamento
Bom ano não me contento
Um mediano de ação
Confere mata e sertão
O lucro é 60 por cento. - C

1953 - Perguntei a Neptuno
E bom o cinquenta e três?
Respondeu-me que talvez
Não trate o planeta Juno!
Adiante vi um gatuno
Mexendo a mão na colheita
Bem longe vi um comêta
Um prognostico fatal
Confirma o meu ideal!
Ouvindo o son da trombêta. - C

1954 - Protesto a quem copiar
Estudo do meu Almanaque,
Ruim caiu no desfraque
Não pode profetizar!
Aquele que quer emitir
Meus estudos tão depressa;
Bote boato ou conversa
Um estudo diferente,
Cuidado tem muita gente:
Olhando a sua cremessa - C

1955 - Para eu ser Deputado
Estadual em Pernambuco
Rejeito Joaquim Nabuco
Não quero ser exaltado;
Antes serei humilhado
Modesto com bôa idéia;
Bemquisto em minha platéia

- Unido aos pernambucanos
Combaterá muitos danos
Os meus votos na Assembléia. - C
- 1956 - Plante uma, duas e trez
Espere que o tempo vem
Ricos e os pobres também
No ano cinquenta e seis;
A luz e o sol desta vez
Melhora a situação.
Baixa o mercado uma porção,
Uma surpresa no plano
Cuidado tropa, este ano
O dinheiro baixa o padrão. - C
- 1957 - Pergunto o planeta Marte
E seco cinquenta e sete?
Responde assim quem promete
Não tem ciência nem arte;
A colheita em alguma parte
Marcha e perde com verão;
Bate a largata e o mijão!
Um ano que morre gado
Cabra ovelha e o sevado
Os donos perdem uma porção. - C
- 1958 - Pai eterno soberano
Eu prostei-me em vossos pés;
Rezando como Moizes
No pé do monte Líbano!
A natureza sem dano;
Mostrou-me o ano futuro;
Batatas e milho maduro
Um mediano de crítica
Complicações na política
O pobre levando murro. - C
- 1959 - Por detraz do horizonte
Escreve a mão da natureza

Rivalidade e fartura
No livro de Anacreonte;
Apolo daquele monte
Mostrou-me o seu calendario
Bonito o seu formulario
Um ano compensador
Cuidado caro leitor!
Os loucos perde o salario. - C

1960 - Para o ano de secenta
É bissexto e médiano;
Rico e pobre, sofre o dano
Na crise que apresenta
Assola a guerra sangrenta!
Mormura para todo lado;
Bonito é rico zangado?
Urrando de fazer dó
Conheçam o exemplo de Jó
O mundo só tem pecado. - C

1961 - Precário foi o sessenta
Ermano de sessenta e um
Recursos, mas tem zum-zum
Na guerra sanguinolenta
A paz tropeça e rebenta,
Muitas chuvas anormais!
Brada os rádios e os jornais,
Um ano de confusão
Combina com o seu irmão
O tempo faz e desfaz. - C

1962 - Plutão pergunta a Diana
E Marte o seu companheiro?
Responde o velho guerreiro
Na paz e na luta tirana,
A peste vem desumana
Morrendo muitos animais,
Baixando o preço vorais
Um ano de confusão

- Com chuvas, vento e trovão
Os lucros são parciais. - C
- 1963 - Plante e torne a plantar
Espere que o tempo vem
Rege o sol, e marte tem
No ano que dominar,
Agora vou avisar
Marte é sempre guerreiro
Brigando é bom fuzileiro
Um monstro sem coração
Com guerra e revolução
O mundo está num banheiro. - C
- 1964 - Percorri o Calendário
Egípcio, Grego e Romano
Registrei ano por ano
No grande vocabulário
Astronomia e Lunário
Mostrou-me bela visão
Bonita transformação
Um Brasil ressuscitado
Com um regime adequado
O sessenta e quatro é Barão. - CC
- 1965 - Sem acróstico
- 1966 - Protesto e falso profeta,
Espírito de confusão.
Roubando minha missão,
Não sabe, é pouco pateta,
A inveja é uma seta,
Mata, aleja de repente,
Bonito é ver o padicente
Urrano de fazer dó,
Chorando atrás de vovô,
O bicho que come gente. - UP
- 1967 - Profeta sem vocação

E rude cégo de guia
Ruendo o couro de guia
Na hora da confusão
A ciência diz com razão,
Malandro estuda também
Bonito veja com quem
Uza desta sabotagem,
Cuidado nesta bagagem
O direito que o Lima tem. - CC

1968 - Plutão na violência
Estúpido como vulcão
Raio, curisco e trovão
Nos homens traz confusão
Atinge até o oceano
Muito rebelde e profano
Botando perdas na gente
Um triste outro contente
Cada um plante semente
O dito não vem para o ano. - CC

1969 - Plutão trás terremotos
Incêndio descomunal
Enchente no litoral
Muita água pouco pão
Não deixa de dar marremotos
A era de vivos e mortos
Bonita a confusão
O rico tomando porre
Com raiva porque não morre
E os pobres na aflição. - CC

1970 - Profeta da inspiração
Exemplo da profissão,
Registro na astronomia
Natureza da criação,
A mãe que mais ensina,
Mistério de quem combina,
Bonita evolução,

Um firmamento sem fim,
Cristo Jesus disse assim,
Ore e pessa perdão. - CC

1971 - Pernambuco
Estado com distinção
Reinando no Nordeste
Não tem comparação
Altineiro e gloriosas
Montanhas Vales e rios
Bonito e hospitalheiro
Unido com a Nação
Compartilhando na
Ordem e moderação. - CC

1972 - Plante e torne a plantar
Espere que a terra dá
Rege o sol, Saturno vem
No ano que dominar
Atenção vou comentar
Morte na criação
Brigas e confusão
Um ano de agitação
Com guerra e revolução
O mundo está num brazeiro. – CC

João Ferreira de Lima faleceu a 19 de agosto de 1972. A partir de então, o Almanaque de Pernambuco ficou sob a responsabilidade de seus filhos, Berenice e Severino de Souza Lima.

1973 - Prostei-me aos pés da ciência
Em cada livro busquei
Recebendo sabedoria
Na natureza encontrei
Astrologia matemática
Música Química Astronômica
Bíblia Física Psicologia
Um professor de valor
Como João Ferreira Lima
Os filhos assim ensinou. - CC

1974 - Pergunto o Planeta Marte
E Seco e Setenta e quatro
Reunindo Saturno e Marte
No ano que dominar?
Agora vou avisar
Marte é sempre guerreiro
Brigando é bom fuzileiro
Um monstro sem coração
Com Saturno seu irmão
O inverno está num banheiro. - CC

1975 e 1976- Primeiro eu concentro e oro
Estudo bem a matéria
Região chamada eteria
Na esfera que mais adoro!
A natureza eu imploro
Mirando cada momento;
Bramidos que faz o vento
Um drama fenomenal
Canto no meu ideal.
Os orbes do firmamento. - CC

1979 - Procurei a Providência
Em busca de inspiração
Reunindo com atenção
Na verdade eu encontrei
Ano com Lua regente
Mercúrio seu companheiro
Bondosos são os guerreiros
Unidos o ano inteiro
Comerciantes e lavradores
Operem e esperem dinheiro. - CC

NOTA: Abreviaturas: - C = Capa

CC = Contra Capa

UP = Última página

João Ferreira de Lima faleceu em Bezerros, em 19 de agosto de 1972. Berenice, que assumiu os negócios do pai, publicou no Almanaque de 1974, já sob sua direção, a seguinte “Homenagem Póstuma” ao pai:

No dia 19 de agosto de 1972, faleceu o velho Profeta do Caruaru, João Ferreira de Lima, não podemos nos prender a dizer que era o profeta de Caruaru, mas de todos os Estados do Brasil. Para nós seus filhos custa muito escrever esta página, ... Mas ele não morreu, porque um homem de ciência, não morre, porque um verdadeiro cientista, é aquele que gasta suas energias físicas e mentais, para servir o próximo, isso ele fez, ... Digo sim, ele não morreu espiritualmente... ele ainda continua presente através de seus ensinamentos que legou a seus filhos. Berenice de Souza Lima

João Ferreira de Lima foi um dos fazedores de Almanaque mais conhecido e mais respeitado do Nordeste. Um dos pioneiros no assunto, liderou essa atividade durante muito tempo, antes que tivesse a concorrência que surgiu posteriormente.

Quadro 5. Características do Almanaque de Pernambuco, João Ferreira de Lima

1 – AUTOR:

João Ferreira de Lima até 1972

Berenice de Souza Lima de 1973/1980¹

Caruaru, PE.

2 - TÍTULO:

Almanaque de Pernambuco

Títulos ou grafias anteriores:

a) Almanack O, Pernambuco

b) Almanaque de Pernambuco em 1947 e de 1954 até hoje

c) Almanaque D' Pernambuco de 1950 e 1953

3 - PRIMEIRO ANO DE PUBLICAÇÃO:

1938

4 - PROPRIEDADE:

Coleção Particular - (Atualmente na UEPB)

Faltam os N^{os} 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1977 e 1978.

5 - DIMENSÕES:

De 1942 e 1947 - 18 cm x 14,5 cm

De 1948 e 1954 - 17 cm x 13,5 cm

1955, 1957, 1958 - 16 cm x 13,5 cm

1956 - 17 cm x 13,5 cm

De 1959 a 1976 - 17 cm x 12,0 cm

1979 - 18,5 cm x 13 cm

6 - CAPA

De 1942 e 1950 Presença do Clichê (3,5 cm x 2,5 cm) ocupando a parte lateral direita (superior) constituído de um leão de perfil, voltado para o dorso do almanaque - Presença - preço de nº 17 (número de sorte), de acróstico.

De 1957 a 1959 Presença de Clichê (6,5 cm x 5 cm) ocupando a parte lateral esquerda (superior) constituído de um leão, de perfil, com a cauda voltada para o dorso do almanaque, Juba revolta, boca aberta. Presença de preço, Acróstico e do nº 17. Nos anos de 1957/58 e 59, anúncio de Horóscopo na capa.

1960 Presença de Clichê (6,5 cm x 3 cm), leão menor, de boca fechada. Presença do preço do número 17 e do Acróstico.
Sem anúncio de Horóscopo.

1961 – 1962 Presença de Clichê (5 cm x 3 cm), o leão abre novamente a boca e muda um pouco a pose. Presença de preço e acróstico.
Anuncia o desligamento da sociedade com Manoel Caboclo.

- Manoel Caboclo. Ausência do nº 17. Em 1962 presença de anúncio de Horóscopo.
- 1963 - Presença de Clichê (6 cm x 3 cm) situado na parte superior do Almanaque, constituído de um leão, porém de feições diferentes do anterior. Presença de acróstico e propaganda de horóscopo.
- De 1964 a 1979 - O Almanaque muda de feição. A capa é um Clichê onde aparece na parte inferior um leão (à esquerda) e o homem olhando por uma luneta. Na parte superior várias estrelas, um sol, um cometa, a lua e saturno. Estes astros são desenhados em fundo preto. Na parte inferior as figuras são em preto desenhadas em fundo amarelo claro. Na parte superior só o título Almanaque de Pernambuco. No meio o nome do autor.

7 - TIPOGRAFIA, NÚMERO DE PÁGINAS E TIRAGENS:

- 1942 - Tip. J. de Deus, V Stº Antão, PE, 16 pgs.
- 1942 - Tip. S. Francisco, Bezerros. PE, 16pgs. 2ª edição
- De 1943 a 1946 - Tip. J. de Deus, V. Stº Antão, PE, 16 pgs.
- De 1947 a 1950 - Tip. Lima, Bezerros - PE, 16 pgs.
- 1951 - Tip. S. Francisco, Juazeiro - CE, 16 pgs.
- De 1952 a 1958 - Tip. e Folhetaria de Manoel Caboclo, Juazeiro - CE, 16 pgs.
- 1959 - Tip. e Folhetaria de Manoel Caboclo, Juazeiro - CE, 12 pgs.
- 1960 - Idem, 14 pgs.
- 1961 a 1962 - Impresso em Caruaru em Tip. Ignorada, 16 pgs.
- 1963 - Tip. Brasil, Caruaru - PE, 16 pgs.
- 1964 a 1979 - Impresso em Caruaru - PE, em tipografia Ignorada.
- 1964 a 1971 - 16 pgs.
- 1972 - 24 pgs.

1973	- 32 pgs.
1974	- 24 pgs.
1976	- 20 pgs.
1979	- 28 pgs.

NOTA: Não temos referência sobre as tiragens de cada ano. Sabemos que algumas foram a 90.000 exemplares anuais. Em 1942, duas edições. Em 1963, três edições. OBS: Para preços ver Quadro 6

O aspecto físico do Almanaque de Pernambuco tem variado muito, mas os primeiros números, especialmente os de 1942 e 1943, são consideravelmente mais bem impressos que as publicações que se seguiram ao ano de 1960. Em 1979, Berenice modifica bastante o Almanaque, aumentando-lhe o tamanho, dando-lhe outra feição e criando novas seções (Figura 16). Porém, o trabalho tipográfico não é superior ao realizado nos anos anteriores. (Para características gerais do Almanaque de Ferreira Lima, ver Quadro 5.)



Figura 16. Seção Jurídica. Seção da Saúde. Seções novas criadas por Berenice Souza Lima. Almanaque de Pernambuco, 1979. Sob a redação de Berenice Souza Lima.

Consta que os Almanques de João Ferreira de Lima eram escritos com muitos erros de ortografia e que nas tipografias passavam por uma revisão (informação de Manoel Camilo dos Santos). A observação procede porque, em geral, os manuscritos de muitos poetas populares sofrem correções nas tipografias quando nessas há pessoas em condições de realizar a tarefa. Caso contrário, saem com todas as incorreções ortográficas do original. Alguns folhetos de José Camilo da Silva, de José Olegário Fernandes da Silva e de Miguel Paulo de Oliveira, impressos por eles mesmos, mostram esse problema. Fora os erros ortográficos, há os de sintaxe que em razão da estrutura do verso nem sempre podem ser corrigidos. Em 1943, João Ferreira de Lima, na décima da capa estampou.

Ptolomeu do Egito
Elias da Palestina
Rei Salomão me ensina
Noé me deu por escrito
Abraão deixou-me dito
Moisés escreveu na louza,
Baltazar me disse pouza
Um dia tu sois profeta
Camões me disse poeta
Ortografe alguma couza

Lendo o Almanaque, José Alves Sobrinho percebeu o erro do autor e dirigiu-lhe uma carta que dizia:

Quem o tu sois pronuncia
Por certo diz o vós és
Portanto não foi Moisés
Seu mestre de ortografia
Vi que para astronomia
O senhor tem vocação
Tirei toda conclusão
Que o senhor não é poeta
Lhe aceito como Profeta
Mas como poeta não.

Outro episódio ligado ao Almanaque de João Ferreira de Lima foi relatado por Manoel d’Almeida Filho, e se passou na casa do poeta Luiz Gomes de Albuquerque (Lumerque), em março de 1937 ou 1938. Lumerque foi um ardoroso admirador de João Ferreira e ele mesmo era horoscopista (ver Figura 7 capa de seu horóscopo).

Estando Manoel d’Almeida na casa do poeta e vendo o tempo firme, falou para Luiz: - “Hoje não vai chover e a folhinha de João de Lima mentiu, pois marcava chuva de 14 a 19”. Ao que prontamente Luiz respondeu: a “A folhinha de João de Lima não mente, hoje ainda chove”. Mais tarde, já despreocupados com o tempo, Manoel da sala da frente observou que chovia e gritou para Lumerque que estava na cozinha: - “Luiz, a chuva traz a alegria”. Ele responde: - “Reverdece o seco Prado”.

Reunidos na sala, os dois começaram a glosar, até que Manoel d’Almeida inicia a sua décima:

Profetizaram as folhinhas
De catorze a dezenove
E justamente hoje chove
Matando as horas mesquinhas
E voejam as andorinhas
Saltando um belo trinado,
Como pássaro abençoado
Diz no momento que pia:
- A chuva traz alegria
Reverdece o seco Prado.

Está fora de dúvida que Ferreira de Lima foi o grande nome das ciências herméticas no Nordeste e que teve muitos fãs ardorosos, como o saudoso Lumerque, que era capaz de brigar com quem criticasse o Almanaque de Pernambuco.

Entretanto, a leitura do Almanaque revela a presença dos inimigos, como pode ser observado no Almanaque de 1945:

Atenção: os boatos alarmantes ou mentirosos que muitos espalham, dizendo ser eu que disse, não deem crenças. Só por escrito. Outra mais! As notícias de minha morte ou de

prisão de minha pessoa como já tem surgido, faço ciente a todos que minha família, em qualquer tempo, que isto venha a suceder fará urgente anunciado, pelos rádios e pelos jornais.

Esse tipo de notícia aparecerá em outros números do Almanaque. Nas “Predições do Tempo”, João Ferreira de Lima, nos primeiros Almanques, fala de invernos com gelo. Nisto vê-se claramente a presença de livros europeus na orientação do autor – Lunário. No entanto, ele mostra conhecer os meses em que ocorre o inverno do Hemisfério Sul, mas esquece de tirar o gelo de suas previsões. A presença do gelo vai perdurar até 1945. Outro detalhe que diz da influência europeia, nesse Almanaque e em outros, é a informação sobre produção e preço do azeite, vinho, trigo, produtos que não são produzidos no Nordeste. O Almanaque de 1977, de autoria de Berenice, ainda menciona esses produtos.

Quadro 6. Movimento Comercial do Almanaque de Pernambuco, João Ferreira de Lima, 1955-66.⁵

Ano	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955
Preço do Almanaque	1\$500rs	2\$000rs	Cr\$ 2,0	Cr\$2,0	Cr\$ 2,0	Cr\$2	Cr\$ 2,50	Cr\$ 2,0	2,50	2,50	3,5	3,5	3,4	5,0
Guia Prat. da Vida	20\$000rs	20\$000rs												
Ass. c/ Guia Prat. Do Ano c/ Direito de Fazer Consulta Grátis	10\$000rs	10\$000rs	Cr\$ 15	Cr\$ 15	Cr\$ 15	Cr\$15	Cr\$ 15	Cr\$ 20						
Consulta em Casa	5\$000rs	5\$000rs	Cr\$ 5	Cr\$ 10	Cr\$ 10	Cr\$10		Cr\$ 10						
Consulta pelo Correio		10\$000rs	Cr\$ 10				Cr\$ 20	Cr\$ 20						
Guia em Letras			Cr\$ 20	Cr\$ 20	Cr\$ 20									
Guia Passado na Máquina			Cr\$ 30	Cr\$ 30	Cr\$ 30									
Horóscopos Médios (Em Caligrafia)						Cr\$20	Cr\$ 30	Cr\$ 30						
Horóscopos Médios (À Máquina)						Cr\$40								
Horóscopo Completo (Em Caligrafia)						Cr\$30	Cr\$ 60	Cr\$ 60						
Hosróscopo Completo (À Máquina)						Cr\$60								30
Consultas									20					
Horósc. 6 Anos de Futuro									30	30	40	50		

⁵ A moeda brasileira muda de réis para cruzeiro (Cr\$) em 1942; em fevereiro de 1967, o cruzeiro perde três zeros e surge o cruzeiro novo (NCr\$); em 1970 retorna a cruzeiro até 1986 quando surge o cruzado. Lembrar que os Almanques são feitos com um ano de antecedência portanto a moeda do preço só será trocada no almanaque do ano seguinte.

ESTE

Ano	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955
Horóscopo Completo									60	60	80	80	80	
Amulêtos									50		50			
Consultas (À Má- quina)											25	25	25	
Consultas (À Pena)											20			
Perfume (De acordo com o Planeta)											50			
O Livros dos Segr. da Nat. e da Sabedoria Humana											35			
Defumador Indiano 1 pct.											12			
Horóscopo Médio												50	50	
Consultas (Em Via- gem)												30	50	
Medalha e Anel em Base de Ano														250
Segredos da Natureza Humana 1º Vol.														35
Horóscopo c/ En- trega Urgente na Lo- calidade														100
Horósc. p/ Remeter c/ Prazo de 40 dias														80
Horósc. p/ Todo Curso da Vida														30
Horósc. p/ Entregar com 30 dias														100

Ano	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955
2º Vol. De Segredos da Natureza Humana														60
Anel Zodíaco														
Amuleto ou Talismã da Sorte														
O Perfume Maravilhoso														
Sabonete Tupinambá														
Defumador Tupan														
Vinho Indú														
Óleo Iracema														
Pomada Indiana														
Talismãs														
Talismã ou Selo de Salomão														
Baralho														
Cartômancia														
Horósc. esp c/ Cartomância, Grafologia, Numerologia etc.														

ESTE

Movimento Comercial do Almanaque de Pernambuco, João Ferreira de Lima. (continuação)

Ano	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969-1971	1972	1973	1974	1975-1979
Preço do Almanaque	5	7	8	10	17	17												
Guia Prat. da Vida																		
Ass. c/ Guia Prat. Do Ano c/ Direito de Fazer Consulta Grátis																		
Consulta em Casa																		
Consulta pelo Correio																		
Guia em Letras																		
Guia Passado na Máquina																		
Horóscopos Médios (Em Caligrafia)																		
Horóscopos Médios (À Máquina)																		
Horóscopo Completo (Em Caligrafia)																		
Horóscopo Completo (À Máquina)																		
Consultas	50	50	50	50	100	100		200	300	1000	1000		8000		20	20		
Horósc. 6 Anos de Futuro																		

Ano	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969-1971	1972	1973	1974	1975-1979
Horóscopo Completo		100	100	100	200	200	250	300	600	2000	2000		10000		30	30	40	
Amulêtos							500		600									
Consultas (À Máquina)																		
Consultas (À Pena)																		
Perfume (De acordo com o Planeta)																		
O Livros dos Segr. Da Nat. e da Sabedoria Humana																		
Defumador Indiano 1 pct.																		
Horóscopo Médio	70	70	80															
Consultas (Em Viagem)				100			250											
Medalha e Anel em Base de Ano																		
Segredos da Natureza Humana 1º Vol.																		
Horóscopo c/ Entrega Urgente na Localidade				200			400											
Horósc. p/ Remeter c/ Prazo de 40 dias																		

ESTE

Ano	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969-1971	1972	1973	1974	1975-1979
Horosc. p/ Todo Curso da Vida	100																	
Horosc. p/ Entregar com 30 dias																		
2º Vol. de Segredos da Natureza Humana															2º ed. 20			
Anel Zodíaco	70																	
Amuleto ou Talismã da Sorte	600	600	600			1000					20000							
O Perfume Maravilhoso	250	250	250															
Sabonete Tupi-nambá	50	50	50															
Defumador Tupan	10	15	15															
Vinho Indu			15															
Óleo Iracema			30															
Pomada Indiana			23															
Talismãs			30															
Talismã ou Selo de Salomão								2500			1000							
Baralho								500										
Cartomância								100		500	1000							
Horosc. esp c/ Cartomância, Grafologia, Numerologia etc.															40			

O movimento comercial do Almanaque que aqui se constituiu nos artigos, neles expostos à venda, é substancial.

O Quadro 6 mostra o conjunto dos produtos vendidos, podendo ser observado os preços de horóscopos, amuletos, defumadores e anel do zodíaco. Os amuletos vendidos por João Ferreira eram todos de sua fabricação e, segundo Berenice, obedeciam às regras astrológicas para sua confecção. O anel do zodíaco chegou a ser feito de ouro 14, mas, como era de fabricação complicada, cedo foi tirado de circulação. Ele foi anunciado por Ferreira de Lima, Manoel Luiz do Santos e Manoel Caboclo e Silva. Dos autores citados, só Ferreira de Lima o fabricou. A elaboração desse talismã é explicada através do texto de “Segredos da Natureza e a Sabedoria Humana” de Ferreira de Lima, em que esse autor explica como executar o anel.

Anel Astrológico

Quando resolver fazer seu anel astrológico obedeça as seguintes instruções.

Mande fundir e separar:

Num domingo de 6 às 7 da manhã o ouro; na segunda feira obedecendo o mesmo horário, a prata; na terça feira também de 6 às 7 da manhã, o ferro; o mesmo deverá acontecer com o estanho na quinta feira; idêntico processos mande fazer com o cobre na sexta feira; e finalmente no sábado, deverá ser a vez do chumbo. Toda esta operação terá de ser feita de lua nova a lua cheia. Num domingo mande terminar o anel, de 6 da manhã às 4 da tarde. Procure saber qual é a sua pedra preciosa e qual seu número feliz de acordo com suas influências planetárias. O aro do anel deveria ser feito de cobre, ferro, chumbo, estanho, prata e, finalmente coberto com o ouro. Mais prata menos ouro, menos cobre, mais estanho, menos chumbo. A pedra, como geralmente acontece, deverá ser gravada em cima, na chapa. Seu número favorável terá também que ser gravado no anel. Uma vez feito o anel, o mesmo equivalerá a um para-raios que o defenderá dos inimigos visíveis e invisíveis e dará sorte e estima no carnaval da vida que é a sociedade (Lima, 1951: 36)

Apesar dos preços e da pobreza da região, em 1946, João Ferreira informa: “De julho de 1945 a julho de 1946, recebi 1.222 cartas. Confeccionei 775 horóscopos. Consultas fiz 2.354. Sócios do Almanaque Astrológico, tenho 365, sócios de 1940 a 1947 (sic)”. Segue-se daí que, só em horóscopos, o Profeta de Caruaru faturou anualmente, naquela época, pelo menos CR\$ 15.000,00 e CR\$ 23.540,00 de consultas. Posteriormente, informa aos leitores ter feito, até 1970, 33.000 horóscopos e dado 25.000 consultas.

Nas suas previsões, os astrólogos trabalham com 7 “planetas” (Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno). Mas, no seu trabalho, João Ferreira de Lima acrescentou os planetas Urano, Netuno e Plutão. Nesse ponto, mostra-se independente do “Lunário”, seguindo o “Almanaque do Pensamento” cuja coleção tinha quase completa (ainda sendo publicada em 2018). Não deve ser esquecido que outra fonte de seus conhecimentos era o Dr. Batista de Oliveira, do Colégio Astrológico do Rio de Janeiro, com quem declara estudar astrologia. Evidentemente estudava por correspondência.

A descoberta de Minas no Nordeste é falada por João Ferreira. Delas, ele fala nos Almanques de 1943, 1044, 1948 e 1949. Em 1943, lê-se, na página 6, a seguinte nota: “A Mina de Prata de 1943 a 1950 será descoberta a mina de Prata da Morubeca, como disse Frei Vital, no Nordeste do Brasil”.

Uma seção que raramente falta no Almanaque de Pernambuco é a Flora Medicinal. Também com constância, o autor narra as inúmeras vezes que esteve com o Patriarca do Juazeiro: fala das profecias desse Padre e no Almanaque de 1950 menciona o nome de um outro profeta o Padre Carlos Galli, Diretor do Colégio Salesiano.

Com a morte de João de Lima, Berenice, sua filha, assumiu a direção do Almanaque. Muito hábil e tendo trabalhado com o pai, continuou o seu trabalho sem dificuldade.



Figura 17. Mostra como a autora conserva o nome do pai como título do seu escritório astrológico (sob redação de Berenice Souza de Lima). Almanaque de Pernambuco, 1973.

Em 1973, na página 22 do Almanaque de Pernambuco, pode-se ver o anúncio “João Ferreira Lima e Filha (Figura 17). Na página 26, lança-se uma grande novidade: “Astrologia Sexual” (Figura 18). Seguindo a tradição política, ela apresenta, em 1974, um artigo sob o título “Queda do Dolar Causa Pânico no Mercado Europeu” (Figura 19) e procura mostrar o acerto de suas previsões feitas em Almanques anteriores.

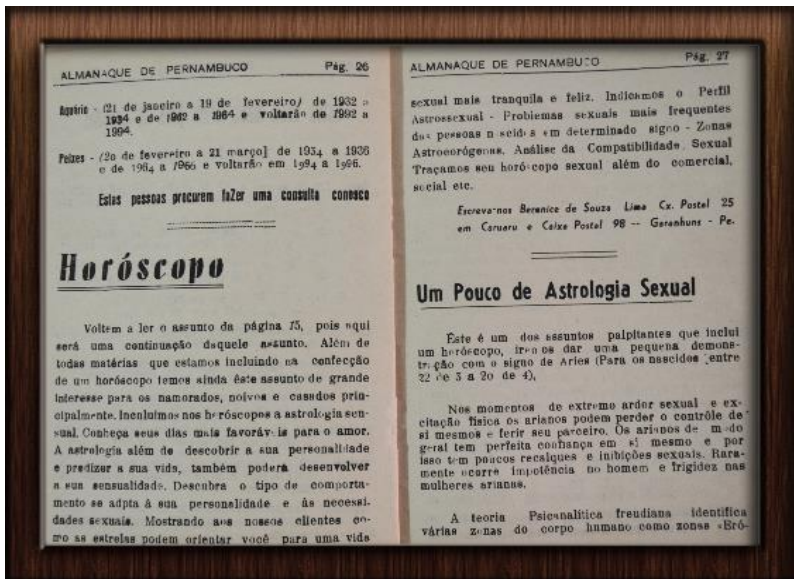


Figura 18. Astrologia Sexual. Almanaque de Pernambuco, 1973.

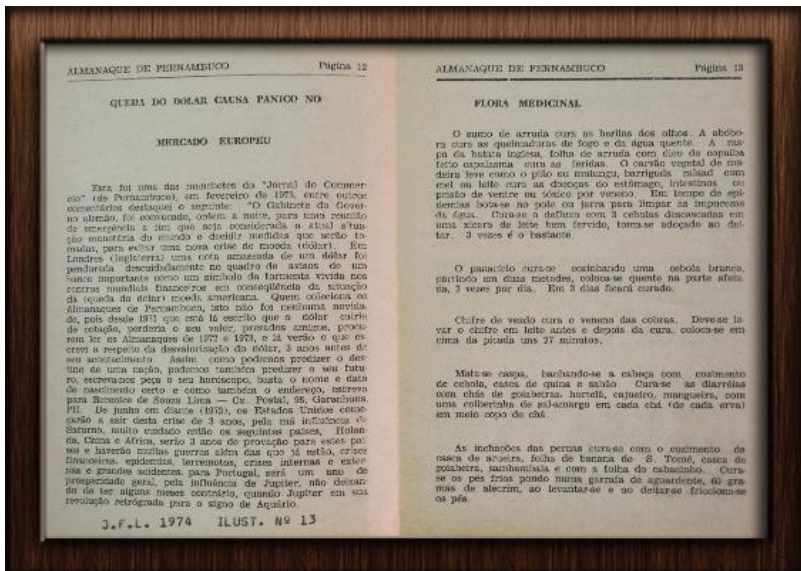


Figura 19. A Queda do Dólar. Almanaque de Pernambuco, 1974.

Em 1979, o Almanaque renova-se, introduzindo receitas culinárias, conselhos domésticos, seção passatempo e provérbios que são colocados com destaques nos rodapés. Nada disso existia antes, nem, o que é muito importante, as seções de Saúde e Jurídica; essa última representando o início de informações de cunho social da grande relevância. A primeira vez que o Almanaque trata de assunto ligado à jurisprudência, ainda que muito indiretamente, é em 1973. Aí, pode-se ler a propaganda de um advogado, espírita, residente em Feira de Santana, que poderá ser consultado em casos de “problemas de terras, de cobrança, e mesmo de desquite”.

Somente em 1979 é que surge Seção Jurídica, em que a autora dá, diretamente aos seus leitores, informações sobre: pessoas idosas perante a lei, documentos necessários aos menores, direitos das esposas, direitos das mulheres grávidas que trabalham, problema de mãe solteira e desquite amigável. A Seção de Saúde não eliminou dos Almanques a seção de Flora Medicinal. Agora, todavia, o assunto é tratado de modo diferente: a autora dá o nome da doença, suas causas, formas de contágio e sintomas (Figura).

Manoel Luiz dos Santos

O estudo do Almanaque de Manoel dos Santos foi feito a partir de coleção particular completa até 1980 (de propriedade de Ruth-Átila Almeida e posteriormente doada à UEPB), faltando apenas os números correspondentes a 1951, 1952 e 1956. Através de entrevista e troca de correspondência com o autor, foram complementadas as informações retiradas dos Almanques.

Manoel Luiz residiu no sertão Pernambuco, em São José do Egito. Sua casa, denominada “A casa dos Horóscopos”, com tabuleta no frontispício, é conhecida de todos da cidade. Ao contrário do que indicam as fotografias da reportagem de Ricardo Noblat na Revista Manchete de 27.12.1975, o ambiente em que vivia Manoel Luiz dos Santos não era nada misterioso. As pessoas que procuravam Manoel Luiz dos Santos eram recebidas na sua residência, em um pequeno quarto que dá diretamente para sua cozi-

nha. Nesse local, havia uma mesa de pequena dimensão, uma estante cheia de livros, duas ou três cadeiras e, em cima da janela, um signo de Salomão feitos de taliscas de madeira. Era em um ambiente simples que ele recebia sua freguesia.

Manoel Luiz dos Santos nasceu em 29 de setembro de 1926, no povoado Batatas do Município de São José do Egito e faleceu há pouco tempo, em 2 de outubro de 2017, na sede municipal. É filho de Antônio Luiz dos Santos e Maria Joaquim da Conceição. Inicialmente, foi agricultor e, no início de 1980, conseguiu o diploma de contador. Lembra-se que desde os 7 anos tinha interesse em observar o firmamento (os astros) e o pai incentivava esse interesse. Tudo indica que foi influenciado pelo pai, pois esse possuía um caderno no qual fazia anotações sobre o tempo, posição das nuvens, presença ou ausência dos ventos, tudo em função das chuvas. Esse caderno foi herdado pelo filho. A influência paterna deve ser vista apenas como motivação inicial, porque sua formação básica dependeu de João Ferreira de Lima e de leituras diversas, principalmente do Lunário Perpétuo.

Em 1974, dois anos após a morte de João Ferreira de Lima, exterioriza a admiração que tinha pelo amigo, em um texto intitulado “O Homem é o Herdeiro dos Homens”. “Lembro os nomes dos 17 profetas sagrados: Jeremias, Isaías, Ezequiel, Daniel, Baruz, Oséias, Joel, Amós, Jonas, Abdias, Miquéias, Nahum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Recordo ainda os grandes astrólogos do passado: Cláudio Ptolomeu do Egito, Nicolau Copérnico da Polônia, Kepler de Wurtemberg, Galileu da Itália, Newton da Inglaterra, Miguel de Nostradamus da França, mas a minha maior lembrança é sobre João Ferreira de Lima, natural de São José do Egito-PE. Foi contemporâneo meu, muito meu amigo!”

Foi em 1949 que lançou o Almanaque do Nordeste Brasileiro. Antes disso, escreveu um folheto (1945) intitulado “Erros do Protestantismo” (8 pgs, Tip. Minerva, Patos). Seguiram-se: “Pelejas de Manoel Luiz dos Santos com Alfredo João de Lima” (8 pgs, Tip. Lima, Bezerros), “Discussão de Chico Tejo com Antônio Carneiro (8 pgs, Tip. Lima, Bezerros, 1947) e “O inverno no sertão”

(4 pgs, Tip. Moderna, Sertânea, 1964). Em 1980, possuía ainda um folheto inédito: “A corrupção de hoje em dia”.

Seu primeiro folheto era um violento ataque aos protestantes:

Onde se vê uma cruz
O Diabo ali não passa
O Diabo odeia a cruz
Com ele se embaraça
E o protestante também
Porque é da mesma raça

Vieram-lhe daí alguns problemas, porque os pastores protestantes, ao tomarem conhecimento do folheto, passaram a ir à feira. Quando ele lia seus versos, os religiosos começavam a questioná-lo e a fazer-lhe perguntas, deixando-o embaraçado e constrangido.

Durante três anos (1944-1947), foi cantador de viola e vendeu folheto nas feiras. Depois que se firmou no Almanaque, deixou a última atividade. Naquela época, 1946, lembra-se de ter encontrado um colega que tentava vender na feira de Caruaru uns folhetos sobre Peleja. Vendo a amargura do amigo por não ter conseguido fazer negócio, propôs-se a vendê-la em São José do Egito, pois, segundo ele, “Sertanejo gosta muito de Peleja”. E, de fato, vendeu em sua terra 490 folhetos.

Manoel viveu em São José do Egito com sua esposa e neta, filha de um filho que morreu. Um dos seus filhos é apelidado de Profeta. A existência desse apelido, mencionado despreocupadamente, revela que o autor não se sentia ofendido com a alcunha que deram ao seu filho e, na realidade, ele se sentia bem na profissão de profeta e astrólogo. Revelava segurança, tranquilidade e maturidade ao discorrer sobre suas atividades. Acreditava piamente no poder dos astros, na força do pensamento e no poder das meditações. Sentia-se especialmente dotado para as tarefas que exercia. Contava que sonha com lugares que nunca viu e que, depois, teve oportunidade de vê-los na vida real. Também teve visões e ouviu vozes. Era pessoa muito discreta e mostrava muita confiança

em si. Entre os cantadores, era uma pessoa benquista e de muitos amigos. Dava-se especialmente bem com Manoel Caboclo e Silva, que era o impressor de seu Almanaque, cuja amizade era antiga. Manoel Luiz dizia que o Caboclo tem um signo que domina o seu.

O primeiro número do Almanaque do Nordeste Brasileiro saiu em 1949. Sua publicação se prolonga até 2017, ainda que esta pesquisa se utilize até o período de 1980 dado que a coleção dos 4 autores é praticamente completa e comparativa para esse período. O Almanaque era confeccionado em janeiro, fevereiro ou março, lançado em maio ou junho e a vendagem crescia a partir de julho.

Quadro 7. Características do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos

1 - AUTOR:

Manoel Luiz dos Santos
São José do Egito, PE

2 - TÍTULO:

Almanaque do Nordeste Brasileiro

3 - PRIMEIRO ANO DE PUBLICAÇÃO:

1949

4 - PROPRIEDADE:

Coleção Particular (Atualmente na UEPB)
Faltam os n^{os} 1951, 1952 e 1962

5 - DIMENSÕES:

1949 - 17 cm x 12,5 cm
1950 - 17 cm x 11,5 cm
1953 - 15 cm x 11 cm
1954 - 16 cm x 12 cm
1955 - 16 cm x 11,5 cm
1957 - 17 cm x 8,5 cm
1958 e Seguintes: 16 cm x 12 cm

6 - CAPA:

1949 - Sem Clichê
 - Preço: 2 cruzeiros
 - Presença do Acróstico

1950 - Sem Clichê

	<ul style="list-style-type: none"> - Preço: 2,50 - Presença do Acróstico - Presença do Signo e - Planeta do autor - (Libra e Venus N° 19)
1953	<ul style="list-style-type: none"> - Presença de Clichê (5 cm x 2 cm) ocupando a parte lateral esquerda (superior) constituída de uma águia de asas, abertas - Presença do acróstico - Anúncio de Horóscopo
1954	<ul style="list-style-type: none"> - Duas Edições (uma com clichê, outra sem clichê) - Clichê igual a 1953 - Preço: 5,00 - Presença de Acróstico - Anúncio de Horóscopo
1955	<ul style="list-style-type: none"> - Presença do Clichê (10 cm x 4,5 cm) ocupando a parte central superior, constituído de uma águia de asas abertas - Preço: 5,00 - Presença do Acróstico - Anúncio de Horóscopo
1957	<ul style="list-style-type: none"> - Presença do Clichê (4 cm x 4 cm) situado na 1ª metade superior esquerda. Constituído de um galo de perfil - Preço: 10,00 - Presença de acróstico - Anúncio de Horóscopo
1958	<ul style="list-style-type: none"> - Presença do Clichê (igual ao n° anterior) - Preço: Cr\$ 6,00 - Presença de acróstico - Anúncio de Horóscopo
1959	<ul style="list-style-type: none"> - Presença de Clichê (igual ao n° anterior) - Preço: Cr\$ 10,00 - Presença de acróstico - Anúncio de Horóscopo

- 1960* - Presença de Clichê (4 cm x 2,5 cm) ocupando a parte lateral esquerda, na 1ª metade superior, constituído do retrato do autor
 - Preço: Cr\$ 15,00
 - Presença de acróstico
 - Presença do nº 17
 - Anúncio de Horóscopo

7 - TIPOGRAFIA, NÚMERO DE PÁGINAS E TIRAGEM:

- 1949 - Tip. Lima (Bezerros - PE) - 8 pgs - 1.000 exemplares
 1950 - Tip. Minerva (Patos - PB) - 16 pgs - 3.000 exemplares
 1951 - Tip. Minerva (Patos - PB) - 16 pgs - 4.000 exemplares
 1952 - Tip. São Francisco (Juazeiro - CE) -s/referência - 8.000 exemplares
 1953 - Tip. Napoleão (Arcoverde - PE) - 8 pgs - 7.000 exemplares
 1954 - Tip. São Francisco (Juazeiro - CE) -1ª Ed. 8 pgs-16.000 exemplares
 Tip. São Francisco (Juazeiro - CE) - 2ª Ed. 8 pgs - 10.000 exemplares
 1955 - Tip. João do Vale (Patos - PB) - 8 pgs - 10.000 exemplares
 1956 - Tip. João do Vale (Patos - PB) - 8 pgs - 10.000 exemplares
 1957 - Tip. João do Vale (Patos - PB) - 8 pgs - 10.000 exemplares
 1958 - Tip. João do Vale (Patos - PB) - 8 pgs - 10.000 exemplares
 1959 - Tip. Manoel Caboclo (Juazeiro - CE) - 8 pgs - 10.000 exemplares **

**NOTA: Desse número em diante até 1980, os Almanques são praticamente iguais. Há a assinalar no número de 1971 que a propaganda do Horóscopo é feita aparentemente em prosa. Na realidade, são 17 versos de 7 sílabas cada um. Do número de 1972 em diante a propaganda do Horóscopo é feita em versos.*

***NOTA: Desse número (1959) até 1980, todos os Almanques são de 8 páginas, impresos na Tipografia de Manoel Caboclo e Silva em Juazeiro do Norte sendo a tiragem de 10.000 exemplares.*

O aspecto físico do Almanaque tem variado e vai descrito detalhadamente no Quadro 7. Apesar das diferenças, todos estampam na capa uma décima em acróstico: BRASILEIRO. Do primeiro número ao do ano de 1965 (com exceção do Almanaque de

1954), todos traziam o preço impresso, praxe que desaparecerá de 1965 em diante. A ausência de preços se faz notar também nos folhetos da mesma época. O processo de variação de preços e inflacionário a partir de 1960 (SIMONSEN 1985; CURADO *et al.* 2012), determinou grande variação de custo e levou à remoção do preço impresso no almanaque.

De 1954 a 1970, a propaganda dos Horóscopos deixa de ser feita na capa e passa a ser feita nas 3ª ou 4ª capas. Em 1960, no entanto, o preço de horóscopo perde sua posição de destaque para aparecer nas últimas linhas da página dois, no final de um artigo intitulado “As Plantas Curam”. Aviso: a partir de 1º de janeiro de 1980, um horóscopo custará CR\$ 3.900,00”. Aliás, é preciso dizer que Manoel Luiz só oferecia ao público um tipo de Horóscopo, que ele intitulava Horóscopo Completo, o qual fornece informações ao solicitante sobre seu passado, presente e futuro. Manoel Luiz expunha a venda em seus Almanques vários tipos de artigos: livros, folhetos, horóscopos, talismãs e ainda dava consultas. Entretanto, seu maior movimento comercial é feito com horóscopos e talismãs. É tão grande o número do talismã à venda que o assunto mereceu comentários especiais no Capítulo IV. (Quadro 8A e 8B).

Quadro 8. Movimento Comercial do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos (1955-1968)⁶

Ano	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968
Almanaque Cr\$	5		10	6	10	15	17		50	100	140	500		
Horóscopo Cr\$	10		100	100	100	100	100		500	1.000	1.000	5.000	5.000	5.000
Cruz do Espíritos	500													
Sêlo dos Planetas	500		500	600		600						12.000	12.300	12.300
Sagrado Amulêto			500	600		600								
Talismã da Riqueza				400	400	400	400		1.300	4.000		17.000	17.000	17.000
Talismã da Lavoura (Agricultura)				200	200	200				4.000		11.200	11.200	11.200
Talismã da Saúde					100	200			1.500	6.000		13.200	13.200	
Talismã da Chave Mestra					600	600	600		1.000	6.000		15.000	15.000	
Talismã da Memória					200	200			1.600	4.000		13.200	13.200	
Kalunka da Sorte Nostradamus						150								
Talismã do Amor							400		1.000	4.000		1.400	1.400	
Talismã do Jogador							400		1.000	4.000		4.100	4.100	
Talismã do Motorista									100	6.000		10.500	10.500	

⁶ Ver nota 6 sobre as moedas vigentes.

Quadro 9. Movimento Comercial do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos (1955-1968) (Continuação)

Ano	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968
Talismã do Criador									2.000	6.000		2.100	2.100	
Talismã do Bom Parto									2.000	4.000				
Talismã dos Negócios										6.000		13.100	13.000	
Talismã da Potência Sexual												10.400	10.410	
Talismã da Liberdade										4.000		11.200	11.220	
Talismã da Pedra Mágica										5.000		14.800	14.800	
Talismã do Anél Zodiacaco												40.000	40.000	
Talismã p/ Mulher Não ter Filhos													10.300	
Talismã do Fazendeiro														
Talismã do Professor														
Talismã do Cachaceiro														
Talismã do Signo Salomão														
T. p/ Afugentar Maus Vizinhos														

Quadro 10. Movimento Comercial do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos (1955-1968) (Continuação)

Ano	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968
T. p/ Afugentar Encostos Maus														
T. Contra Asma e Reumatismo Crônico														
T. p/ Ganhar nas Apostas														
T. p/ Alcançar Vida Longa														
T. p/ Amançar Bicho Bravo														
T. p/ Vencer o Medo														
T. p/ Político Ser Eleito														
T. p/ Se Defender de Faca e Bala														
Talismã do Estudante														
T. p/ Curar o Câncer														
T. p/ Curar a Epilepsia														
T. p/ Curar Eczema														
T. p/ Curar a Surdez														
T. p/ Curar a Asma														

Quadro 11. Movimento Comercial do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos (1968-1980).

Ano	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Almanaque Cr\$			60										
Horóscopo Cr\$	5.000			60	60	60	60	60	150	150	150	600	3.900
Cruz do Espíritos			60										
Sêlo dos Planetas	2.300	17		60	60	60	40	200	600	600		1.800	
Sagrado Amulêto			60										
Talismã da Riqueza	17.000	17	40	60		60	60	60	400	400	600	600	3.000
Talismã da Lavoura (Agricultura)	11.200	17	60	40	40	60	60	60	600	600	600	900	9.000
Talismã da Saúde		17	60	60	60	60	60		400	400	600	600	9.600
Talismã da Chave Mestra		17	40	60	60	60	60	200	400	400		600	
Talismã da Memória		17		40	40	60	40	60	600	600		900	2.400
Kalunka da Sorte Nostadamus			40										
Talismã do Amor		17	40	40	40	60	40	60	400	400	600	1.200	600
Talismã do Jogador		17	40	40	40	60	40	400	400	400	600	600	9.000
Talismã do Motorista		17	60	40	40	40		60	600	600		300	3.000
Talismã do Criador		17		60	60		60	60	400	400		900	
Talismã do Bom Parto			40										4.200
Talismã dos Negócios		17		40	40	40	60	60	400	400	600	1.500	
Talismã da Potência Sexual		17	60		40	40		60	400	400	600	800	

Quadro 12. Movimento Comercial do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos (1968-1980). (Continuação)

Ano	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Talismã da Liberdade		17	40	60	60	40	40	60	600	600		300	5.100
Talismã da Pedra Mágica			400	40	40	40	40		400	400	600	600	9.600
Talismã do Anél Zodiaco			40	400	400	40	400	600	600	600	600	1.800	6.000
Talismã p/ Mulher Não ter Filhos		17	60	40	40			60	600	600		900	6.000
Talismã do Fazendeiro		17	40	60		60							
Talismã do Professor		17	60	40									
Talismã do Cachaceiro		17	60	60	60	40	40	60	600	600	600	900	5.400
Talismã do Signo Salomão				60	60	40	40	200	600	600		1.800	8.100
T. p/ Afugentar Maus Vizinhos					60							1.200	18.000
T. p/ Afugentar Encostos Maus												1.200	9.000
T. Contra Asma e Reumatismo Crônico												900	
T. p/ Ganhar nas Apostas												1.800	
T. p/ Alcançar Vida Longa												900	9.600
T. p/ Amançar Bicho Bravo												300	1.800
T. p/ Vencer o Medo												900	1.500
T. p/ Político Ser Eleito												1.800	18.000
T. p/ Se Defender de Faca e Bala													

Quadro 13. Movimento Comercial do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos (1968-1980). (Continuação)

Ano	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Talismã do Estudante												7.200	
T. p/ Curar o Câncer													6.000
T. p/ Curar a Epilepsia													4.500
T. p/ Curar Eczema													5.100
T. p/ Curar a Surdez													2.700
T. p/ Curar a Asma													3.600

No seu primeiro Almanaque, Manoel Luiz se intitula orador de astrologia e ciências ocultas. Em 1953, passa a se designar “Observador de astrologia”. Em 1955 muda para “amador de astrologia e ciências ocultas”. Consultado sobre as variações, dizia ser em parte uma exigência dos clientes: “Primeiro utilizei a palavra orador que equivale a admirador, a iniciante; depois observador, amador e finalmente professor. Meus clientes me diziam: o senhor é um professor”.

As qualidades de poeta dos autores de Almanaque não devem ser julgadas com base nos versos em acrósticos. No caso de Manoel Luiz, há obrigatoriedade de começar os versos pelas letras da palavra Brasileiro (ver abaixo acróstico do Almanaque do Nordeste Brasileiro - Quadro 14). Dizem melhor da sua habilidade poética os versos sobre São José do Egito, publicados em 1975 (Figura 20).

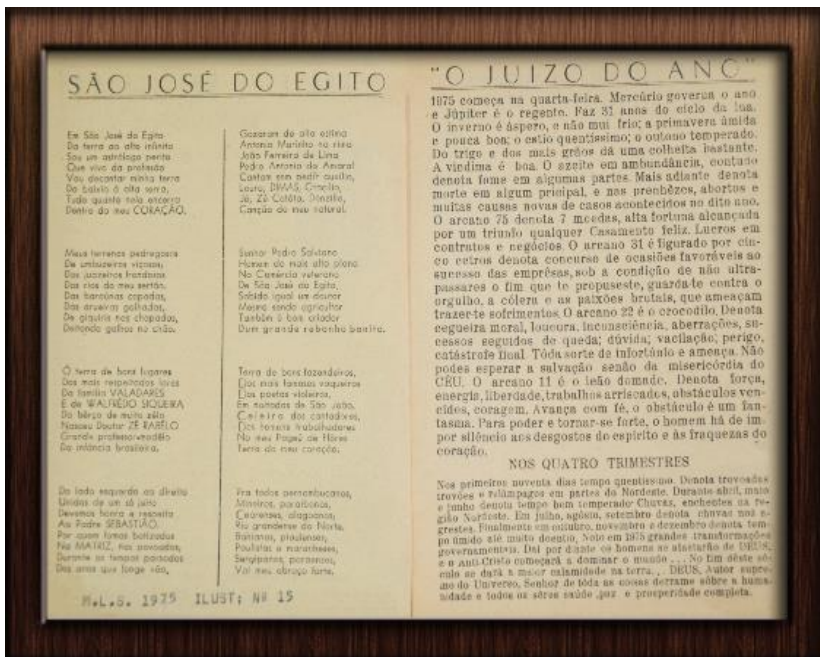


Figura 20. São José do Egito. Versos. Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 1975.

Quadro 14. Acrósticos do Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos

1949 - Baseei-me no estudo matemático
Religião do amor e da beleza
As forças sutis da Natureza
Segredos do Compêndio Homeopático
Investigações do Elemento Iniciático
Lucidez do fluido magnético
Espírito do gênio mais poético
Insaciado nas lições de Quiromância
Romancista e trabalha em cartomancia
Operando o honorífico dom profético. - C

1950 - Bom Deus, Criador Universal,
Rei dos céus e da terra em toda parte.
Abençoei a instrução de minha arte
Sagrada. Benfazeja, espiritual;
Invenção poderosa e principal,
Literatura luminosa do Brasil,
Estrela que mostra belezas mil
Interpretando os sêgredos da Natureza,
Radiosa lembrança que figura
O coração de um poeta varonil. - C

1953 - Bom dia meus senhores do Sertão
Renomados poetas e doutores
Advogados, juízes promotores
Sacerdotes, oradores, atenção!
Investiguem com toda perfeição
Lendo esta pequena profecia
Eu estudo somente Astronomia
Interpreto o que a ciência diz
Recordem que sou Manoel Luiz
O poeta amador de ASTROLOGIA. - C

1954 - Benfeito, bonito e preparado
Recebi este dom maravilhoso
Apresento um estudo valoroso

Sabendo que vou orientado:
Investigo o presente e o passado;
Leio todo futuro necessário,
Estudando ciências do Lunário,
Influenciado pela visão celeste
Rimei este Almanaque do Nordeste
Observando o Sistema Planetário. - C

1955 - Bem tarde das noites me levanto
Reparando as passagens dos planetas
As estrelas com todos os cometas
Saturno promete mandar tanto
Inverno que vem por qualquer canto
Levantando enchentes perigosas
Estraga as lavouras vantagiosas
Indicando que vem com prejuízo
Recebi uma carta dando aviso
O inverno traz coisas monstruosas. - C

1957 - Bom dia meu senhores do Nordeste
Reparem que o inverno sertanejo
Apresenta que só deixa o bafejo
Cobre o Sul o Nascente o Sueste
Indica bons lucros no Agreste
Limitando o inverno do Sertão
Está bem complicado a um verão
Impressionando a nossa mente
Ruína que traz pra muita gente
Ocultando o bom senso da Nação. - C

1958 - Bom inverno que cinquenta e oito traz
Referente às colheitas de feijão
Arroz, fava, cana, milho e algodão
Sustentando seus frutos tudo em paz
Interessa tudo quanto o homem faz
Lutando pela senda da fartura
Eu bem estimo que toda criatura
Interprete a folhinha do Nordeste
Recebendo das mãos do pai Celeste

O progresso da nossa agricultura. - C

- 1960 - Biografando êste ano de sessenta
Resta agora avisar os nordestinos
Amortandade que vem para os meninos
Sobre os golpes da foice violenta
Incluindo alguns velhos se setenta...
Levanta uma grande epidemia
Espalhando muita fome e carestia
Inclemência, deixando o povo num
Reboliço, e portanto, cada um
Observe esta minha Profecia. - C
- 1961 - Baseado nos cálculos astrológicos
Realismo uma grande Profecia
Anunciando tristeza e carestia
Sofrimento e anúncios necrológicos;
Inclusive alguns fatos geológicos;
Lancei mão da caneta e fiz um plano,
Estudando os planetas deste ano;
Investiguei tudo quanto me garante
Resolvendo os problemas mediante
O poder de Deus - pai, Rei Soberano. - C
- 1963 - Bem faz quem procura plantar sêdo
Reagindo contra a fome do Nordeste
A estiagem, carestia, muita peste
Sobre o ano que vem de fazer medo
Infelizmente nós vamos comer brêdo
Lamentando o clamor, o sofrimento
Enfermidade, atropelo, impedimento,
Ingratidão do governo em todo canto
Reboliço e desgosto, no entanto
O sertanejo não venda mantimento. - C
- 1964 - Bom Deus - pai, grande Autor da criação
Reto juiz, Verdadeiro soberano:
Abençoaís meus estudos deste ano
Sofre as safras de milho e algodão;

Inhame, batata, arroz. Feijão,
Laranja, café, pois, no momento
Eu espero os planetas em movimento
Indicando este ano deixar tanto
Recurso no mundo; já portanto
O resultado do ano é cem por cento. - C

1965 - Bom dia, meus leitores do Sertão
Reparem bem a seguinte profecia!
Anunciando muita guerra, carestia,
Sobre os preços do milho arroz, feijão;
Inverno médio sujeito a um verão;
Lagartas nos altos nos baixios;
Efemeridades nos tempos doentios;
Incêndios, deixando o mundo êsmo
Revolução, pouco lucro; agora mesmo
O agricultor plante bem dentro dos rios. - C

1966 - Bom lucro nuns cantos, noutros não;
Relâmpagos, fâscas, terremotos,
Aguaceiros no norte maremotos,
Sobre às ordens do Autor da Criação.
Inverno curto nas glebas do Sertão;
Lamentações da pobreza na marreta;
Espíões entre os homens da conêta
Incerteza dos grãos de mantimentos;
Revoluções através de sofrimentos,
Ouviremos o brado da cornêta. - C

1967 - Bem tristonho Saturno vem agora
Repetindo neste ano em cada mês
Aflições, luto, pranto, viuvez
Sarna, febre, bexiga. Catapora;
Indecisão do inverno que demora
Levantar aguaceiros no Nordeste
E o sol do poder do Pai Celeste
Indica mais o Brasil crescer um tanto
Reforçando o exercito, já portanto;
O Brasil tem poder ninguem deteste. - C

1968 - Bom inverno este ano já não traz
Resumindo as colheitas de feijão,
Arroz, milho, mandioca e algodão
Segurando dois quartos só em paz.
Interessa bem tudo quanto o homem faz
Lutando sempre na senda da fortuna.
Eu aconselho que toda criatura
Interprete o Almanaque Brasileiro
Recebendo de Deus, pai Verdadeiro.
Os produtos de nossa agricultura. - C

1969 - Bonito é no espaço sideral,
Relampear pelas altas madrugadas
Através lá da noites enluaradas
Sobre a Serra, sertão e litoral;
Infelizmente o inverno é desigual
Lucrando sempre na roça do ativo
Eu espero falar bem positivo
Internados nos segredos do além
Relembrando a você que ai vem
O resultado de um ano negativo. - C

1970 - Brasileiros do Norte, sem vingança,
Reparem no mundo se alguém vê
Astrólogo bom como eu só porque
Sou profeta de toda confiança;
Instrutor e poeta de Lembrança
Lunarista, vidente, conselheiro,
Escritor, cartomante verdadeiro;
Imperioso aqui mesmo viverei
Recordam ainda: Que fui, sou e serei
O horoscopista do povo brasileiro. - C

1971 - Bombardeio, tristeza e confusão.
Retrocesso, falência e carestia.
Atropelo, prisões e tirania.
Sofrimento vingança e traição.
Incêndio, soberba e corrupção
Ladroeira, doença, afastamento;

Embaraço, desonra, fingimento;
Inverno, aguaceiros, plantações;
Rios cheios, relâmpagos e trovões;
Olhei tudo da terra ao firmamento. - C

_____ · _____
Vai você pagar as multas
porque já sou cem por cento
com as minhas Ciências ocultas
dos Astros no firmamento;
garotos minhas consultas
de amores ou casamento. - C

Pronto pra lhe defender
já estou bem prevenido;
só preciso me escrever
querendo ser atendido
ou venha já receber
um talismã garantido. - C

Sou Manoel Luiz dos Santos
De São José do Egito;
vou diminuir seus prantos
num prognóstico bonito,
afugentando os quebrantos
darei tudo por escrito. - C

1972 - Brazabum é Veloz e traiçoeiro
Rebelde, sinistro e vagabundo,
Anda sôlto, correndo pelo mundo
Sôbre a mente do homem desordeiro
Infeliz de quem não pensar primeiro
Lendo a Bíblia e cumprindo o seu dever
Eu espero em setenta e dois chover
Isto é, lá uns cantos, outros não;
Replante o milho na sêca do verão
Onde a terra melhor proteger. - C

Sela bom quer seja ruim:
Quer seja Abel ou Caim;

Só deve escrever pra mim
Com dez cruzeiros n afrente
Tendo valor declarado
Pelo correio registrado
Terá resposta de agrado
Pra toda classe de gente

Do mal ao sair do bem;
Da terra até mais além;
No mundo vale quem tem
Esta experiência fiz.
Perante a Deus verdadeiro
Do Brasil ao estrangeiro
Carta que não traz dinheiro
Não é pra Manoel Luiz. - C

1973 - Broque cedo, prepare seus terrenos
Resumindo as despesas do trabalho;
Are a terra e não plante no cascalho
Seja esperto aproveitando os serenos
Inverno curto trazendo mais ou menos
Lucros fracos na Região Nordeste
Estragada por fome e pela peste
Invadindo as lavouras do Sertão:
Rios cheios nuns cantos e outros não
Observei tudo quanto vi no teste. - C

Estudei pra vida prática
Desenho, inglês, matemática
Francês, história, gramática
Química e religião
Lógica, Geometria
Música, geografia
Moral e astronomia
De onde fiz a profissão
Manoel Luiz irradia
Dos astros a terra fria
Os cálculos da astrologia
Pra quem quiser ser feliz

Já que ninguém vive quedo
Nesta vida de segredo
Vá depressa enquanto é cedo
Consultar Manoel Luiz. - C

- 1974 - Bem sei que setenta e quatro traz
Reboliços em partes do Nordeste,
Arriando no mundo guerra e peste
Sobre as terras as fortunas dando atrás;
Inda sei que o Planêta Marte faz
Levantar a vingança, o egoísmo
Estou vendo no homem grande abismo
Indicando na terra inverno êsmo;
Relâmpagos, trovões; por isso mesmo
O ano deixa sinais de cataclismo. - C
-

1. Em São José do Egito
Da terra ao alto infinito
Sou um astrólogo perito
Que vivo da profissão.
Um horóscopo verdadeiro
Compensa bem seu dinheiro
Que eu sou bom companheiro
Da capital do Sertão.

2. Do sítio a sair na praça
Por onde a ciencia passa
Não há no mundo quem faça
Trabalhos do meu sistema.
Casamento embaraçado
Ou negócio atrapalhado
Joge tudo pra meu lado
Que eu resolvo o problema. - C

- 1975 - Bom DEUS - PAI - Criador Onipotente,
Rei supremo de globo universal!
Ajudai o agricultor em geral
Sobre a terra Chuvendo francamente

Inverno tarde porem estou ciente
Lendo o Lunário perpétuo me convem
Experimentar os Planêta do além
Infelizmente ê ano de muita peste
Rios cheios em parte do Nordeste
Onde o povo trabalha e vive bem. - C

1. O Padre Cícero Romão
Juntinho a Frei Damião
Por Deus Pai da Criação
E por Jesus nosso guia.
Inspira bem teu poeta
Manoel Luiz, o profeta,
Numa linguagem completa
Sobre o Dom da Profecia.

2. Quer faça Sol ou chovendo
Quando eu vou escrevendo
Só me parece está Vendo
Padrinho Cícero Romao
E ele aí quem me ajeita
Nunca cadeira Perfeita
Sentado à minha direita
Guiando bem a minha mão. - C

1976 - Bom inverno não é em toda parte,
Rios cheios nuns cantos, noutros não
A lagarta nas lavouras do sertão;
Sobre as coisas da TERRA tudo é MARTE.
Influindo até mesmo o bacamarte,
Luta e sangue, sinal de uma guerra;
Estou vendo do vale a alta serra:
Incêndio, vingança e carestia.
Revoluções Dentro da DEMOCRACIA
Oprimindo os vilhos da nossa TERRA. - C

1. Bom Deus da criação
Do Sul a sair do Norte
É meu protetor mais forte

Que eu tenho no coração.
Padrinho Cícero Romão
É meu verdadeiro guia
Em qualquer hora do dia
Ou da noite dá-me um visto
Guiado por Jesus Cristo
Filho da virgem Maria.

2. Frei Damião também é
Meu conselheiro perfeito
Sincero, bom bem direito,
Completo de amor e fé
Em Jesus de Nazaré
Filho de Deus verdadeiro.
Rei dos reis no mundo inteiro;
É nosso reto Juiz
Que ajuda a Manoel Luiz
Lunarista Brasileiro. - C

1977 - Bom leitor de “O Nordeste Brasileiro”
Rasgue o chão nas primeiras trovoadas
Aproveitando os terrenos de chapadas
Só por onde acumular aguaceiro
Isto é pra ter Lucro verdadeiro
Levantando os paíós de algodão;
Estou certo, porém milho e feijão:
Indicam dar preço mesmo agora,
Relembrando uma seca de outrora...
O leitor veja lá, preste atenção!... - C

1. Frei Damião no Brasil
Debaixo do céu de anis
Tem feito milagres mil
Orando a Deus verdadeiro
Frei Damião desde já
No meu pensamento está
Que ele foi é e será
Meu guia, meu conselheiro.

1978 - Bem ligeiro prepare seus terrenos

1978 - Bem ligeiro prepare seus terrenos
Resumindo as despesas lá da roça
Antes mesmo de vir a chuva grossa
Só plantando no sêco, mais ou menos
Isto é bom para grandes e pequenos
Lavradores da nossa Região
Estou vendo arroz, milho e algodão
Infelizmente este povo nada lê...
Rico ou pobre; cuidado, só porque
O ano deixa sinais de confusão. - C

1. Viva Deus pai criador
Viva o poeta escritor
Viva quem for lavrador
De arroz, milho e feijão
Em alta voz positiva!
Dou vivas ninguém me priva!
Viva! Viva! Sempre viva!
Padrinho Cícero Romão.

2. Dou viva a Frei Damião
Pastor de bom coração
Da nossa Religião
Fundada por Jesus Cristo
Viva Cristo eternamente
Viva o Papa, viva a gente
Viva Geisel, o presidente
Que por todo o mundo é visto. - C

Estudei pra vida prática
Desenho, Inglês, Matemática - OBS: Versos iguais aos de
1973.

Francês, História, gramática
Química e Religião
Lógica, geometria
Música, geografia
Moral e astronomia
de onde fiz a profissão. - CC
Em São José do Egito

Dentro do alto infinito
Sou um astrólogo que imito
Ao SÁBIO REI SALOMÃO
Assim por todos os canos
Dos mais longicuos recantos
Manoel Luiz dos Santos
Honra sua Profissão. - CC

- 1979 - Bom dia mesmo para todo o meu Sertão
Rico ou pobre lá em setenta e nove
Aproveita este ano porque chove
Sôbre a terra nuns cantos, noutros não;
Inconstancia nas safras de algodão
Levando chuvas, frios desagradáveis;
Inda mesmo que possa ser feliz
Respeite bem o Lunário onde diz
O ano mostra recursos variáveis. - C

-
1. Quem nada tem, nada vale;
Tendo sempre é mais feliz;
Então é por isso mesmo
Que o nosso profeta diz
Carta que não traz dinheiro
Não é pra Manoel Luiz
Mande seicentos cruzeiros
Ligeiro sem ter demora
Tome dinheiro emprestado
Entregue ao correio na hora
Pra seu horoscopo completo
Que a sua vida melhora. - C

- 1980 - Boas colheitas de milho e algodão
Relâmpagos, faíscas, trovoadas
Aguaceiros, violentas enxurradas
Sendo lá bem no centro do sertão
Inverno êsmo, sujeito a um verão
Limitando os lucros do lavrador;
Eu confio no poder do Salvador,
Incluidos n aluta seguiremos
Recebendo produtos nós teremos

O resultado de um ano criador. - C

1. Em nome do Pai Eterno
Do filho e Espírito Santo:
Vôe meu leitor amigo
Saia de lá de seu canto
Venha busca seu Horóscopo
Que eu lhe faço e garanto.
2. Não brinque lá nem duvide
Das coisas do ocultismo,
Queira tomar meu conselho
Pra se afastar do abismo,
Venha pra Manoel Luiz
Tirar-lhe o caiporismo.
3. Eu encabresto os espíritos
De Jâmblico, de Allan Kardec;
Dos Alberto e Nostradamos,
De Avicena e Alibek
De Apolônio de Tiana,
De Zoroastro e Claunech.
4. Traga nove mil cruzeiros
Pra um trabalho completo
Ou mande pelo correio
Agora enquanto estou quieto
Pronto pra lhe defender
Com um pequeno objeto.

NOTA: Nesse Almanaque, além dos Acrósticos, foram transcritos os outros versos da capa.

Muitos são os aspectos a explorar nesse Almanaque. As citações, por exemplo, vêm inseridas em textos longos; não são, portanto, impressas com destaque. Na, pode-se ver uma série de pensamentos reunidos, bem como uma transcrição de Coelho Neto e de outra de Vieira que informam sobre o gosto de Manoel Luiz.

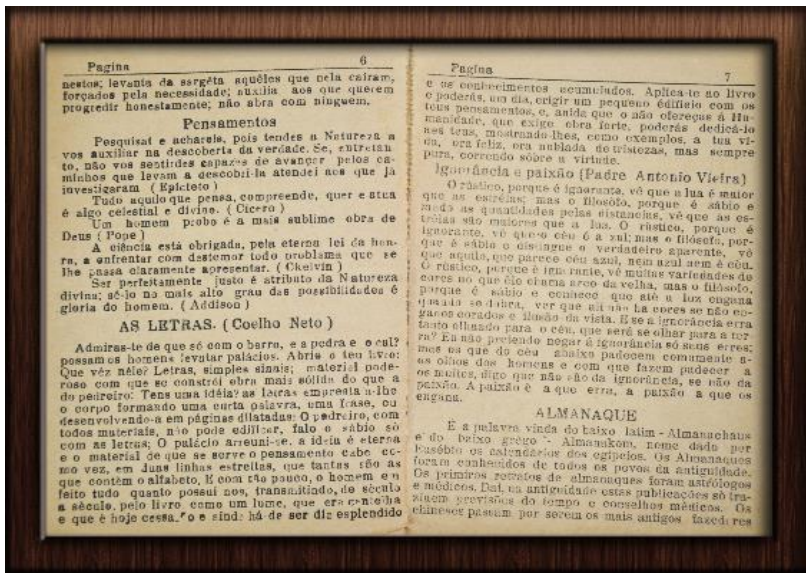


Figura 21. Pensamentos e textos de Coelho Neto e Pe. Antônio Vieira. Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 1964.

No Almanaque de 1965, vem publicado um sonho que, evidentemente, tem conotação profética (Figura 22). Dos Almanques de 1968 e 1970, foram selecionados alguns textos (Figura 23 e Figura 24) para dar ideia do conteúdo variado do Almanaque do Nordeste Brasileiro.

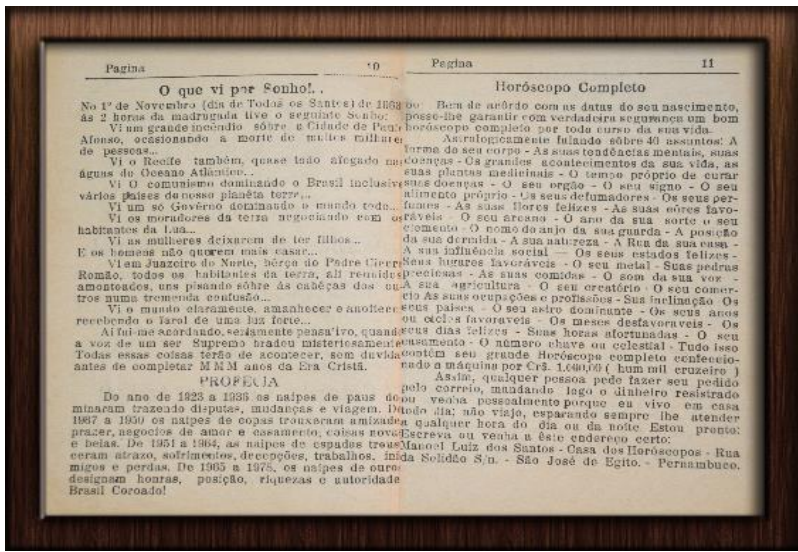


Figura 22. Sonho. Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 1965.

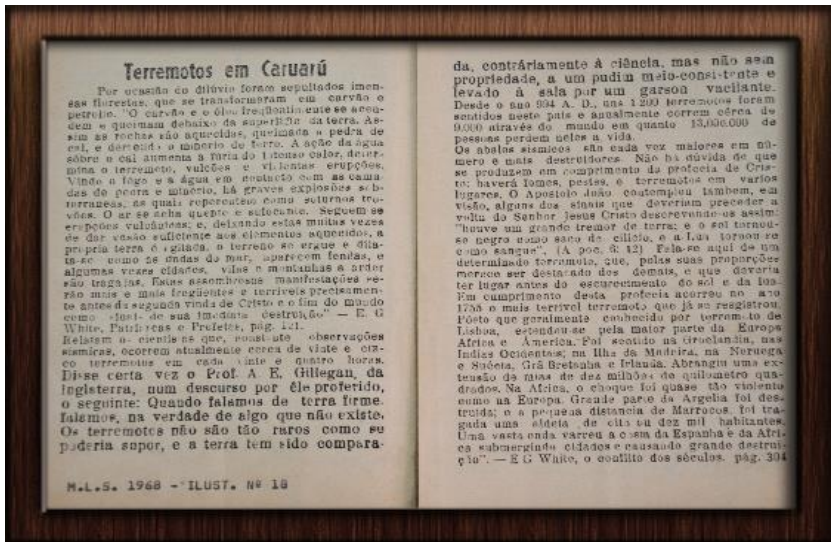


Figura 23. Terremoto em Caruaru. Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 1968.

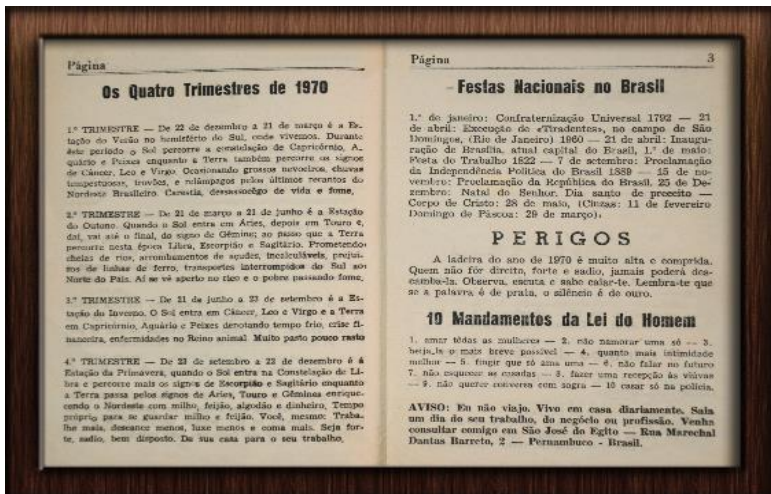


Figura 24. Os Quatro trimestres de 1970. 10 Mandamentos da Lei do Homem (Humor). Perigos. Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 1970.

Escolha aqui seus Talismãs desejados

Talismã para curar o câncer	Cr\$ 6.000,00
Talismã para curar a epilepsia	\$ 4.500,00
Talismã para curar a eczema	\$ 5.100,00
Talismã para curar reumatismo	\$ 3.800,00
Talismã para recuperar a vista perdida	\$ 4.600,00
Talismã para curar a surdez	\$ 2.700,00
Talismã para curar a embriaguez	\$ 9.000,00
Talismã para retirar mau encosto	\$ 6.000,00
Talismã do Amor faça qualquer coração	\$ 9.000,00
Talismã dos negócios faz ganhar dinheiro	\$ 6.000,00
Talismã Sexual faz a potência do homem	\$ 6.000,00
Talismã para alcançar longa vida	\$ 9.600,00
Talismã para a mulher não ter filho	\$ 6.000,00
Talismã da Liberdade tira o réu da cadeia	\$ 5.100,00
Talismã do motorista evita os desastres	\$ 3.600,00
Talismã para o político ser eleito	\$ 18.000,00
Talismã do Criador desenvolve os rebanhos	\$ 4.200,00
Talismã da Riqueza enriquece o dono	\$ 3.000,00
Pedra Mágica descobre os tesouros	\$ 9.800,00
Talismã do Jogador faz ganhar em todos os jogos	\$ 9.000,00
Anel Zodiaco traz boa sorte	\$ 6.000,00
Talismã para afastar maus vizinhos	\$ 15.000,00
Signo de Salomão vence inimigos	\$ 8.100,00
Talismã da Saúde cura qualquer doença	\$ 9.600,00
Talismã do Agricultor faz aumentar os produtos	\$ 9.000,00
Talismã do estudante faz passar nos exames	\$ 7.200,00
Talismã da Memória faz aumentar as lembranças	\$ 2.400,00
Talismã para ninguém ter medo	\$ 1.500,00
Talismã para se defender de faca e bala	\$ 3.300,00
Talismã para amargar bicho brabo	Cr\$ 1.800,00

Sê su mesmo posto e tenho com que resolver todos os problemas da sua vida. Não responderei carta sem dinheiro. Faça seu pedido pelo correio ou venha pessoalmente. Vivo em casa todos os dias. Meu endereço: Avenida Costa Riquiano Leite, 6
CASA DOS HORÓSCOPOS - 56.700 - SÃO JOSÉ DO EGITO - PE.
MANOEL LUIZ DOS SANTOS

Figura 25. Anúncio e Preços dos Talismãs. Almanaque do Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 1979-1980.

Manoel Caboclo e Silva

O exame do Almanaque de Manoel Caboclo e Silva foi feito com base nas publicações de 1970 a 1980, embora o primeiro número seja de 1960. O autor residia em Juazeiro do Norte e as informações específicas sobre o seu modo de vida foram obtidas através de entrevista feita pelo poeta popular José Alves Sobrinho, que o entrevistou para o dicionário bio-bibliográfico de Almeida *et al.* (1979) e para este trabalho.

Manoel Caboclo nasceu em Juazeiro do Norte, Ceará, em 2 de janeiro de 1916. Astrólogo, editor, poeta popular, seu primeiro folheto, escrito em 1970, intitula-se “Nossa Senhora Chorando, falou a um menino de nove anos”, tendo publicado muitos outros posteriormente.

No começo da vida, foi agricultor e residiu nos arredores de Juazeiro, onde ia frequentemente para vender lenha. Em 1938, começou a trabalhar na tipografia de José Bernardo (Tipografia São Francisco), onde fez-se tipógrafo. Durante dez anos, permaneceu nesse local até que, industriado por João Ferreira de Lima, estabeleceu seu próprio negócio, comprando pequena máquina tipográfica. Em 1951, João Ferreira de Lima transfere sua tipografia para Juazeiro e convida Manoel Caboclo para sócio. Em 1961, Caboclo compra a tipografia de Ferreira Lima, desfazendo-se a sociedade. Sua tipografia ficou, então, instalada na sua própria residência, local onde exerceu todas as suas atividades profissionais, inclusive a de tipógrafo. Sua casa, como a de Manoel Luiz, era conhecida como Casa dos Horóscopos. Com a morte de Manoel Caboclo, seu almanaque deixa de circular em 1996, ficando, assim, incompleta a edição do almanaque de 1997 (FRANÇA JR. 2007), cuja produção não ultrapassava cinco mil exemplares.

Manoel Caboclo era simpático, extrovertido, alegre e goza da estima dos profissionais de ramo. Também, como muitos cordelistas, não completou o ensino fundamental, embora vivia de escrever. Sem ter tido oportunidade de estudar, aderiu ao MOBREAL para se alfabetizar, quando esse movimento surgiu em final da década de 1960. As pessoas que o procuravam até a década de 1980 eram recebidas em seu escritório, cômodo de muito bom aspecto, onde havia máquinas de escrever e calcular.

Quadro 15. Movimento Comercial do Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva.⁷

Ano	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Preço											
Horóscopo	10	20	20	20	30						
Consulta	5	10	10	20	10						
Guia da Saúde	10		20								
Consulta p/ deixar o vício de fumar				20							
Talismã	30	40			60		250				
Defumador Planetário			10								
Horosc. e Talismã Planetário			60	60		150	150	200	200	350	
Chave Mestra			40								
Talismã Planetário			50								
Talismã da Riqueza			50	60							
Talismã do Amor			40	60			250				
Talismã do Viajante			40								
T. do Agricultor e Criador			50		60						
Horósc. e Talismã do Signo				60							
Horósc. e Guia da Saúde				50	50						

⁷ Ver nota 6 sobre as moedas vigentes.

Quadro 16. Movimento Comercial do Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva (Coninuação...)

Ano	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Cons. p/ Casam. Comp. e venda de terra, casas ou mudanças				20	20						
Pedra mágica dos 7 metais p/ quem negocia				50	50						
Horóscopo sem Talismã						60	60				
Horósc. Médio com 3 anos de futuro						30					
Horósc. Geral com 3 anos de futuro							30				
Horóscopo completo								150	150		
Horósc. Médio com 6 anos de futuro								100	100	100	200
Perfume planetário							100	100	150	200	
Horósc. Completo (Individual)										200	300
Horósc. Completo Individ. com Talismã Planetário											600
Horóscopo Médio											200
Talismã do Poder								Sem preço			
Talismã do Jogador							250				
Anel zodíaco								600			

O Almanaque de Caboclo é muito uniforme no seu aspecto físico e, desde 1970, tem a mesma feição que vai descrita no Quadro 17. Como toda publicação no gênero, apresenta uma série de objetos à venda, sobretudo Horóscopos e Talismãs. Os Horóscopos são confeccionados por Manoel Caboclo. Quanto ao Talismã e Anel do Zodíaco, são encomendados em São Paulo (ver Almanaque 1976). Para preparar esses dois objetos, o astrólogo deve confeccioná-los em dias favoráveis à pessoa que o irá usar, dificultando o trabalho (ver procedimento estabelecido por Ferreira Lima como exemplo). O Quadro 8 permite ver a semelhança entre alguns talismãs de Caboclo e de Manoel Luiz, ambos inspirados no livro “Clavículas de Salomão”.

Quadro 17. Características do Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva

1 - NOME DO AUTOR:

Manoel Caboclo e Silva
Juazeiro do Norte, Ceará.

2 - TÍTULO:

Almanaque “O Juízo do Ano” para o Nordeste

3 - PRIMEIRO ANO DE PUBLICAÇÃO:

1960

4 - PROPRIEDADE:

Coleção Particular (Atualmente na UEPB)
Faltam os números 1960, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968 e 1969.

5 - DIMENSÕES:

De 1970 a 1980 - 16 cm x 11,5 cm

6 - CAPA:

1970 - Título e ano do Almanaque na parte superior. Presença do nº 17. Acróstico e propaganda do Almanaque na parte inferior. Retrato do autor (4,5 cm x 3 cm) na parte lateral esquerda.

De 1971 a 1972 - Xilogravura apresentando, um fundo preto, o título do Almanaque, estrelas, luas e cometa. Isto

na parte superior da Capa. Na parte inferior desta, em fundo amarelo claro, impresso com letras pretas o acróstico e o nome do autor.

De 1973 a 1980 - Na parte superior do Almanaque em fundo preto o título do Almanaque. Logo abaixo, círculo contendo os signos do zodíaco no interior deste, outro círculo representando o sol, em cujo centro está o ano do Almanaque. Na parte inferior em fundo amarelo claro o Acróstico. Nos números de 1973 e 74 aparece o nome do autor. Nos números de 1975, 1976, 1977 não têm na capa o nome do autor. Em seu lugar tem o título "Horóscopo para todos". (Popular). De 1978 em diante abaixo deste título vem o nome do autor.

7 - TIPOGRAFIA, NÚMERO DE PÁGINAS E TIRAGEM

De 1970 a 1980 - Tipografia e Folhetaria de Manoel Caboclo e Silva, Juazeiro, CE.

1970	- 16 pgs
1971	- 18 pgs
1972	- 18 pgs
De 1973 a 1976	- 24 pgs
1977 a 1978	- 26 pgs
1978	- 26 pgs
1979	- 28 pgs
1980	- 32 pgs
Tiragem	- Sem informação.

NOTA: Para preços, ver Quadro 16. Coleção particular na época de Átila Almeida/Ruth Almeida, doada posteriormente para UEPB.

O Juízo do Ano apresenta material variado. Hábil em selecionar textos, Manoel Caboclo consegue dar riqueza ao seu Almanaque. Os artigos "O Retirante" (Figura 28), "Os terremotos" (Figura 27), "No despontar de uma Aurora" (Figura 28) e "Bom Dia, Bom Dia Mesmo" (Figura 29) são realmente bem lançados. Padre

Cícero é uma das suas preocupações básicas. Em 1973, ao fazer resenha cronológica do santo de Juazeiro, Manoel Caboclo o faz nascer sob “as gotas cristalinas de Aurora Boreal”:

1844 – Quando a famosa lua tropical num céu azul recamado de estrelas, girava o oeste para o leste deixando um vínculo traçado numa data que logo em breve passaria para a história.

Era um belo dia vernal, as gotas cristalinas da aurora boreal jorravam copiosamente embalando os frutos e as flores que enfeitavam os bosques do rincão da Serra (SIC).

O autor divulga, com amor, a vida e a obra do famoso padre, além de citar textualmente suas palavras. Há, portanto, um culto permanente ao Padre Cícero.



Figura 26. O Retirante. Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva, 1971.

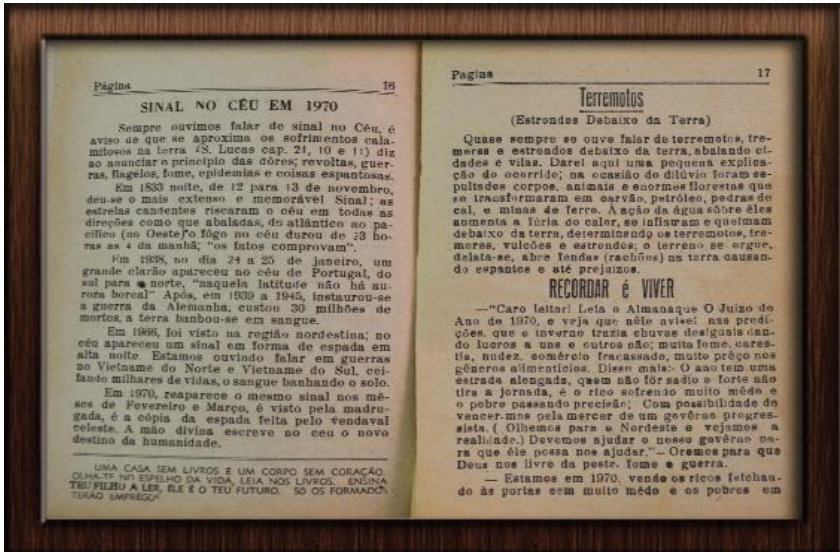


Figura 27. Sinais do Céu. Terremotos. Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva, 1971.

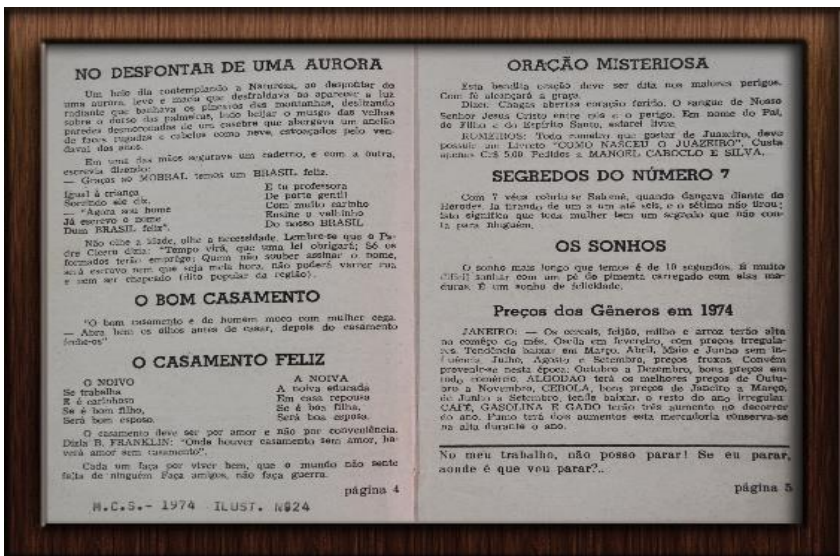


Figura 28. No despontar de uma Aurora. Preços de Gêneros. Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva, 1974.

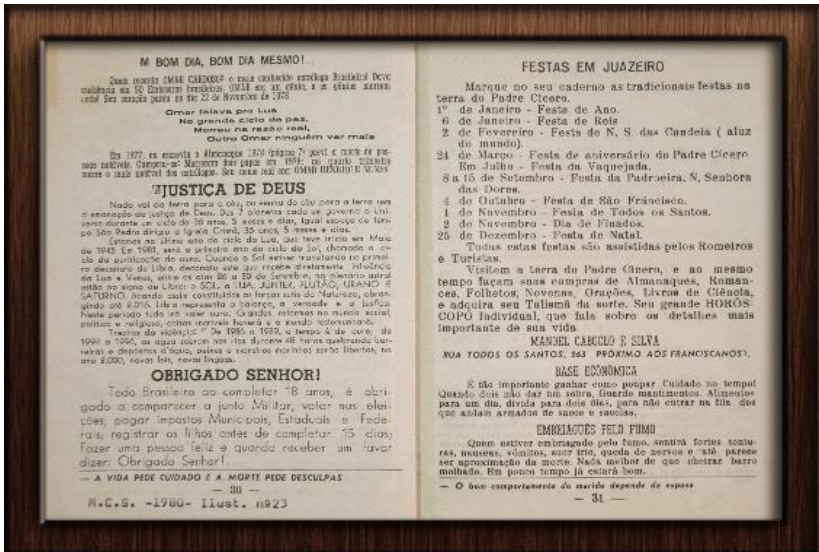


Figura 29. Bom Dia, Bom Dia Mesmo! Obrigado senhor e outros. Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva, 1980.

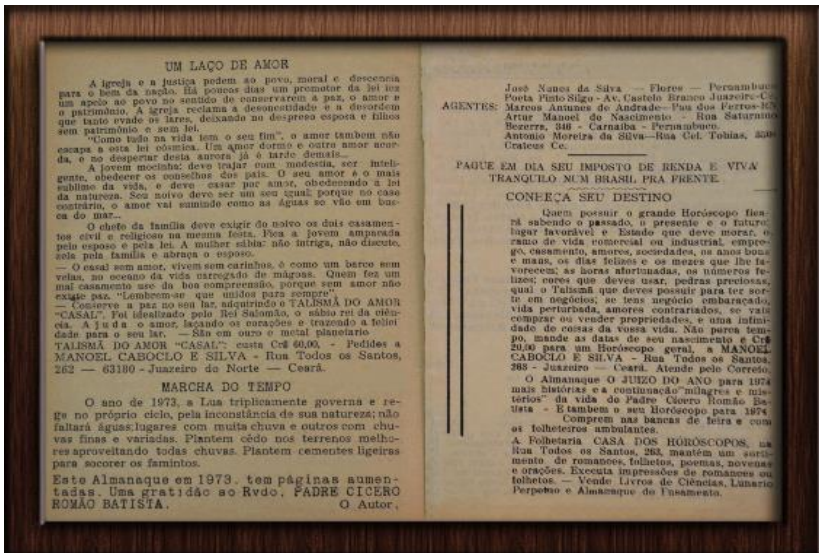


Figura 30. Dois textos: casamentos e família. Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva, 1972-1973.

Moralista, apresenta o Almanaque com conselhos para casais (Figura 30). Mas nem por isso deixa de lado o humor e, em 1974, insere em seu Almanaque a primeira anedota. Dessa data em diante, as anedotas estão quase sempre presentes.

Os autores de Almanques estão sempre interessados em mostrar o acerto de suas predições. Manoel Caboclo não foge à regra e, em 1973, publica: “Lembrete. Quem tem um Almanaque do ano de 1961, ver que eu avisei que de 1960 a 1964 teria uma moeda e um novo regime. O custo de vida nos dez anos aumentaria 50 vezes”.

O aviso foi o seguinte:

A marcha do tempo: De acordo com a marcha do tempo até 1964 tudo só baixará quando ninguém mais puder comprar; estamos na era das espadas, quer dizer carestia, secas em diversas partes, inundações e outros castigos divinos até 1964. De 1965 até 14 anos, teremos a época das moedas, será um novo regime mais abundante embora pouco tempo, “Dizia o Padre Cícero”, em 1961 teremos o círculo do sol que será de 36 anos; é um novo céu uma nova terra (S. João 21 e VI).

Como se vê, não há muita clareza no texto; as aspas, como de costumes, colocados fora do lugar, os assuntos misturados, dificultando ou impossibilitando a compreensão.

Quadro 18. Citações e informações no Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva

I - BÍBLICAS OU RELIGIOSAS

1. Deus disse ao homem: “trabalha e ajuda-te a ti mesmo, e eu te ajudarei.” (1971)
2. Disse Sta. Teresinha: “Se Satanás pudesse amar, deixaria de ser mau” (1971)
3. Sempre ouvimos falar de um sinal no céu, é aviso de que se aproxima os sofrimentos calamitosos na terra (S. Lucas cap. 21 10 e 11)

- diz ao anunciar o principio das dores, revoltas, guerras, flagelos, fome epidemias e coisas espantosas. (1971)
4. Jesus descansou meditou orou e disse: “Nem só de pão vive o homem; e sim da palavra de deus”. (1972)
 5. Muitos correrão de uma parte para outra “ Daniel 12,4” (1972)
 6. Deus disse: dai de comer a quem tem fome. (1971)
 7. Deus nosso senhor jesus cristo disse: “Na casa do meu pai há muitas moradas”. (1973)
 8. Dizia Salomão: “Cada coisa tem seu tempo.” (1973)
 9. Deus disse: feliz de quem crê sem ver”. (1974)
 10. Não ame o sono para não seres pobre: “Abre os teus olhos e não te faltará o pão”. (Salomão). (1974)
 11. Como disse jesus: “Haverá homens desmaiados das coisas que sobreviverão; as virtudes do céu serão abaladas; no fim dos tempos a ciência se multiplicará”. (1976)
 12. Disse o senhor: “A salvação do mundo está no milagre do amor”. (1976)
 13. Diz são Lucas cap. 10 e 11: “Flagelos, guerras e terremotos.” (1974)
 14. Dizia Salomão: “Cada coisa tem seu tempo”. (1974)
 15. Que culpa tem os filhos? Fala o apóstolo Paulo a Timóteo: “A decadência moral é a ruína dos lares, torna pais e mães ingratos e desobedientes às leis”. (1975)
 16. Dizia Salomão: “O casamento sem amor amarga mais que a morte”. (1975)
 17. Disse s. Paulo, 1º Coríntios, cap. 12. V. 5 a 11- “Não quero irmãos que sejais ignorantes”. (1975)
 18. “Podemos viver sem pai, sem mãe, mas não podemos viver sem Deus”. Leont. (1975)
 19. E contra deus que se ergue o ódio e a ira dos fracassados. CMF (1975).
 20. Diz a bíblia: “Não se põe o termo aos livros por que deles nascem a virtude”. (1975)
 21. Deus disse: “Ensinai uns aos outros”.

PADRE CÍCERO

22. Pe. Cícero no horto alegórico, descansou, orou, meditou e disse:

- “Nossa vida não é esta aqui na terra. Perdoa e será perdoado. Olhai para o céu que mudará de pensamento: os ricos e os pobres aqui serão julgados: o povo sem distinção de classe e religião, vão ao horto, oram meditam e mudam de pensamento. Quem vai ao horto recorda o ontem, o hoje e o amanhã”. (1972).
23. Disse o Pe. Cícero as últimas palavras: “Quem não tem remédio arremediado está. Paciência, conformidade e silêncio”. (1970)
 24. Pe. Cícero disse: “Tempo vem que feijão e farinha seriam engarrafados e postos nas prateleiras”. (1971-1973).
 25. O reverendo Pe. Cícero em uma de suas conferências disse: “Aprendam a ler, tempo virá que uma lei obrigará. Quem não souber ler não poderá trabalhar, nem sequer varrendo quem não tiver um diploma não será empregado; quem não souber assinar o nome, será escravo nem que seja por meia hora”
“Quem não poder estudar pelo dia, estude pela noite”. (1973).
 26. Lembre-se que nosso mestre padre Cícero dizia: “Não corte as árvores de seu terreno. Não venda sua propriedade; não deixe seu lugar; seja prevenido; quem estiver fora não entrará, quem estiver dentro não sairá; não fale mal do seu vizinho, o diabo anda as escutas para tecer a maldade. Tempo virá que só uma estrela dominará”. (1972).
 27. Pouco antes de morrer disse Pe. Cícero: “Peço aos romeiros que continuem visitando o juazeiro”. “Trabalhe como quem nunca morre e reze como quem vai morrer hoje”
“Vou para o céu rogar a Deus por vocês que ficam aqui na terra, quem não tem remédio arremediado está, paciência, humildade, conformidade e silêncio”. Foram suas últimas palavras (1973).
 28. Lembrem-se que o PE. Cícero dizia: “Tempo virá, que uma lei obrigará; só os formados terão emprego; quem não souber assinar seu nome, será escravo nem que seja meia hora, não poderá varrer e nem ser chapeado”. (dito popular da região) (1974).
 29. Pe. Cícero disse: “Deus está escolhendo seu povo, mas não quer quem morrer queimado nem quem morrer enforcado com as próprias mãos”. (1974).
 30. Pe. Cícero dizia em sermão: “Quem vier para juazeiro, traga um saco de paciência. A mão de Deus é quem chama o povo para esta terra. Sejam bons, honestos, trabalhadores.

Ensinem os filhos a ler; tempo virá que uma lei obrigará; quem não quiser aprender a ler, dever aprender a fazer correntes para amarrar os loucos”.

Continuava ele: “Quem bebeu não beba mais, quem matou não mate mais, quem foi desonesto não seja mais. Rezem o rosário todos os dias, que ninguém lhe ofenderá”. (1976).

31. Certa vez disse o Pe. Cícero: “Esta juazeiro ainda será uma capital”. (1976)
32. “Sem dúvida alguma fala o livro: “As perseguições de que Pe. Cícero foi vítima; compara-se com a sua santidade pelo mundo afora” (1975).
33. Pe. Cícero respondeu-lhe: “Não mate, não roube, não desonre, nem beba cachaça, não fale mal de ninguém e viva em paz”. (1975).

COSTUMES

Aos noivos:

34. O casamento para o homem é uma ratoeira e para a mulher uma gaiola. O amor é como fumaça sufoca mas passa (1970).
35. Não casa com mulher de nariz achatado, voz alta e sem educação. Nem com a que suar constantemente os pés ou as mãos. (1970)
36. Escuro e sombras são lugares propícios para as juras e promessas de falso amor. (1970).
37. Ser filósofo é fácil, difícil é executar o sentimento filosófico. (1970)
38. Quem faz dívidas perde a liberdade; quando se avista o credor... Mente-se; O credor tem memória melhor do que a do devedor. Muitas vezes tornam-se inimigos; Quem faz débitos cria medo! Com êle vem-lhe a vergonha. Quem empresta ou vende fiado... Cisma e desconfia; (1970).
39. Diz o Bom Homem Ricardo, o trabalho paga as dívidas. (1971)
40. Dizia B. Franklin: “Onde houver casamento sem amor, haverá amor sem casamento” (1974).
41. Disse um poeta: - para moça casar cedo, não há melhor meio como falar com o padre para casar 5 horas da manhã. Todos dirão, fulana casou cedo. (1976)
42. As mulheres não vêm o que por elas fazemos, só vêm o que não fazemos (A.C.) (1974).

43. “Em 10 mil homens 8 mil ama as mulheres, 500 amam a mulher, só 1 ama a uma só mulher”. A. (1974)
44. É mais fácil pintar um quadro no ar, fazer uma casa na ponta de uma agulha, de que encontrar uma mulher que não ame o dinheiro. A. (1975).
45. É mais fácil uma mulher sem língua de que sem resposta. A. (1975).

CIENTÍFICAS OU CULTURAIS

46. Plutão é o mais distante de todos os planetas dista do sol 5.959 km. Demora-se quase 50 anos para percorrer-se os 12 signos, “diz um autor” é na passagem desse planeta que dá-se os grandes acontecimentos desagradáveis do mundo. (1971)
47. O maior edifício do mundo. É o Empire State em Nova York. Tem 375 m de altura, 102 andares, 5 portões, 6000 janelas, 64 elevadores. Neste prédio moram 25000 inquilinos com acessórios e oficinas que dão trabalho a mais de 40 mil operários diariamente. (1973)
48. Diz o doutor Vander: “Uma simples mancha na pele, um sinal que aumenta de cor, um ferimento que sangra, um ferimento ou placa na boca, língua ou lábios (uma chapa mal ajustada na boca), uma verruga, ferimentos nas partes genitais, mulheres que percebem um caroço nos seios ou mancha, tudo merece os cuidados médicos. Não espere por que se no início o câncer houvesse dor, como dor de dentes, pouca gente morreria desse mal. O câncer no início é local e o médico pode curar”. (1975)

DIVERSOS

Diz um autor:

49. Se um furioso continua 2 meses pela manhã e a noite comendo 2 gemas de ovo tornarão seu juízo (1973).
50. Diz o famoso Omar Cardoso: “Deve-se fazer mudanças de uma casa para outra, de uma cidade para outra, de um estado para outro, e até mesmo de um país para outro para afastar a inércia” (1974).

51. Dizia o Bom Homem Ricardo: “Três mudanças desfavoráveis, é igual a um incêndio” (1974).
52. Diz o prof. N. Capó; “Quem sofrer queda dos cabelos, caspa, piolhos e pitiríase. Junte uma cebola branca ralada, ao suco de 3 limões maduros. Com estes fricciono o couro cabeludo durante 5 minutos, depois lave a cabeça com um sabonete e use óleo de sua preferência.”
 “Torna os cabelos abundantes, macios e sedosos”. (1974)
53. Dizia Eurípedes. “O homem de sentimentos nobres é sempre pobre”(1975).
54. Disse H. Bocque: “A metade do que escrevemos é útil.” (1975)
55. Eça de Queiroz disse: “A leitura de um livro faz a eternidade de um povo” (1975).
56. Digo Eu : “Um parágrafo de um livro faz a felicidade de uma cidade” (1975).
57. Dizia frei Luiz de Leon: “A honra segue a virtude como a sombra segue o corpo”(1975).
58. Dizia Esquilo: “Até o mais sábio dos homens pode errar” (1975).
59. Em 1870 escrevia Tobias Barreto dizendo: “A província pode ter seus grandes homens e talentos aproveitáveis”(1975).
60. “Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia”.
61. A ciência diz “Feliz de quem crê nos mistérios da natureza” (1974).

Para se ter uma visão quantitativa da natureza das informações ou citações contidas no Almanaque de Manoel Caboclo, pode se classificar as informações em 5 grupos: Bíblicas ou Religiosas, Padre Cícero, Costumes, Científicas ou Culturais e de Diversos (Quadro 18). Na categoria Bíblica ou Religiosa, serão incluídas todas as citações que mencionam figuras da Bíblia, Santos, Deus, ou que, sem mencionar nenhum nome, tenha conteúdo religioso. As citações de Pe. Cícero formam um grupo à parte não só por serem abundantes, mas, sobretudo, por refletirem a preferência popular, em matéria que não conta com o apoio oficial da igreja católica. No grupo Costumes, estão as citações de cunho moral, ligadas à boa conduta social. No grupo das Citações ou Informações

Científicas ou Culturais, estão aquelas que dizem respeito às explicações ou informações de fenômenos científicos, doenças, saúde ou mesmo curiosidade (Quadro 18). No grupo Diversos estão incluídos as de conteúdo variado ou impreciso que não se enquadrem facilmente nos quatro grupos anteriores. A estatística do Quadro 19, mostra uma predominância dos assuntos que versam sobre Religião e Padre Cícero.

Quadro 19. Frequência das informações ou citações contidas no Almanaque de Manoel Caboclo (1960-1980).

1. Bíblicas ou Religiosas	21	33%
2. Padre Cícero	14	22%
3. Costumes	12	20%
4. Científicas ou Culturais	3	5%
5. Diversos	13	20%

Entre as citações não religiosas, destacam-se os nomes de Eurípedes, Eça de Queiroz, Esquilo, Luiz Ponce de Leon, Tobias Barreto e Benjamin Franklin. Estão presentes dois autores gregos, um poeta espanhol, um escritor americano, um português e outro brasileiro; outros nomes são mencionados, mas de autores pouco conhecido.

As citações de costumes estão associadas a diversas circunstâncias, por exemplo, amor x casamento, amor x sinceridade, amor x dinheiro. O autor aborda, também, o problema das dívidas e do trabalho, sempre recomendando evitar as primeiras e se dedicar ao segundo. Não demonstra preocupação com as invocações no trajar e as mudanças ocorridas na maneira de namorar ou nas relações entre pais e filhos.

Como se vê, nas citações de Manoel Caboclo há uma tônica do universo religioso (soma 55% das citações: 33%+22%) com Pe. Cícero como tema principal. As figuras religiosas ou bíblicas mencionadas no texto são: Deus, Jesus, Salomão, São Lucas, São Paulo, Santa Terezinha, Bíblia, Daniel, Salomé e Herodes.

As tentativas de explicações científicas estão presentes. Essas constituem, sem dúvida, um aspecto bem importante do Almanaque, por ser o elemento que provavelmente torna o autor respeitado pelos seus leitores. Na realidade, ele não poderá ser bem compreendido e nem contestado ao falar de terremotos, de distâncias interplanetárias ou do Empire State.

O Juízo do Ano é uma publicação rica, interessante e a elaboração do Almanaque é uma das atividades mais importantes de Caboclo, ao lado da sua profissão de Horoscopista. Como poeta, Caboclo iniciou-se muito tarde (Acróstico no Quadro 20).

Quadro 20. Acróstico do Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva.

1970 - No litoral, no agreste, ou no sertão
O inverno mediano já nos traz
Relâmpagos e chuvas desiguais
Dando lucros a uns, a outros não
E feliz quem cuidar da plantação
Sol e Jupiter governando traz enrêdo
Todo rico sofrendo muito medo
E o pobre passando a precisão.

1971 - NORDESTE: o clima do sertão
Os meteoros compõe astrologia
Revelam assalto, fome e carístia
Dessassossêgo, falência e aflição
Esteja pronto a cuidar da plantação
Sem perder uma chuva ou seremos
Teologia do planeta agora é vênus
Esperamos de deus a remissão.

1972 - NORDESTE: a Terra é tão bela
O teu povo trabalhando
Regando a terra a plantando
Deus abençoando ela
E sedo debes tratar ela

Seja em baixio ou chapada
Trovões, enchentes, chuvas variadas
Em ano bissexto, precisa cautela.

1973 - NORDESTE, da terra ao firmamento

Observei que a lua deste ano
Representa mudança e desengano
Desempregos, falência e fingimento
Enfermidades, carestia e sofrimento
Sertanejo plante cedo seu roçado
Trate bem da lavoura com cuidado
E confie no poder do soberano.

1974 - NORDESTE: o autor da criação

O deus que me deu entendimento
Relativo aos astros no firmamento
Do inverno vou dar a predição:
Estejam todos a cuidar da plantação
Safrá média, doença e agonia
Trovoadas, tempo vário e carestia
Emburaca da praia ao sertão.

1975 - NORDESTE: da praia ao sertão

O povo trabalhando se “reveste”
Reagindo contra a fome no Nordeste
Deste ano fiz toda previsão
Embaraços em alguma região
Safrá média, e o preço variado
Trate bem a lavoura com cuidado
E confie no Autor da Criação.

1976 - NORDESTE: No espaço sideral

Os astros, no tempo vem marcando
Rio cheio, em partes variando
Deixa lucro médio e desigual
Espalhando carestia em geral.
Só vivemos felizes trabalhando

Trate a terra cedo e vá plantando
E confie no poder universal.

1977 - NORDESTE: lá na imensa grandeza
O sol e saturno governando,
Representa: - lucros variando;
Destacando carestia e aspereza
Enfrente o trabalho com firmeza,
Seja ativo e plante na chapada.
Terra plana, e a roça bem tratada
E tenha fé no autor da natureza.

1978 - NORDESTE: No teu lindo boreal
O sol resplandece governando.
Rio cheio, e lugares variando
Da lavoura terá parte desigual.
Enfrentando o plantio em geral.
Só o trabalho combate a carestia
Trate bem da lavoura, que deus cria
E confie no poder celestial.

1979 - NORDESTE: - Na grande amplidão
Os presságios da lua neste ano,
Representam: o inverno medinho
De arroz, de milho e algodão,
E desigual em alguma região.
Seja ativo, prepare seu roçado
Terra boa, legume bem tratado
Esperando o autor da criação.

1980 - NORDESTE: - Os meteoros em ação.
O movimento dos astros em geral,
Representa a lavoura desigual,
Desassossego em alguma região.
Enchentes, relâmpagos e trovão.
Sobre a serra, sertão e litoral
Trate bem o roçado por igual
E espere de deus a remissão.

José Costa Leite

Costa Leite possuía, em 1980, além da própria residência, outros imóveis de cuja renda já poderia viver independentemente de atividades exercidas como poeta, xilógrafo, autor de Almanques e revisteiro; isto é, comerciante de revista estabelecido em feiteiro na feira. As revistas por ele vendidas eram de segunda mão, mas em bom estado de conservação. O movimento era grande, na década de 1980, e saíam bem: fotos novelas, revistas de TV, em quadrinho e policiais. É o mesmo comércio que desenvolve o poeta Manoel d' Almeida Filho, em Aracaju. Costa Leite diz que vendia bem revistas e Almanques, mas os folhetos não tinha saída, é “um comércio morto, mortinho”, no dizer do poeta.

José Costa Leite nasceu em 27 de junho de 1927, em Sapé-PB, filho de Paulino Costa Leite e de Maria Rodrigues dos Santos. Aos três anos de idade, muda-se para Camutanga, naquela época Município de Timbaúba-PE. Mais tarde, residiu em Goiana, depois em São Lourenço da Mata, Igarassu e, finalmente, em Condado-PE onde fixou-se depois de casado até hoje.

Começou a trabalhar cedo ganhando (dois cruzados) oitocentos reis por dia na Usina Maravilha (Nossa Senhora das Maravilhas), como semeador de cana. Na usina, executou todos os tipos de trabalho até 1947, quando decidiu procurar outro tipo de atividade.

Começou a se interessar por folhetos muito cedo. Toda a semana, comprava, na feira, dois ou três para ler. E à medida que amadurecia na leitura, crescia dentro dele a certeza de que poderia fazer versos. Bem sucedido ao elaborar as primeiras sextilhas, lançou, em 1947, seus próprios trabalhos intitulados “Eduardo e Alzira” e “Discussão de José Costa com Manoel Vicente” que recebeu por parte do público excelente acolhida, especialmente “Eduardo e Alzira”.

Entusiasmado, Costa Leite começou a vender folhetos na feira de Igarassu, onde passou a residir. Essa atividade ocupava-lhe o domingo e havia a necessidade de procurar o que fazer durante

a semana. Foi quando abraçou a profissão de miçangueiro, vendendo confecções por várias localidades pernambucanas, como Nova Cruz, Ramalho, Maria Farinha, Conceição etc. A irregularidade nos pagamentos por parte da freguesia fez com que ele optasse pela profissão de folheteiro, vendendo aos domingos em Igarassu e nos outros dias da semana nas feiras da vizinhança.

Em 1963, estabeleceu a Folhetaria São José, que, em 1973, passou a ser chamada de "A voz da Poesia Nordestina", local que vendia folhetos em grosso e a varejo na década de 1980. Costa Leite publicou cerca de 260 títulos até 1980. Por ser poeta de mérito, ganhou o prêmio "Leandro Gomes de Barros" da Universidade Regional do Nordeste (Campina Grande) em 1976, e foi merecedor também de dois prêmios pernambucanos, um da Prefeitura de Recife e outro da UFPE. Recentemente, foi reconhecido como Patrimônio Vivo da Cultura Pernambuco (Amorim *et al.* 2014).

Em 1977, gravou um disco-cordel N° 1- e, em 1979, outro, Cordel N° 2, ambos com boa vendagem. Sua prosperidade deve-se ao Cordel, mas achava que essa atividade não tinha mais perspectiva em 1980. Quanto ao Almanaque, que publica desde 1960, a saída ainda era boa embora em 1980 ainda que oscilasse de um ano para o outro.

Apesar da sua expressiva obra poética, Costa Leite goza de grande fama como xilógrafo (popular), podendo ser considerado entre os 10 melhores do Nordeste. Apesar de toda uma vida dedicada às letras, o autor só frequentou a escola para aprender o ABC, tendo sido autodidata a partir daí.

Em depoimento, em 1980, Costa Leite aceita, em princípio, a influência dos astros sobre a vida humana. Acha, por exemplo, que um folheto escrito no quarto minguante pode ser excelente, mas não terá êxito. Entretanto, não se sente um predestinado, um profeta ou um superdotado. Em sua casa não havia anúncio de qualquer tipo e todo seu comércio é desenvolvido na feira na década de 1980. Aliás, tanto a vendagem do folheto quanto a do Almanaque exigia que ele viajasse. Se não viajasse, não vendia. Em

1980, quando tinha 64 anos, ele se restringia a vender em 3 feiras: Condado, Itabaiana e Pedras de Fogo. Antigamente viajava por temporada de 20 a 30 dias. Estabelecia-se nas feiras com um aparelho de som ou alugava um carro alto-falante para anunciar o que vendia. Deixou de assim proceder porque em cada cidadezinha que parava a Prefeitura passou a cobrar uma taxa de CR\$ 50,00 a CR\$ 100,00 pela permanência no local e pela energia que consumia. Evidentemente, isto impediu que continuasse trabalhando nesse ramo, pois a atividade pouco rentável não permitia o desembolso da quantia mencionada na época. Atualmente, com 91 anos, ele atende visitas em casa e vende pelo correio folhetos e almanaques.

De 1960 a 1971, o Calendário Brasileiro apresenta o mesmo tipo de capa. Na parte superior, à direita, um clichê de um leão; pouco abaixo desse e à esquerda, retrato de Costa Leite, com pouco mais de 20 anos de idade. Em 1972, e só este ano, sai publicado com o título de "Almanaque do Padre Cícero" e dimensões maiores. Esse novo tamanho, que permanece ainda, é considerado ideal, porque permite impressão com tipos maiores, o que facilita a leitura, principalmente dos que têm dificuldades com a visão ou pouca leitura. Na feição de 1972, a capa apresenta xilogravura dos signos zodiacais e na parte inferior à direita retrato do Padre Cícero. Na contracapa, retrato de Costa Leite, já com mais idade. Esse retrato aparecia na capa do Almanaque de 1973 e dos que lhe sucederam. Em 1974, o leão, signo do autor, além de se apresentar aumentado, apresenta a juba revolta (Quadro 21).

Quadro 21. Características do Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite.

1- AUTOR:

José Costa Leite

Condado, PE.

2- TÍTULO:

Almanaque Calendário Brasileiro

3- PRIMEIRO ANO DE PUBLICAÇÃO:

1960

4- PROPRIEDADE:

Coleção Particular de Átila Almeida/Ruth Almeida

Falta o nº correspondente a 1978

5- DIMENSÕES:

De 1960 a 1971- 16,5 cm x 12 cm

De 1972 a 1980- 18 cm x 13,5 cm

6- CAPA:

De 1960 a 1971- Apresenta clichê de um leão (5 cm x 3,5 cm) do perfil, voltado para o dorso do almanaque e situado na parte superior à direita. Pouco abaixo, à esquerda, retrato do autor (3 cm x 4 cm) com pouco mais de 20 anos. Acróstico e preço.

1972- Xilogravura de Costa Leite, quase do tamanho do almanaque, contendo os signos do zodíaco. Interrompendo a xilogravura, no canto inferior direito, retrato do Pe. Cícero (6,5 x 5 cm). Sem acróstico.

1973- Clichê do leão igual a 1971. Retrato do autor, com mais idade (5,5 cm x 5 cm). Leão com a juba revolta. Acróstico.

7- TIPOGRAFIA, NÚMERO DE PÁGINAS, TIRAGEM:

De 1960 a 1969 - Tipografia a folha, Itabaiana, Pb.

De 1970 a 1977 - Tipografias pontes, Guarabira, Pb.

1979/1980 - Sem informação.

De 1960 a 1967 - 16 pgs.

1968 - 18 pgs.

1969 - 12 pgs.

1970/ 1971 - 16 pgs.

1972 - 24 pgs.

1973 - 12 pgs.

1974/1975 - 16 pgs.

1976 - 20 pgs.

1977 - 17 pgs.

1979/1980 - 16 pgs.

TIRAGEM:

1960 - 1.000 exemplares

1962 - 15.000 exemplares

De 1963 a 1969 - 17.000 exemplares

De 1970 a 1977 - Sem informação

1978	- 10.000 exemplares
1979	- 7.000 exemplares
1980	- 7.500 exemplares

As previsões das ocorrências do ano e suas características astrológicas aparecem em Costa Leite sob título “A experiência do Ano”. Em 1972, passa a ser O Juízo do Ano, título que permanece ainda.

Costa Leite é um homem objetivo e inteligente, como se pode perceber lendo o Almanaque. Na realidade, seu trabalho é muito equilibrado e ele mesmo afirma textualmente que “um Almanaque precisa ter de tudo, porque cada leitor gosta de uma coisa”. Em quase todas as publicações, anuncia folhetos e ensina a fazer remédios da flora medicinal. Anuncia também que confecciona xilogravuras, que vende livros, orações, talismãs da sorte, defumadores e horóscopos (Quadro 16).

Quadro 22. Movimento Comercial do Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite. ⁸

Ano	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969
Preço	20,00	20,00	30,00	40,00	80,00	100	?	?	0,80	1,00
Horóscopo						1.500,00	1.500,00	1.500,00	4,50	4,50
Folhetos	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Orações					Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Livros			Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Defumador		Sim	Sim		Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Clichê				Sim	Sim			Sim		Sim
Talismã						500,00	500,00	500,00	1,50	1,50

Ano	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Preço	1,20	1,20	2,50	?	?	4,00	6,00	?	?	10,00	15,00
Horóscopo	Sim	5,00	10,00	15,00	20,00	30,00	40,00	60,00	?	80,00	100,00
Folhetos	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim		Sim	
Orações		Sim									
Livros		Sim									
Defumador	Sim	Sim					Sim				
Clichê							Sim	Sim			
Talismã	2,50	5,00	5,00	10,00	15,00	20,00	30,00	40,00		60,00	70,00

(? - Indica ausência de informação e Sim - Indica presença do artigo a venda)

⁸ Ver nota 6 sobre as moedas vigentes.

Os preços eram módicos: um horóscopo para um ano – aliás, o único que ele faz – custava, em 1977, CR\$ 60,00 e, em 1980, CR\$ 100,00. Nesse ano, o talismã da sorte pode ser adquirido por CR\$ 70,00 e o Almanaque por CR\$ 15,00.

O Talismã da Sorte protege a pessoa do mau olhado e o Defumador Zodiacal protege a casa de “todo espécie” de sortilégios, visões, malefícios e olhos maus. Ele vendeu muito esse artigo, sobretudo pelo correio. Desistiu, porém, dessa atividade porque a embalagem do defumador era incompatível com a remessa pelo correio. O defumador é fabricado com ervas compradas por ele em Recife. A remessa de dinheiro por parte do freguês é feita adiantadamente. A partir de 1975 o autor passou a aceitar remessas por via bancária.

No Calendário Brasileiro também é comum a frequência com que seu autor combate ou responde a alguns inimigos. No ano de 1962, sob o título “Atenção”, escreve: “Eu para publicar este Almanaque, venho a largo tempo, estudando o Lunário Perpétuo, a Astrologia. O taro adivinhatório com os Astrólogo Científico Sr. José Joavilim muito embora, alguns ignorantes, falam de mim e de meu Almanaque. Não existe fardo mais pesado que a preguiça; nem moléstia maior que a ignorância” (Quadro 3).

Costa Leite não conheceu João Ferreira de Lima. Todavia, o Profeta de Caruaru achava que todo mundo copiava o seu Almanaque e, como possível resposta, em 1967, Costa Leite publica seu protesto em versos:

O sol nasceu para todos!
e eu já tenho avisado
Calendário Brasileiro
tem sido o mais cobiçado
o mais invejado, o mais certo
imitado e nunca igualado

Escrevo meu Almanaque
Com o dom que Deus me deu
E quem pensar que eu vivo
Fazendo o meu pelo seu

Esperre que o meu saia
E faça o seu pelo meu.

Mas sua luta não termina aí e, em 1974, se torna mais violenta:

Atenção: Este Almanaque tem seus amigos e seus inimigos. O leitor consciente, compra, ler e reler, coleciona e guarda, e torna a comprar no ano vindouro. Já o vendedor vigarista, leva a sua parte, vende e não paga e fica dizendo ao povo, de feira em feira que este Almanaque não presta e que o de fulano ou de sicrano é melhor. Ora meus amigos, se ele levou não devolveu é porque é ladrão e se é ladrão, não o quero como revendedor do meu Almanaque. Os leitores sabem que Jesus foi, e será bom, mas quantos inimigos baratos ele não teve? A resposta certa para meus inimigos baratos é uma só: Entre cachorros encontrei amigos e entre amigos encontrei cachorros. Todo cafajeste que difama este Almanaque é porque deve ao seu autor.

Em parte, essas disputas verbais são dirigidas ao poeta e comerciante de folhetos Severino Borges que, sendo representante dos Almanaques de seu compadre Vitorino de Melo e de Costa Leite, costumava recomendar aos seus fregueses que levassem o Almanaque de Vitorino que era bom, e não o de Costa Leite.

As citações no Almanaque de Costa Leite são praticamente inexistentes. Resumem-se a uma citação bíblica e a um texto de Vitor Hugo intitulado “A mulher e o Homem” (1971). Mas ele não deixa de espalhar, especialmente no rodapé, uma série de provérbios e pensamentos, que às vezes vêm em destaque, outras, reunidos em uma sucessão de frases, como se fosse um texto corrido, como se pode ver nas Figuras 31 e 32, correspondentes aos Almanaques de 1960 e 1964. A Figura 33 põe em destaque o aspecto do seu comércio (ver Aviso Importante!). A Figura 34 mostra como Costa Leite orienta seus leitores no setor agrícola, enfatizando a importância da adubação (ver “Orientação aos Criadores” e “O Guia dos Agricultores”).

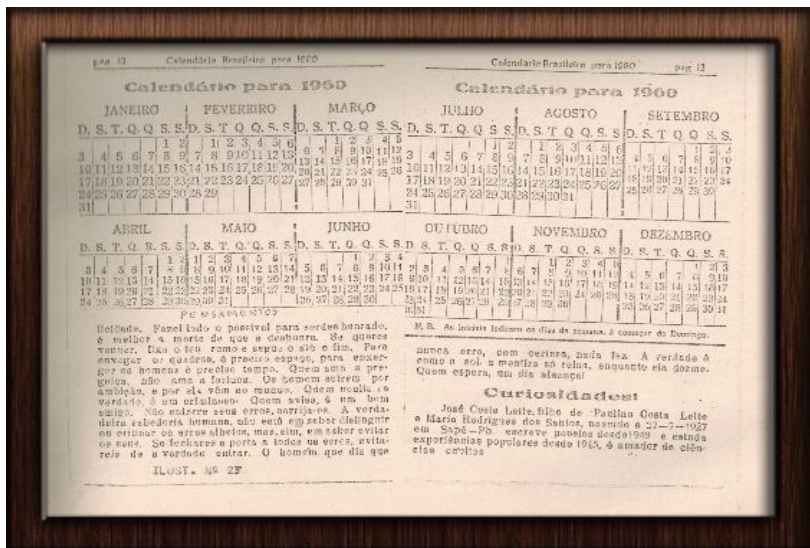


Figura 31. Pensamentos. Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite, 1960.

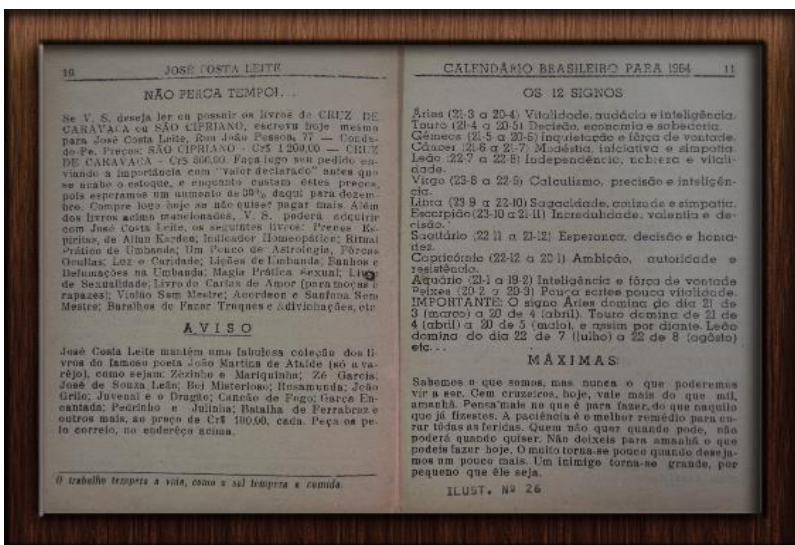


Figura 32. Não perca tempo. Aviso e outros. Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite, 1964.

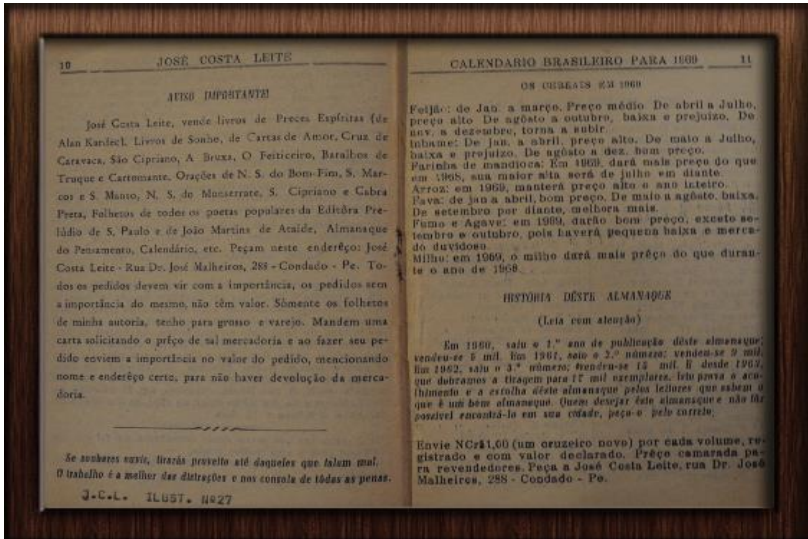


Figura 33. Aviso importante. História deste Almanaque. Os cereais em 1969. Provérbios e outros. Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite, 1969.

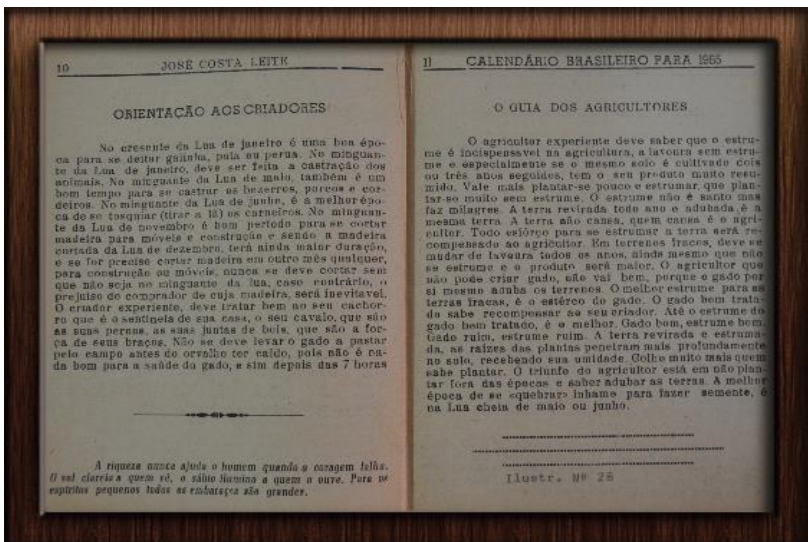


Figura 34. Orientação aos criadores. O guia dos Agricultores. Provérbio. Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite, 1965.

Os cordelistas por nós entrevistados informam que, dos quatro autores do Almanaque, Costa Leite é tido como o melhor poeta. Mas, da mesma forma que Manoel Luiz e outros, não deverá ser julgado pelo conteúdo poético dessa publicação porque ela resume quase exclusivamente a décimas em acróstico; e, esse, mata o brilho poético de qualquer composição (Quadro 23).

Quadro 23. Acrósticos do Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite

1960 - Completando a amplidão

Admiro a Natureza
Louvando sua grandeza
Estudo a minha lição
Na minha imaginação
Dá o resultado exato
Aviso e não é boato
Repare bem que 60
Indica era cruenta
O ano será ingrato

Bissexto será também
Reparei bem no Lunário
Assim neste Calendário
Só a verdade contém
Inda mais, escuta bem
Leia o livrinho sem medo
Eu vou traçando o enredo
Instruindo com valor
Repito, caro leitor!
O ano contém segredo.

1961 - Confiando em Deus Eterno

A ciência se aproxima
Lição vinda lá de cima
Escrevo no meu caderno
Neste Almanaque moderno

Deus emoldura o cenário
Acertando seu horário
Referente a Astrologia
Inspira todo dia
O autor do Calendário

Baseado no sistema
Reproduzo meu estudo
A ciência é meu escudo
Sempre resolvo o problema
Instruir é o meu lema
Lembrando o ano comum
Este Almanaque, nenhum
Imitará cartaz
Reparem bem o que traz
O ano sessenta e um.

1962 - Com a proteção de Deus
Adquiro a experiência
Luz da divina ciência
Envolve aos versos meus
Nos santos poderes seus
Deus guia meu calendário
Achando mais necessário
Reproduzo os prognósticos
Indicando nos acrósticos
Os segredos do Lunário

Buscando ler os arcanos
Regente do ano é Marte
Assolando em toda parte
Seus presságios medianos
Inda mais fazendo planos
Levo imprensa depois
Explico que quem compôs
Inspira ser bem exato
Recomendo ser ingrato
O ano sessenta e dois.

1963 - Chego na beira da praia
Admirando a beleza
Louvando a natureza
Enquanto a onda desmaia
Na espuma cor de cambraia
Deus me envia um farol
A onde estende o lençol
Realçando o oceano
Indico que este ano
O regente será o sol

Botando novo cenário
Reparo a Astrologia
A brisa sopra macia
Sem instruir o contrário
Inda mais ao Lunário
Leio e releio outra vez
Explicando sem talvez
Inspirado no sistema
Representando no lema
O ano sessenta e três.

1964 - Com Deus, eu hei de vencer!
A minha ideia germina
Luz da ciência divina
Encaminha o meu saber
Na arte de escrever
Deus pai é quem me garante
Aviso aqui num instante
Regente: planeta VÊNUS
Indicando mais ou menos
O não ser inconstante

Bissexto será o ano
Representa mediania
Água pouca e carestia
Sendo MERCÚRIO tirano
Indica ser mediano
Lucrará quem tiver dom

Espero que seja com
Inverno mui variado
Reparem bem o traçado
O ano não será bom

1965 - Com o Lunário na mão
Admiro os horizontes
Lanço um olhar aos montes
Estudo minha lição
Nas nuvens da amplidão
DEUS me envia um tesouro
A minha pena em decôro
Refere-se aos prognósticos
Indicando nos acrósticos
O nosso ano vindouro

Basta que VÊNUS consente
Reproduzir pouco estio
Aguaceiro pesado e frio
Sendo MERCÚRIO regente
Indica um ano excelente
Li no LUNÁRIO e não brinco
Estudando com afinco
Inda vou vitorioso
Recomendando ser chuvoso
O ano 65.

1966 - Concentrando em meu oráculo
A Deus peço proteção
Logo me vem vocação
Experiência e tentáculo
No tema do sustentáculo
Deus dirige este anuário
Aqui, o sistema agrário
Reproduz boas lições
Informando as previsões
Os segredos do Lunário

Baseado a cada instante
Recomendo sem engano
A lua rege o ano
Saturno é dominante
Informando confiante
Leio o Lunário outra vez
Explicando com nitidez
Indago a luz do crepúsculo
Retratando neste opúsculo
O ano 66.

1967 - Calculando as previsões
Aumento mais um capítulo
Limpendo o nome ou o título
Esclareço as vibrações
Nas prognosticações
Deus ampara meu estudo
Acertando em quase tudo
Releio a Astrologia
Imploro a Deus todo dia
O dom, que é meu escudo

Brilha o sol sorridente
Rei dos astros e dominante
Abancado e confiante
Saturno será regente
Inda que o sol seja quente
Lucro abundante promete
E com saturno compete
Inverno cálido e sadio
Remato, traço e copio
O ano 67.

1968 - Contemplando os horizontes
Adquiro mais ciência
Lições de experiências
Estudo em cima dos montes
Na sutileza das fontes

Dorme a ciência de lado
Aonde tenho estudado
Relendo as minhas lições
Indicando nas previsões
O dom que Deus me tem dado

Bissexto será o ano
Rege Júpiter confiante
A lua será dominante
Sempre boa sem engano
Informa ser mediano
Lucrarão de tudo bem
E o inverno também
Indica ser controlado
Rimei sem ficar errado
O 68 que vem!

1969 - Capricórnio e Sagitário
A lua, Peixes e Balança
Lembro Virgem sem tardança
Escorpião e Aquário
Neto, em meu calendário
Domina vários terrenos
Anoto Touro e Vênus
Relato Gêmeos e Carneiro
Ilumina o mundo inteiro
O sol com raios serenos

Busco Leão sem gracejo
Respeito Júpiter e Urano
Afirmo Plutão ser tirano
Saturno e Carangueijo
Informando o ano, prevejo
Logo no começo, chove
E mercúrio é quem se move
Indo dominar com arte
Rege o planeta marte
O ano 69.

1970 - Confio no Grande Deus
A minha ideia desperta
Logo vejo a porta aberta
E Deus guia os versos meus
Nos ensinamentos seus
Dou início a jornada
Andando em hora marcada
Reproduzindo de novo
Inda digo para o povo
O homem sem Deus é nada

Baseado, vou avante
Reparo bem o Lunário
Aviso neste anuário:
Será Júpiter o dominante
Informando confiante
Levo a verdade somente
Este Almanaque é pra frente
Indica e se apresenta
Relata que em 70
O Sol será o regente.

1971 - Confio em Deus Poderoso
Alcanço a sabedoria
Lição que Deus me envia
Escrevo mui corajoso
Nada pra Deus é custoso
Deus sempre me ajudou
A Ele eu devo o que sou
Releio as previsões
Indicando nas lições
O dom que Deus me ofertou

Boto a verdade na frente
Reproduzo desde já
Aviso que Vênus será
Seu dominante e regente
Instruindo calmamente

Lembrando o ano comum
Este Almanaque, nenhum
Imitará na leitura
Recomendo ser de fartura
O ano de 71.

1972 - Sem Acróstico.

1973 - Com Deus em meu coração
Afirmo nos versos meus
Luz da ciência de deus
Envolve e minha lição
Na prognosticação
Deus me ajuda do além
Aos leitores, convém
Reparar todo o segredo
Indicando inverso cedo
O ano compensa bem.

Brumoso será o ano
Reparei bem no Lunário
Aviso que este anuário
Sabe informar em engano
Indica ser mediano
Lua regente outra vez
Então eu digo a vocês
Inda a lua é dominante
Reproduzo confiante
O ano 73.

1974 - Com a força do leão
Amplio meus ideais
Louvando a Deus pai dos pais
Evitando Escorpião
Na minha meditação
Deus é quem me favorece
A minha esperança cresce
Reproduzo com destaque

Isto é, este almanaque
O pessoal já conhece...

Brilha o sol no nascente
Rei dos astros ou patrono
A bancada no seu trono
Saturno será regente
Indica um estio quente
Luzindo o sol cor de ouro
Equivale a um tesouro
Inverno chuvoso e frio
Remato traço e copio
O 74 vindouro.

1975 - Com calma e meditação
Ando em vários lugares
Levando aos sertanejos
Experiência e lição
No brejo, agreste e sertão
Da mata ao cariri
Avisto que estou aqui
Reparando o resultado
Indicando com cuidado
O ano novo a persí.
Busco o Sol no oriente
Rei que protege e ensina
Assim Mercúrio domina
Sendo Júpiter seu regente
Inda digo consciente
Li no Lunário, não brinco,
Estudei com todo afinco
Indicando os prognósticos
Rimei aqui nos acrósticos
O ano 75.

1976 - Confiando em deus eterno
Ando em diversos setores
Levando aos meus leitores

Este pequeno caderno
No estio ou no inverno
Deus sempre tem me ajudado
Aonde tenho passado
Relendo as previsões
Indicando as lições
O ano novo esperado.

Bissexto e confiante
Registra o ano super quente
Assim Marte é o regente
Sendo Júpiter o dominante
Informa ser inconstante
Logo no primeiro mês
E o inverno em escassez
Indica ser temperado
Releia com mais cuidado
O ano 76.

1977 - Com a virgem mãe concebida
Ajudando a minha mente
Lições dum sábio vidente
Eu vou gravando em seguida
Na grande escola da vida
Deus clareia minha estrada
Aprumo a minha jangada
Rio acima, confiante
Inda digo a cada instante
O homem sem Deus não é nada.

Beijando os pés de Jesus
Rei dos judeus, vou vencer
Assim pra nos defender
Só mesmo a Divina Luz
Inclinando ao pé da cruz
Leio a lição que compete
E o Lunário promete
Indicar os prognósticos

Rimei aqui nos acrósticos
O ano 77.

1979 - Com fé em deus de Abraão
A minha mente irradia
Lanço a minha profecia
Espalhando previsão
Na caatinga e no sertão
Dando conselho e recado
A quem vive do roçado
Respondo em astrologia
Instruindo todo dia
O povo sacrificado.

Basta que a lua domina
Rege mercúrio, tirano
A lua sem ter engano
Sempre foi boa e combina
Isto é, é feminina
Leitor. Leve leia e prove
Este ano muito chove
Incluindo brejo e agreste
Rimei pra norte e nordeste
O ano 79.

1980 - Com fé em deus, apresento
Aqui, mais um anuário
Leio e releio o Lunário
Estudo os astros e o vento.
No azul do firmamento
Deus me envia a leitura
Avançando com bravura
Releio as explicações
Instruindo nas lições
O povo da agricultura

Bissexto e pouco abundante
Registra ser meio quente

A lua será regente
Sendo marte o dominante
Influenciando bastante
Luta e crise violenta
E a carestia aumenta
Indicando mais clamores
Rimei para os meus leitores
Os prognósticos de 80.

Observando a história de vida dos autores de Almanques, vê-se que todos têm reconhecido a existência de um ou vários preceptores. Ferreira Lima diz ter estudado com o Dr. Batista de Oliveira do Rio de Janeiro, com quem fez talvez curso por correspondência. Seu aprendizado com o Patriarca do Juazeiro, com quem manteve contato, foi muito importante porque aumenta aos olhos do público seu prestígio.

Manoel Luiz, herdando cadernetas de anotações do seu progenitor, teve como mestre principal Ferreira de Lima. Esses dois autores se dizem possuidores do dom profético. Ferreira de Lima na Figura 11 fala que aos 11 anos já possuía tal dom ou intuição. Manoel Luiz, ao ser entrevistado, mostra sentir um predestinado para as Ciências Ocultas. Sobre Manoel Caboclo, que não foi entrevistado, não se tem informações sobre as influências recebidas. Entretanto, deve ter se beneficiado dos ensinamentos de Ferreira de Lima.

José Costa Leite recebeu lições de como fazer almanaque com José Joavilim. Recebeu, também, algumas lições de Manoel Luiz, mas não se considera um “profeta”. Outros autores, que não foram aqui especialmente estudados, se sentem superdotados como Inocência Rosa e José Joavilim. Porém, Caetano Cosme vê os seus dotes de autor de Almanaque como vocação e certa habilidade dada por Deus, mas não se considera um predestinado, adivinho ou profeta.

Geralmente, os escritores populares consideram-se artistas por vocação. Após serem alfabetizados, passam a ler folhetos tentando depois fazer seus próprios versos. Se conseguem, orientam sua vida no sentido da profissionalização. Caetano Cosme, referindo-se aos seus dotes poéticos, afirmou: “quando penetra a gente não pode mais sonegar”.

Um aspecto bastante conhecido da vida dos poetas populares, e que ocorreu com os autores de Almanaque, é a baixa escolaridade. Com raras exceções, a instrução foi pouco além dos primeiros anos do Nível Fundamental. Realmente, instruir-se era difícil. O depoimento de Caetano Cosme é significativo. Ele aprendeu a ler aos 16 anos de idade com um velho que residia em sítio vizinho ao seu, pagando pelas lições recebidas. Não frequentava a escola porque a mais próxima ficava a uma légua de distância de sua residência. Toda a “escola” de Caetano resumiu-se em seis meses de aula com o velho camponês, e o resto, diz o poeta, “a vida me ensinou e não troco o meu estudo por muito ginásio de hoje em dia”.⁹

Ligado ao problema da instrução, é importante assinalar que o pouco preparo dos poetas não impediu que alguns se dedicassem ao ensino. João Benedito, cantador falecido em 1943, manteve classe particular, em Cuité-PR. Na velhice, esse poeta viveu dos donativos de seus ex-alunos; João de Cristo Rei (João Quinto Sobrinho), residente em Juazeiro do Norte, também manteve classe primária, tendo sido seu aluno, pelo período de 4 meses, o conhecido cantador José Alves Sobrinho (José Clementino de Souto). Ao lado desses, muitos exemplos poderiam ser citados.

Considerações Finais

As vidas dos autores de Almanques têm muito em comum entre si. Nascimento e primeiros anos de vida em sítios, onde, ainda jovens, começaram a trabalhar na agricultura. Segue-se o

⁹ Ginásial se refere ao atual grau Médio, 1^a Ciclo (SANTOS, 2014).

aprendizado das primeiras letras, sem, contudo, chegar a completar o curso primário. Finalmente a descoberta da vocação poética e mudança de profissão. Esse é um momento significativo em suas vidas, porque passam de agricultor a escritor e livreiro, projetando-se dentro da sociedade em que vivem e a qual permanecem ligados. Para que essa mudança ocorresse, foi necessário muito esforço, perseverança e, o que é mais importante, vocação. Para Ferreira de Lima, “ser orador, poeta, matemático e músico, é uma questão de dom” (Lima, 1951: 9). No caso dos autores que estamos apreciando, eles são considerados privilegiados de duas maneiras: pelo dom poético e pelo dom profético.

Nos seus Almanques, Ferreira de Lima e Manoel Luiz sentem-se conscientes da sua intuição, da sua percepção e da hipersensibilidade que lhes permitem previsões. Manoel Caboclo e Costa Leite chamam a atenção dos leitores para o acerto das suas previsões, mas não se sentem como predestinados. Todos, no entanto, enfatizam os anos de estudos a que foram obrigados não só com preceptores capacitados, mas também a leitura de obras como o “Lunário e Prognóstico Perpétuo” e o “Taro Adivinhatório” foram importantes. Portanto, para os autores de Almanques, vocação e estudo são condições essenciais para o bom desempenho da sua profissão.

Dessa maneira, dotados de capacidade que lhes permitem ser produtos e produtores do conhecimento popular do meio rural nordestino, esses autores têm nos Almanques um meio de divulgar suas mensagens. Um fato importante é a idade com que os autores começam a escrever seu Almanques. Ferreira de Lima, com 34 anos, em 1936; Costa Leite, com 33 anos, em 1960 e Manoel Caboclo, com 44 anos, em 1960. Somente Manoel Luiz tinha 23 anos, quando, em 1949, publicou o primeiro Almanaque. Em todos os casos, a decisão de escrever um Almanaque é posterior ao ingresso na atividade poética (folheto). Isso se deve a várias razões: a primeira, é o tempo para se ganhar familiaridade com a literatura e conhecimentos necessários para escrever um Almanaque; a segunda, se relaciona com a procura de alguma segurança econômica

como “escritor”, diversificando a produção e a oferta de serviços, como poderá ser visto no próximo capítulo.

Capítulo IV

O Conteúdo dos Almanques

Os Almanques são publicações ligadas ao contexto cordelista, e, portanto, do domínio da cultura popular ou do folclore. Enquanto os folhetos saem várias vezes por ano, dependendo da vontade do autor, os Almanques são publicações anuais. As Profecias e os Avisos são folhetos aparentados dos Almanques porque podem fazer previsão para um ou muitos anos e prever o fim do mundo, independentemente da data em que os eventos possam ocorrer. Os Almanques, os Folhetos e, em particular, as Profecias são publicações diferentes entre si, que não devem ser vistas como concorrentes, mas paralelas.

Os Almanques são publicações essencialmente teóricas cujo objetivo não é divertir, mas sim dar informações consideradas úteis e importantes. Constam de duas partes: uma, correspondente às seções redigidas a partir de conhecimentos astrológicos (O Juízo do Ano, Previsão do tempo, Os quatro semestres do ano e Horóscopo); outra de conteúdo variado, em que se revelam as tendências pessoais e o estilo de cada autor. A primeira parte enquadra os Almanques, do ponto de vista antropológico, nos estudos que, segundo Murdock (1963), estão ligados as revelações e adivinhações que refletem ansiedade quanto ao futuro. O domínio do divinatório é bem marcante e dá especificidade à publicação. Os conhecimentos astrológicos juntam-se a outros, como numerologia, quiromancia que recebem a designação geral de ocultismo ou ciências ocultas. E é o que se vê no panfleto de propaganda do Almanque “O Vencedor”, redigido nesses termos: “O Astrólogo Científico Prof. José Inocêncio, é geógrafo, quiromante, cartomante-científico, tendo concluído os cursos de Astrologia Científica e Ciências Ocultas”.

Tudo isso é acompanhado de forte sentimento religioso, como se depreende da leitura da última página do Almanque de

1963, em que, procurando definir Astrologia, Manoel Luiz dos Santos diz: “É uma posição na qual os astros têm domínio sobre as pessoas por ordem de Deus; quando a sua sorte está favorável tudo lhe corre bem. Você sente por si mesmo uma influência feliz nos seus negócios, viagens, amores, trabalhos, tudo vem fácil nos dias e anos felizes”.

Nessa primeira parte, dominam os elementos ligados à astrologia. A segunda parte dos Almanques está voltada, predominantemente, para a vida prática e, nela, os autores podem mostrar suas tendências pessoais. O centro de interesse dessa segunda parte é a terra com todas as suas implicações. De uma forma ou de outra, quase todas as seções estão ligadas à terra: dias e locais próprios para semear, previsão dos preços dos cereais, remédios contra pragas, flora medicinal, conselhos aos criadores. Dizem, os escritores de Almanques, que a agricultura está em primeiro lugar, mas recomendam que todos devem criar animais. Em relação à criação de animais, uma hierarquia se apresenta: quem não puder criar gado, deve criar bode; quem não puder criar bode, deve criar porco; e se isso ainda não for possível, deve criar pelo menos galinha. Os animais ajudarão a prover a família e seu estrume adubará a terra. Essa preocupação com a terra é natural uma vez que a sobrevivência do camponês depende dela, como será visto no Capítulo V.

Os Almanques são publicações populares de caráter regional. São elaborados por autores nordestinos, impressos, vendidos, sobretudo, no Nordeste, visando os habitantes da zona rural dessa região brasileira. A história dos Almanques é antiga. Sua origem remonta ao tempo dos egípcios, caldeus, passando pelos povos da antiguidade clássica. Os Almanques mais antigos que se conhecem são manuscritos que datam de 1150. As bibliotecas do Museu Britânico e das Universidades de Oxford e Cambridge conservam Almanques que datam do começo do século XII.

Na Europa, circularam muitos Almanques famosos entre os quais podem ser citados o do médico e astrólogo Nostradamus, publicado em 1550, sob o título “Centuriais Astrológicas”, no qual

se encontram as suas conhecidas profecias. Citam-se também o “Almanaque Real da França (1699)” e “O Almanaque de Gotha”, publicação que circulou de 1763 a 1944. Esse último era um anuário genealógico e diplomático, redigido em francês e alemão, contendo informações administrativas e estatísticas sobre diversos países do mundo. Na América, destaca-se o Almanaque de Benjamim Franklin, surgido em 1732, em Filadélfia, sob o título “Poor Richard’s Almanack”, e que foi tido como a mais antiga publicação americana no gênero durante muito tempo (TARANTELLO, 2016; PENCAK, 1992). O primeiro Almanaque americano, compilado por William Pierce, intitula-se “An Almanack for New England for the year 1639” (TANNENBAUM, 2009). A publicação foi supervisionada pelo “Harvard College” que, até 1700, deu ao público um Almanaque por ano. Dessa data até 1800, surgiram, na América, mais de 2.000 publicações no gênero organizadas pelos mais diversos grupos. Deve-se assinalar a existência de “The Rhode Island Almanack”, lançado em 1728 por James Franklin, irmão de Benjamin (NISARD, 1968; MANDROU, 1975).¹⁰

Basicamente, um Almanaque contém calendário, dias santos e feriados, eclipses, fases da lua, quadro retrospectivo do ano anterior, estações do ano, notícias de personalidades famosas, predições astrológicas, conselhos médicos, receitas culinárias, anedotas, anúncios etc. Através dos tempos, essas publicações sofreram grandes modificações, com algumas se especializando em assuntos comerciais e administrativos, outras passando a tratar da temática artístico-literária, mas mantendo-se sempre versáteis. Nos séculos XVIII e XIX, expressões como “fazedor de Almanagues” e “cultura de Almanaque” foram muito difundidas.

No Brasil, circulam Almanagues eruditos e populares, ambos com raízes no século XIX. Entre os populares, destacam-se os Almanagues de Farmácia, de distribuição gratuita ao fim de cada ano entre os fregueses das farmácias. De tamanho reduzido, ilustrados e de agradável apresentação tipográfica, eram aguardados

¹⁰ Foram consultadas ainda a Enciclopédia Larousse e Britânica.

pelo público e bastante populares. Tiveram grande penetração no mundo rural brasileiro e neles estão presentes os tradicionais conselhos ao agricultor. “O Almanaque Cabeça de Leão antigo manual de saúde do Dr. Ayer”, lançado em 1852, é o mais antigo. O “Saúde da Mulher” é de 1904 e o “Capivarol” de 1919. As tiragens podiam ser grandes e alguns chegaram a ser distribuídos no Brasil mais de um milhão de exemplares. De acordo com Beltrão (1971), provavelmente o mais antigo Almanaque em circulação no Brasil é o Almanaque Ilustrado de Bristol¹¹. Os produtos lançados por esse laboratório foram introduzidos na América Latina em 1825 e o Almanaque em 1832.

Outra publicação muito conhecida no Brasil é o Almanaque do Pensamento, de caráter astrológico, editado em São Paulo e cujo primeiro número saiu em 1912 (BELTRÃO, 1971: 93). João Ferreira de Lima pedia sempre aos seus leitores que lhe enviassem os primeiros números do Almanaque do Pensamento que seriam bem pagos. Tanto os Almanaques de Farmácia como o Almanaque do Pensamento influenciaram os Almanaques populares nordestinos, objeto deste trabalho. Essas publicações circularam no Nordeste (e ainda circulam, os poucos existentes), elaboradas por nordestinos e vendidas nas feiras, razão porque também são conhecidas como Almanaque de Feira. Outras denominações lhes foram dadas: Calendário, Folhinha de Inverno ou simplesmente Folhinha. Essa última denominação presta-se a confusão, pois também se denominam Folhinhas os cromos distribuídos pelos comerciantes, como calendários. No Almanaque de 1954, de Manoel Luiz dos Santos, lê-se os versos:

Atenção, muita atenção!...
Chegou Manoel Luiz,
Vendendo folhas do Ano
Como a escritura diz
Vou profetizar também
Que 54 vem
Melhorar nosso país:

¹¹ Publicado Por Lanman e Kemp Barclay & Co. New York, Rio de Janeiro.

No Almanaque de 1958 diz:
Veja bem caro leitor
Olha o que a história
Que para cinquenta e oito
Compre a folhinha do ano
Do senhor Manoel Luiz

Faltam dados para traçar a história detalhada dos Almanaques nordestinos. Nesta pesquisa foi possível reunir os vinte títulos de Almanaques relacionados no Quadro 3. O mais antigo deles, inicialmente chamado “Vaticínio e Prognóstico do Ano”, saído pela primeira vez em 1919, era José de Honorato de Souza que viveu em Vila do Aguiar, Piancó-PB. Sua publicação se prolongou, pelo menos, até 1954. Deve ter também servido de modelo ao Almanaque de Pernambuco de João Ferreira de Lima, que foi seu representante durante algum tempo e autor do Segundo Almanaque mais antigo do Nordeste (1936) que se conhece. Relata ainda José Alves Sobrinho (cantador) que ouviu falar de uma Almanaque que circulou em Pombal, tirado por um Canhotinho, que não deve ser confundido com os dois poetas do mesmo nome que o sucederam. Conta-se que esse fazedor de Almanaque desistiu do ofício quando profetizou um bom inverno para 1919 e houve seca.

Fontes de Informação para os Almanaques

Os livros que os autores se apoiam diretamente para redigir seu Almanaque são: “O Lunário e Prognóstico Perpétuo”, “O Taro Adivinhatório” e “Experiências Astrológicas”. Essas obras são citadas nos Almanaques. Manoel Luiz dos Santos, relatou, em entrevista, outras publicações de que se utiliza (Quadro 24). No entanto, o “Lunário Perpétuo” é, sem sombra de dúvida, o esteio fundamental de todos aqueles que fazem Almanaques populares.

O “Lunário e Prognóstico Perpétuo” de Jeronimo Cortes (1954) é uma das principais fontes de leitura e de consulta dos fazedores de Almanaques. A primeira edição do livro data do século

XVIII. Seu conteúdo é variado, sua linguagem antiquada, povoada de muitas palavras em desuso (mudáveis, sotas, etc.). Sua primeira parte fornece informações sobre o tempo, os astros, os planetas e também toda a base necessária para elaboração dos horóscopos e previsão do tempo, justamente a parte de substancial interesse dos Almanques. Seguem-se a isso, conselhos médicos com indicações de remédios e socorro de urgências, como também ensinamentos de utilidade prática de caráter doméstico. O Livro termina informando ao leitor sobre vários tipos de jogos de cartas.

Geralmente, os autores de Almanques não escondem a importância que dão ao Lunário, todos se declaram leitores desse livro. José Costa Leite declara-o em várias partes da sua publicação, e é, talvez, o mais apegado ao famoso livro. É nele que se encontram as definições de Áureo Número, Epacta e Letra Dominical, vocabulário utilizado nos Almanques para a elaboração do calendário. Áureo Número ou Ciclo Lunar é o tempo gasto na revolução da lua, que corresponde a 19 anos solares, não podendo, por isso, o áureo número ser maior que 19. A utilidade de conhecê-lo não é explicada no livro, mas há várias maneiras de determiná-lo, quer se trate do ano em curso, dos anos passados ou futuros. A Epacta, cujo número se determina a partir do Áureo Número, corresponde à diferença de 11 dias existentes entre o ano Solar e o ano Lunar. Pode-se saber a Epacta de qualquer ano. As letras Dominicais são: A-B-C-D-E-F-G, que correspondem respectivamente aos dias da semana: Domingo-segunda-terça-quarta-quinta-sexta e sábado. Se um ano começar no domingo, sua letra dominical será A; se na terça, C; e assim por diante. Todas essas informações estão ligadas às coisas que deverão ou não acontecer durante o ano e o Lunário apresenta tabelas para determinação desses elementos. Segundo o livro, os planetas que influenciam a terra são 7: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Lua e Sol. Portanto, entram sob a designação de planeta um satélite e uma estrela, mas a ideia implícita nessa seleção é a do mundo astronômico mais próximo da terra e há de longo tempo conhecido. A descoberta dos planetas Urano, Netuno e Plutão não é levada em consideração pela maioria dos fazedores

de Almanaque porque não eram conhecidos na antiguidade. João Ferreira de Lima, no entanto, utiliza nas suas previsões os três últimos planetas descobertos. Aos planetas, correspondem Letras Dominicais: A- Sol (Domingo); B- Lua (segunda-feira); C- Marte (terça-feira); D- Mercúrio (quarta-feira); E- Júpiter (quinta-feira); F- Vênus (sexta-feira); G- Saturno (sábado). Esses elementos são associados entre si para obtenção do prognóstico do ano.

Quadro 24. Relação de Livros Utilizados por Manoel Luiz dos Santos

1 - ASTROLOGIA

Além do Lunário Perpétuo temos:

- 1.1 - Cardoso, Omar - O Romance da Astrologia, 3 vols., Livraria Ed. Iracema Ltda., SP.
- 1.2 - Goodavage, Joseph F. - Astrologia Espacial e os Mistérios do Futuro, Ed. Pensamento Ltda., SP, 1970.
- 1.3 - Lee, Dal - Dicionário de Astrologia, Ed. Artenova S.A., RJ, 1974.
- 1.4 - Liesa, Maria Luiza Dias - Ciência Advinhatória Fundamento e Formas, Empresa Ed. O Pensamento Ltda., SP.
- 1.5 - Lima, João Ferreira - Segredos da Natureza e a Sabedoria Humana
- 1.6 - Magno, Oliveira - Utilidades Astrológicas, Ed. Espiritualista Ltda., RJ.
- 1.7 - Multford, P. - Nossas Forças Mentais, 4 volumes, Ed. O Pensamento Ltda., 1952.
- 1.8 - Murphy, Joseph - O Poder do Sub Consciente, Distribuidora Record, 1963, RJ.
- 1.9 - Petuburgo, Leon - Os Segredos da Astrologia e Quiromância dos Ciganos, Ed. Artenova S.A, 1973.
- 1.10 - Tahau, Malba - As Maravilhas da Matemática, Ed. Bloch, 1973.
- 1.11 - Almanaque do Pensamento de 1940 a 1976.
- 1.12 - Astrologia Experimental. Ed., o Pensamento.
- 1.13 - A sorte Revelada pelo Horóscopo Cabalístico, Ed. Pensamento, SP, MCMLXV.

2 - QUIROMÂNCIA

2.1. - Raphael, Edwin - Grande Oráculo da Sorte, Ed. O Pensamento, SP, 1948.

(Pelo Barulho Comum).

2.2. - Zolar - Como Ganhar, Sistema Zodiacal Elaborado, Impressora Brasil Ltda.

2.3. - O Taro Adivinhatório, Ed. O Pensamento, SP, 1974.

(Pelo Baralho Especial).

2.4. - Manual de Cartomância - Impressora Brasil Ltda, RJ.

(Pelo Baralho Comum).

3 - OCULTISMO

3.1- Hur Eliphias - A Chave dos Grandes Mistérios, Ed. O Pensamento, SP, 1945.

3.2- Lorens, F.V. - Cabala, A Tradição Esotérica do Ocidente, Ed. O Pensamento, SP, 1961.

3.3- Molina, N. A - Nostradamus, A Magia Branca e a Magia Negra, Ed. Espiritualista Ltda, RJ.

3.4- Dicionário de Ciências Ocultas, Ed. Pensamento, SP, 1963.

3.5- As Clavículas de Salomão (com as 7 partes do Manuscrito original) - Gráfica Ed. Ltda, RJ.

4- NUMEROLOGIA

4.1 - Hitchcock, Helyn - A Magia dos Números ao seu Alcance, Ed. O Pensamento, SP.

A redação do Lunário não é clara, a não ser na parte referente às doenças, conselhos médicos e ensinamentos domésticos. O que se verifica, em geral, é o uso de uma forma de escrever nebulosa, como bem ilustra o tópico intitulado “Regimento de Saúde”:

Não é bom nem proveitoso dormir sobre o jantar, ou ao menos que seja pouco, porque se o sono é demasiado, causa

muitos danos, como são indigestões do estômago, dores de cabeça e gravíssimas opilações das veias, e, conforme Avicena, d’ahi provém febres, catarros, debilitações do apetite, e um cansaço, e preguiça, extraordinária de membros. (Lunário, 1945:223).

Na página seguinte, falando sobre carnes, explica:

A carne de cabra, de bode, de lebre e de boi, não é boa para conservar a saúde; porque, como diz Almançor, Cap. “de Anima”, a tal carne gera humores grossos e o sangue melancólico. Isaac escreve (in diaetis universalibus), que as carnes de boi e de bode são duras, carregadas e de má ingestão, e que criam os humores melancólicos e pesados. Finalmente, toda a carne que tem o pêllo agudo, para conservar a saúde não vale um pêllo, e a pior carne das sobreditas, conforme Avicena, é a de bode, e a melhor conforme Galeno, é a do toucinho; porém, para os enfermos nem uma nem outra valem nada, antes é maligna e prejudicial” (Lunário,1945: 224). Falando “Dos Cometas E De Suas Naturezas E Efeitos em Geral” vem essa definição: “Cometa não é outra coisa (conforme o parecer de gravíssimos filósofos), que uma máxima quantidade de exalacções quentes e secas, que andam na suprema região do ar, onde, por estarem tão vizinhas à esfera do fogo se accendem e inflamam e conforme a densidade que teem, assim duram muito, ou pouco tempo, sem se desfazerem”. (Lunário,1945: 166). Na página afirma: “Se o cometa tiver a cor branca e algum tanto çafroada, será da natureza de Júpiter e denota a morte de algum rei e homem poderoso, a forma deste cometa é grande e redondo, e ao parecer de rosto humano.

A parte referente ao “Trabalho de Astronomia Rústica e Pastoril” (Lunário,1945: 229) fornece ao leitor conhecimento, entre outros, sobre os “signaes de vento pelas aves e peixes”, bem como “signaes de ventos por causas sem sentido”. O que há de interessante nessa seção é que não podemos fazer grande distinção entre os “signaes de ventos por causas sem sentido” e os demais signaes de ventos. O lunário é um livro que oferece ao estudioso variados caminhos de explorações.

Astrologia

Nos Almanques, há dois centros de interesse: o astrológico e o agrícola. A matéria desses dois centros não caminha paralelamente, mas se entrelaça ora mais estreitamente, ora mais discretamente. Isso ocorre na medida em que os elementos atemporais se relacionam com os temporais. Os astrólogos pregam que os 7 astros que influenciam a vida na terra são: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Sol e Lua. Os cinco primeiros são astros distantes de nós, dos quais, Júpiter e Saturno dificilmente podem ser vistos a olho nu. A influência dos cinco primeiros sobre o homem só é conhecida dos astrólogos. O Sol e a Lua, no entanto, influenciam-nos diretamente. Do primeiro depende a vida sobre a terra e do segundo dependem as marés. À lua é atribuído o poder de afetar o crescimento das plantas, a saúde das pessoas, favorecer chuvas, o nascimento dos animais ou dos seres humanos. Por isso, o conhecimento das fases da lua é tão importante para o homem do campo. A relação estabelecida entre o momento de cultivar o solo, o tipo de produto a ser plantado e as fases da lua é do maior interesse. Segundo os autores de Almanques, produtos que crescem debaixo da terra devem ser plantados no período do quarto minguante e os que crescem acima da terra devem ser plantados no quarto crescente. A lógica implícita na recomendação é a seguinte: à medida que a lua cresce ela “puxa” ou “chama” a planta para fora da terra, entretanto, o quarto minguante terá efeito contrário, favorecendo os produtos que crescem dentro da terra.

A lua também tem influência sobre as chuvas. Se no mês de janeiro, na “força da lua cheia”, ela aparecer muito clara, não vai haver chuva. Portanto, nem todos os produtos poderão ser cultivados. Mas se, ao contrário, ela se mostrar com uma barra, haverá chuva e vento. Nem todas as pessoas tem condições de “entender o tempo”, só algumas mais experientes sabem dizer se vai chover ou não!

Os eclipses são também muito importantes. Acredita-se que, em qualquer época do ano que ele ocorra, haverá chuva se

após o eclipse o céu se mostrar escamado, e vento, se o céu se mostrar cinzento. Se isso ocorrer de março em diante, atrapalhará o processo de desenvolvimento do algodão, um dos principais recursos do agreste e sertão nordestinos. Por isso, todos querem saber em que época eles ocorrerão.

A respeito da influência dos astros sobre fenômenos ocorridos na terra, Fausto Teixeira (1962) escreveu o artigo intitulado “Os Astros No Folclore Capixaba”. Ele mostra o caráter universal de certas crenças nos astros e as credences que circulam no meio rural do Estado do Espírito Santo. Tal como revelam os Almanques, a lua e os eclipses estão diretamente ligados às chuvas e ao êxito na agricultura. A respeito da efetiva influência da lua no cultivo de certos produtos, Fausto Teixeira dá informações importantes baseadas em estudos feitos por três agrônomos brasileiros – Salim Simão, Joaquim J. Silveira da Mota e Raul Faria. Os dois primeiros não aceitam a influência da luz sobre o cultivo das plantas, sendo que Joaquim Mota apoia suas assertivas em pesquisa experimental por ele realizada. Raul Faria, discordando dos colegas, esboça da seguinte maneira sua opinião:

Muito tempo pareceu a muita gente, que não havia nenhuma base nas afirmativas de nossos roceiros quando indicavam as épocas de plantio pelas fases da lua. Estudos modernos vêm provando a verdade. A Fotoperiodicidade, a sucessão de períodos de iluminação, tem influência nos órgãos vegetativos e reprodutores das plantas” (...) ao chegar uma noite de lua nova, não havendo mesmo a fraca luz do luar, a seiva para, depois do movimento que lhe impôs a luz solar. A planta descansa, dorme e, no dia seguinte, além do tempo que perdeu vegetando, gasta reservas para se por em movimento novamente” (TEIXEIRA, 1962: 73).

A ideia que norteia esse processo admite que os astros possam influenciar os acontecimentos terrenos. Se a lua provoca as marés, as manchas solares e as mudanças climáticas, porque esses corpos celestes e os demais não podem ter influência sobre os seres vivos? A reflexão é lógica e os adivinhos procuram estabelecer as

relações entre o cosmo e a vida na terra. Essas relações são expressas por sinais e esses devem ser interpretados: “A adivinhação não tem em vista conhecer curiosamente, futuro, mas os tempos favoráveis ao sucesso, descobrindo o esquema segundo o qual funcionam as potências cósmicas” (PIAZZA 1976: 114). Apoiado nessa crença é que se costuma falar em astrologia judiciária, cuja ideia central é o julgamento da influência dos astros sobre os mortais. O horóscopo informa as influências boas e más a que uma pessoa está sujeita em função da hora, dia, mês e ano em que nasceu. Ela é uma aplicação prática da ciência astrológica.

Os Almanques Nordestinos eram a expressiva porta voz da ciência astrológica, e a elaboração de horóscopos é realçada por quase todos os seus autores. Os Horóscopos não são oferecidos da mesma maneira. Enquanto uns autores só oferecem um tipo de Horóscopo, outros desdobram-os em vários tipos. Entre esses últimos estão Manoel Caboclo e Silva, José Joavilim, João Ferreira de Lima e Inocência Rosa. O primeiro deles apresentava nomenclatura muito variada na propaganda do horóscopo: Horóscopo Completo, Horóscopo Médio com 3 anos de futuro; Horóscopo e Talismã do Signo; Horóscopo e Guia da Saúde; Horóscopo e Talismã Planetário. O segundo, Joavilim, fala em Horóscopo completo com 5 a 6 anos de futuro e Horóscopo Médio com três anos de futuro. João Ferreira de Lima usa linguagem já conhecida: Horóscopo completo; Horóscopo com 6 anos de futuro; Horóscopo Médio, ao lado de linguagem um tanto particular em que o elemento importante condicionador do preço é o prazo de entrega: Horóscopo com entrega urgente na localidade; Horóscopo para remeter com prazo de 40 dias; Horóscopo para remeter com prazo de 30 dias e Horóscopo com Cartomancia, Grafologia, Numerologia etc. Finalmente, Inocência Rosa prefere falar de Horóscopo Nº 1, ou Popular, Horóscopo Nº 2, ou “O Destino pelos Astros”, e Horóscopo Nº 3, “Trabalho Geral ou Diretriz do Destino”. Do Nº 1 ao Nº 3, há aumento de preço e eficiência, mas o autor não menciona tempo de validade.

Muito trabalhoso para ser feito, o Horóscopo exige do profissional certo nível de organização que todos parecem ter. Exige-se do cliente: nome, hora, dia, mês e ano de nascimento. A partir daí, é feito o estudo dos elementos astrológicos favoráveis e desfavoráveis ao consulente. O trabalho é entregue ao cliente. Em folhas manuscritas ou datilografadas, com capas manuscritas ou impressas bem organizado e de aspecto agradável. Ilustram esses pontos os dois Horóscopos feitos pelo conhecido Lumerque, para Manoel d'Almeida Filho e para sua noiva (Figura 7). Eles foram redigidos à mão, mas o trabalho é organizado e a letra boa e legível. O Horóscopo preparado por Manoel Camilo dos Santos (Figura 8), vindo do tempo que desenvolveu essa atividade (1966 a 1970), é outro exemplo do que se afirmou. Já a capa utilizada por João Ferreira de Lima nos seus trabalhos de astrólogo era mais formal.

A vendagem de Horóscopo dependia da popularidade do autor. Manoel Luiz vendia, em média, 6 Horóscopos por mês na década de 1980. Berenice, um pouco mais. Sebastião dos Santos cerca de seis por ano, o que é realmente uma quota irrisória. De Costa Leite, de 10 a 20 cada ano. Manoel Caboclo teve também grande freguesia para Horóscopo.

Manoel Camilo dos Santos achava que o movimento de Horóscopo fraquejou depois que Omar Cardoso (astrológico-radialista) passou a exercer essa atividade pelo rádio (falecido em 1978, foi o maior difusor de horóscopos famoso astrólogo-radialista Omar Cardoso, chegando a ter programas em 315 rádios ao mesmo tempo¹²). Porém, José Alves Sobrinho achava, em relação ao tema, que, ao contrário, aumentou, pois os programas de Omar despertaram o interesse sobre o assunto e agiram como boa propaganda. Depois de Omar, surgiram astrólogos populares com programas radiofônicos. O professor Apoleão apresentou-se durante mais de três anos através da Rádio Difusora de Cajazeiras; em Natal, seu irmão, Prof. Aires, desenvolveu idêntica atividade,

¹² Folha de São Paulo, 1997. Ver: encurtador.com.br/hiDQS

transmitida pela Rádio de Arcoverde; Geraldo Alves estabeleceu-se na Rádio Iracema de Juazeiro; o horoscopista José Amadeu apresentou-se durante algum tempo em programas de rádio da Bahia. Sem dúvida alguma, Omar Cardoso inspirou muita programação radiofônica, mas não está fora de cogitação a possibilidade de haver pedidos de horóscopos individuais diminuído.

Fora dessas rádios do interior, havia, também, programas de âmbito nacional que tratam de Horóscopos. A Rede Globo de Televisão transmitia, na época, o noticiário na hora do almoço (13 horas), entremeado com horóscopo.

Flora Medicinal

Outros aspectos importantes, sobretudo aqueles vinculados a saúde e doenças, são tratados nos Almanques Populares. Particularmente interessantes são as ideias a respeito da Flora Medicinal. As recomendações de ervas para a cura de doenças são marcantes nos Almanques. Costa Leite e Ferreira de Lima divulgam os medicamentos sob o título de “Flora Medicinal”, seção presente na quase totalidade de seus Almanques. Manoel Luiz também usa essa designação, mas somente em 1971, em que recomenda seus primeiros chás. Manoel Caboclo só por duas vezes usa o título Flora Medicinal. Em seu lugar, prefere títulos como: “Insetos Perigosos”, “Os Banhos”, “Cuidado com a dor de cabeça”, “Espinha de peixe na garganta”, “O limão”, e outros mais.

A maior parte dos medicamentos é composta de chás que podem ser feitos fervendo as plantas na água ou deixando-as em infusão. Outros líquidos também podem ser utilizados em sua preparação, como vinho branco, aguardente, leite, azeite e vinagre. Como adoçantes são indicados mel e açúcar branco. Das plantas, são utilizadas a raiz, a casca, as folhas e as flores. Do limão, amplamente recomendado, Ferreira de Lima diz que pode curar 16% das doenças. Como coadjuvante dos tratamentos, ou mesmo como terapêutica, estão as cataplasmas, as fricções, os banhos frios ou quentes, os banhos de assento (para hemorroidas) e as dietas. Essas

são sistematicamente sugeridas no caso de doenças nos rins (proibição de álcool, alimentos salgados) e nas diabetes (proibição do álcool e doces). Recomenda-se evitar sereno e chuva, nos casos de tosse e gripes. Nas inflamações do estômago, recomenda-se evitar farinha, batatas, carnes, cará, gorduras e café. No caso de blenorrias, proíbe-se café, chá, doces e carne de porco. Em alguns casos manda-se evitar carne de boi e pimenta. Doenças sobre as quais existem certas reservas em decliná-las aparecem nos Almanques. Em 1942, Ferreira de Lima dá sua receita para curar blenorragia e sífilis. São também amplamente mencionadas hemorroidas, epilepsia, doenças do útero e corrimento de senhoras.

Deve-se chamar a atenção para o fato de que as indicações dos remédios da flora são mais para combater sintomas do que doenças. Como, por exemplo, podemos citar os medicamentos indicados para feridas, fraqueza dos nervos, vista fraca, tosse, diarreia, insônia, dor de cabeça, vômitos, pernas inchadas e outras. Algumas doenças são mencionadas com precisão: asma cardíaca, amenorreia, dismenorreia, erisipela, tísica, icterícia, gota, hérnia, diabetes, coqueluche e outras. Muitos termos regionais são utilizados para algumas doenças: belida (catarata), mal do monte (erisipela), ventosidade, câimbra de sangue, rendimento ou quebradura (hérnia) e clorose (anemia, estado doentio peculiar às mocinhas e ligadas a problemas da menstruação). Costa Leite chama o útero de madre (mãe do corpo).

Para as mesmas doenças ou sintomas, a receita nunca é exatamente a mesma em todos os Almanques; sempre há acréscimo ou redução de alguma erva. Às vezes os autores declinam vários sintomas ou doenças passíveis de desaparecerem com um mesmo chá. Por exemplo: Ferreira de Lima (1946) indica o chá de hortelã-pimenta para curar tosse, cólicas nervosas, diarreias palpitações, vômitos, asma e dores intestinais; a seiva do jatobazeiro para curar tosse, fraqueza do pulmão, fastio, tonturas e bronquite asmática. Pelo visto, a tosse pode vir associada à vários sintomas. Essa reunião de doenças (sintomas) também nunca se repete integralmente.

Deve-se frisar que há uma imprecisão de linguagem como se pode inferir do que já foi explicitado.

Alguns produtos farmacêuticos aparecem no receituário popular: iodo, sal-amargo, cânfora, água oxigenada, álcool, amoníaco, óleo de rícino, beladona, terebintina, e produtos do laboratório catedral-guaraton e calcion. Em 1964, 1967 e 1968, na abertura da secção de Flora Medicinal, Manoel Luiz recomendava que seus leitores procurassem o farmacêutico da Farmácia Nogueira, Curemas (PB), para curar-se de Asma, Eczema, Epilepsia e Reumatismo. Aliás, entre os farmacêuticos, Joaquim Nogueira também era poeta popular e agente revendedor de Almanaque.

Os chás recomendados eram na base de três vezes ao dia e os banhos medicinais uma vez ao dia, em tratamentos com duração de sete a nove dias. Há, todavia, uma prescrição de Manoel Luiz para curar a asma que deve prolongar-se por 90 dias. O mais longo tratamento (por Ferreira de Lima) pretende curar os doentes de diabetes com um chá que deverá ser tomado durante 11 meses.

São poucas as recomendações de remédios para crianças. As raras vezes em que aparecem, pretendem curar-lhes a asma, reumatismo, fraqueza e vermes. Provavelmente por cautela, os autores dos Almanques deixam a criança fora de seus objetivos.

Alguns remédios não pertencentes ao reino vegetal, como, por exemplo, o leite de cabra ou de gado e o querosene, são lembrados. O óleo queimado de motor é recomendado, por Manoel Luiz, para verrugas, calos secos, rachaduras nos pés, golpes e feridas. Há também a indicação de colocar o chifre de veado durante 27 minutos sobre as mordeduras de cobra, desde que seja lavado com leite antes e depois da aplicação. Está ausente dos Almanques uma série de óleos de origem animal, que são amplamente vendidos nas feiras pelos camelôs: óleo e banha de peixe-boi, do puraquê, do baiacu, de espinho, da anta, da capivara e da ema. Também não há menção para o mel de vários tipos de abelhas cujo poder curativo é conhecido no campo: mel de jadaira (asma), jati, aripuá e ajada.

De todos os autores, Manoel Caboclo se destaca pelo modo diferente de tratar os problemas de saúde. Adverte sempre que é mais fácil evitar a doença que curá-la, e fala da necessidade de se levar sempre as crianças ao médico. Recomenda o banho frio como medida de higiene. Ao terminar seu artigo sobre esse tema, aconselha: “lave seu coração com a pureza do amor e banhe o corpo com água limpa ao menos uma vez por dia”. Em caso de envenenamento pela manipueira da mandioca, o médico deve ser chamado. Todos devem estar atentos para os sintomas do câncer e da meningite, e, nesses casos, a presença do doutor é indispensável.

Apesar dos sinais evidentes da aceitação do profissional, antevendo tratamento mais eficaz, M. Caboclo não deixa de lado as credices quando recomenda vasilha nova de barro para preparar os chás de doenças que se venha sofrendo há longo tempo ou quando manda as pessoas mordidas por lacraus subirem na cadeira para terem alívio das suas dores. Evidentemente, tais indicações podem ter efeito psicológico, atuando positivamente. Duas receitas devem ser examinadas separadamente: a cura da mordedura de cão danado ou doente e a mordedura de cobra venenosa; duas situações em que o paciente corre indiscutível perigo de vida e que o tratamento recomendado é muito doloroso.

Em 1963, 1964 e 1979, Costa Leite recomenda, contra a mordedura de cão danado, lavar a ferida com água fria e depois queimá-la com ferro em brasa ou tição aceso, e friccionar pernas e pescoço do doente com pomada de beladona. Após isso, prepara-se 125 gramas de água e 4 gramas de tintura de beladona, dá-se uma colher de sopa de meia em meia hora. Na falta de beladona, deve-se mascar fumo e engolir o mel, ou beber aguardente forte com vinagre e sal, mas procurar o médico. Segundo os médicos, a lavagem com água fria é destituída de valor terapêutico e provavelmente trata-se de assepsia dispensável. A cauterização com ferro em brasa ou tição bem aceso é processo terapêutico bastante difundido já na antiguidade e os seus princípios básicos são os mesmos das atuais eletrocoagulação e eletrocauterização. Variações de

cauterização com ferro aquecido ao rubro são conhecidas, destacadamente o emprego de azeite fervente em feridas extensas. Tais procederes de uso universal tiveram o seu campo de emprego reduzido após Paré haver difundido o uso da ligadura de vasos (cerca de 1500). A cauterização tornou-se mais restrita, aplicando-se apenas a ferimentos contaminados, seja por venenos, peçonhas ou ainda infectados. Em se tratando de mordedura de cão raivoso, é discutível a eficácia de cauterização. Contudo, em tese, uma cauterização eficiente (profunda), interessando a todo o ferimento e adjacências imediatas, eliminaria os vírus ali inoculados, desde que o procedimento seja imediato, como, aliás, recomenda o autor. O emprego da beladona (*atropa beladona*) é provavelmente sintomático, visando os efeitos parassimpaticólicos do seu alcalóide, a atropina. Uma vez instalada a encefalite rábica, a atropina alivia os espasmos musculares, sem, contudo, exercer quaisquer efeitos curativos. A massagem no pescoço e pernas parece ineficaz, já a ingestão em solução aquosa ofereceria os efeitos mencionados acima. A alternativa do uso do tabaco também procede. A recomendação do uso de aguardente é também de longa data. Tem-se atribuído, falaciosamente, virtudes terapêuticas ao etanol, como cordial ou revitalizante.

A recomendação de procurar um médico, presente em todas as edições, reflete cautela provavelmente na efetiva eficácia da prescrição. Recomenda Costa Leite (1979) que as mordeduras de cobra venenosa devem ser tratadas da seguinte maneira: apertar a ferida em todos os sentidos para fazê-la sangrar, depois lavar com água fria e, em seguida, queimar profundamente com tição de fogo ou prego em brasa. Aplica-se sobre a ferida um pano molhado em aguardente e, por cima do pano, botar um emplasto de óleo de linhaça com farinha de trigo. O doente deve tomar meio copo de aguardente com uma cabeça de alho. Em seguida, tomar, de hora em hora, uma colher de sopa de água em que tenha sido dissolvido o acetato de amoníaco (100 gramas d'água, 10 gramas de acetato de amoníaco). A menos que se trate de picada por surucucu (*Lachesis Muta*) que, por suas grandes dimensões é capaz de instalar

profundamente grandes quantidades de peçonha, e das características da dita peçonha (neurotóxica e histofólica), o processo proposto, em seu todo, será eficaz para mordeduras do gênero *Botherops* (jararacas, cotiaras e suas variações) e *Crotelus* (cascavel). Inclusive, se corretamente aplicado, deve, teoricamente, reduzir a incidência e a gravidade da síndrome do néfron distal, que é costume ocorrer tardiamente nos acidentes crotálicos, mesmo com soroterapia graças a eliminação completa da peçonha. Como cerca de 80% de casos de ofidismo são devidos ao gênero *Botherops* na região abrangida pela publicação seguidas por acidentes crotálicos e, muito raramente, por *Micrurus* (corais verdadeiras), inexistindo o gênero *Lanchesis*, justifica-se a não discriminação das espécies causadoras de acidentes.

Enfatiza o autor, de início, a importância da prontidão das medidas terapêuticas, o que encontra respaldo científico. De fato, quanto maior a demora, mais difundir-se-á a peçonha, comprometendo os resultados. A recomendação de “espremer a ferida para fazê-la sangrar” é procedente, com vistas a expulsão de maior quantidade possível de peçonha inoculada. Curiosamente, não há menção ao alargamento dos orifícios de inoculação, com uso de instrumentos cortantes, o que tornaria o processo mais eficaz, bem como o garroteamento da região atingida acima do ponto de mordedura (mais de 90% dos acidentes ofídicos interessam a pés, pernas e mãos). Compreende-se a não menção e sucção das lesões com a boca, útil e isenta de perigo quando não há fissuras bucais ou cáries, dada a crença, infundada de que a peçonha é ativa por via oral. A cauterização realizada o mais precocemente possível é marcadamente eficaz, dado que, pela elevação da temperatura, desnaturam-se as proteínas (peçonhas ofídicas são proteicas) e, por promover coagulação intravascular local, dificulta a dispersão da eventual peçonha não desnaturada. A cauterização será tanto mais eficaz quanto mais profunda, e João Ferreira Lima, no Almanaque de Pernambuco, enfatiza esse aspecto. Esse autor, em 1968, indica, como alternativas de cauterização, o uso da Pedra Infernal (nitrato de prata), o óleo de vitríolo (ácido sulfúrico) ou a potassa cáustica

(hidróxido de sódio), provavelmente menos eficazes. O uso de pano embebido em aguardente, emplastro de farinha de trigo (Costa Leite) ou de farinha de trigo com óleo de linhaça (Costa Leite, 1979, 1980), linhaça (João Ferreira de Lima, 1968) ou massa de batata (idem), visam, provavelmente, prevenir infecções na área cauterizada, de vez que nenhuma ação conhecida teria sobre a peçonha os seus efeitos. Em relação ao emprego da aguardente, servem os comentários tecidos na análise da mordedura por cão raioso. O uso oral de alho ou amoníaco é considerado inócuo. Amoníaco em uso tópico é anti-histamínico, justificando o seu emprego nas picaduras de insetos. Há o conceito difundido entre caçadores de que o uso de urina fresca alivia as tão frequentes picaduras de abelhas e marimbondos, dada a presença de amônia na urina.

Remédios da flora são antigos, mas sua eficácia, todavia, é discutível. É provável que uma certa quantidade deles seja inócua, mas sua popularidade e vigência devem ter explicações. Primeiramente, deve-se considerar que uma série de doenças são cíclicas ou se apresentam por crises, caso em que não dependem de remédios para desaparecer. Muitos embaraços orgânicos estão ligados a processos nervosos, caso em que os chás podem atuar beneficemente, por sugestão, aliviando os temores dos doentes. É, entretanto, comum, por exemplo, que se pretenda curar a epilepsia, doenças dos rins e diabetes através de chás. Nessas duas últimas situações, há sempre um regime a ser seguido, de evitação do sal, no primeiro caso, e açúcar, no segundo, que podem trabalhar a favor da compensação do doente. Quando é epilepsia, que é fruto de disritmia cerebral, provavelmente não será vista assim pelo homem do campo. Talvez, para ele, sejam desmaios que podem acometer as pessoas de vez em quando. Cada vez que o indivíduo tem uma convulsão e volta a si, ele adoeceu e ficou bom. Assim como a gripe, a tosse, a diarreia e a asma podem voltar, os desmaios podem retornar. Os chás tomados após a crise epiléptica podem ser considerados o agente curador. Podemos, então, falar de uma constante realimentação da medicina caseira ou tradicional, através dos êxitos que, sem dúvida, ocorrem.

A isso, deve-se acrescentar que o habitante da zona rural tinha (e tem) menos recursos para cuidar da sua saúde. Vale ainda mencionar os enganos de diagnóstico que podem ocorrer por parte dos médicos e a ineficácia de algum remédio de farmácia nesse período. Todos esses fatores juntos, acrescidos de ideia de que Deus é quem resolve tudo, trabalham em favor da manutenção do receituário da flora medicinal.

Todas as considerações até aqui feitas já indicam que a vinculação existente entre os Almanques Populares e a vida do homem do campo nordestino não é circunstancial. Os Almanques abordam temas de interesse da população rural do Nordeste, apresentando soluções viáveis dentro de tal contexto. É, portanto, natural que a área de maior difusão dos Almanques compreenda os Estados do Maranhão, do Piauí, de Alagoas, do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Pernambuco, de Sergipe e da Bahia. Essas evidências estão registradas nas contracapas dos Almanques na qual se encontram as relações dos vendedores. Contudo, em menor escala, os Almanques têm representantes fora do Nordeste: em São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Goiás – áreas onde se localizam massas de imigrantes nordestinos.

As Principais Seções dos Almanques

A seção que abre os Almanques, intitulados “Juízo do Ano” por alguns autores e “Experiência do Ano” por Costa Leite, trata das previsões gerais para o ano. A Figura 35 (a, b, c, d) mostra como esse artigo apareceu nos Almanques de 1971, e o Quadro 19 mostra, através da comparação, as pequenas diferenças entre os quatro autores estudados.

Após falarem do Planeta Dominante e Regente, todos mencionam os arcanos correspondes ao ano de 1971. Os arcanos são números cabalísticos determinados de acordo com o astro Dominante e Regente. O livro que ensina a determinar o arcano é o

“Taro Advinhatório”. Em geral há quatro arcanos e não pode haver mais de cinco, informa Caetano Cosme.

No ano de 1971, os números dos arcanos são os mesmos em três dos autores estudados, mas diferente em João Ferreira de Lima, que cita apenas três arcanos, sendo um deles (o de nº 9) inexistente nos outros autores. Todos se reportam às quatro estações do ano em termos de inverno pesado e frio, primavera ventosa, estio aprazível e úmido e outono seco e ventoso. Todos prognosticam fartura de mantimentos, embora caros. Um deles, Manoel Caboclo e Silva, inclui, entre os mantimentos, azeite e uva. A referência a “terremotos em diversas partes e inundações em outras” é também uma constante nos Almanagues. Não faltam também as referências às “romarias e às dissensões em diversas partes do mundo”. Completa-se o quadro com a previsão de abundância d’água e de morte de muitas crianças por bexiga.

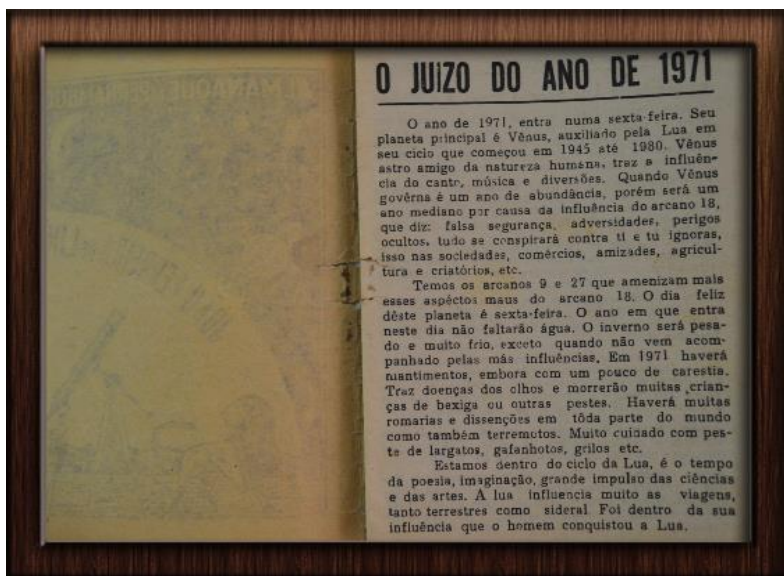


Figura 35a. Seção de abertura o Juízo do Ano para cada um dos autores estudados Ferreira Lima



Figura 35b. Manoel Luiz dos Santos

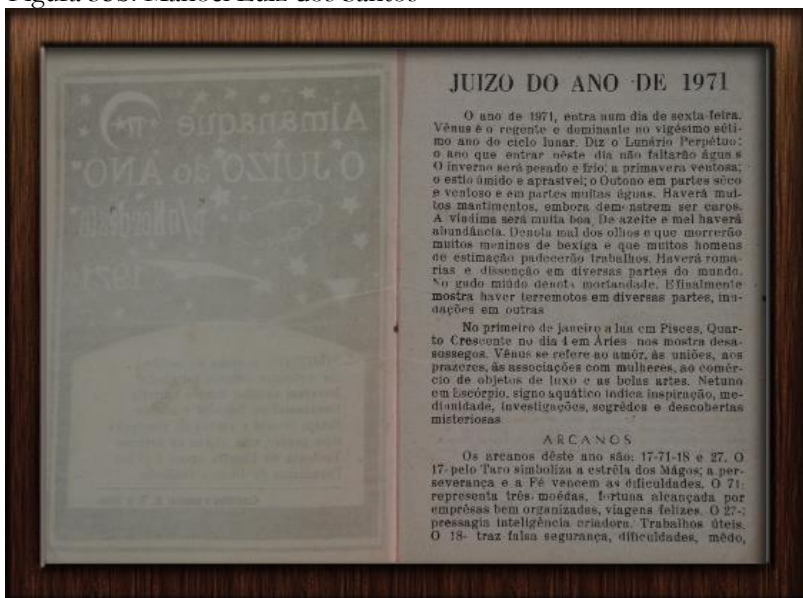


Figura 35c. Manoel Caboclo e Silva

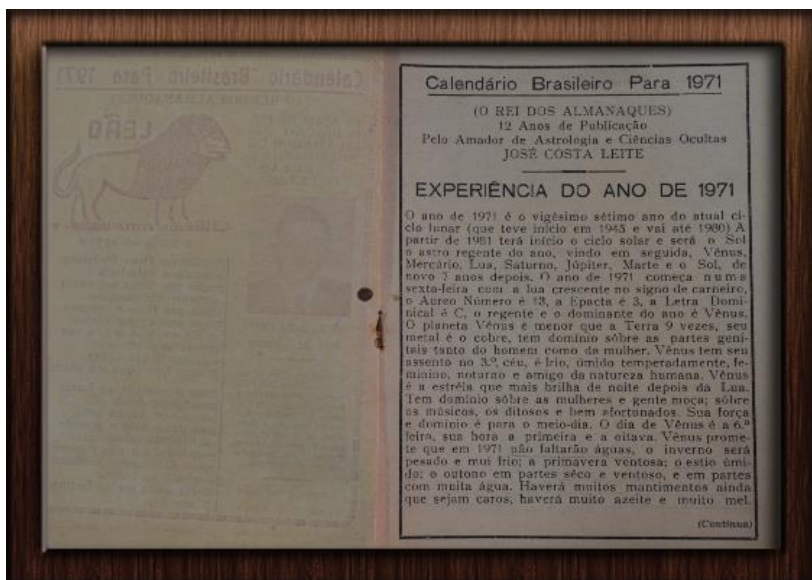


Figura 35d. José Costa Leite

Quadro 25. Juízo Ano – Conteúdo do Juízo do Ano (previsões gerais para o ano da seção que abre os almanaques).

	João Ferreira de Lima	Manoel Luiz dos Santos	Manoel Caboclo e Silva	José Costa Leite
Dia da semana em que o ano inicia	Sim	Sim	Sim	Sim
Planeta dominante com descrição	Sim	Sim	Sim	Sim
Planeta auxiliar com descrição	Sim	Sim	Sim	Sim
Arcanos	9 - 18 - 27	17 - 18 27 - 71	17 - 18 27 - 71	17 - 18 - 71
Descrição dos arcanos	Sim	Sim	Sim	Sim
Tempo	Inverno	Inverno, primavera, estio, outono	Inverno, Primavera, estio, outono	Inverno, primavera, estio, outono
Doenças	Dos olhos	Dos olhos	Dos olhos	Dos olhos
Morte de crianças	Bexiga	Bexiga	Bexiga	Bexiga
Recursos alimentares (mantimentos)	Abundantes e caros	Abundantes e caros - mel, azeite, vindima	Abundantes e caros - mel, azeite, vindima	Abundantes e caros - mel, azeite, vindima
Dissenções e Romarias	Sim	Sim	Sim	Sim
Terremotos	Sim	Sim	Sim	Sim
Recomendações para plantio	Sim	Sim	Sim	Sim
Morte de gado miúdo	Não	Sim	Sim	Sim
Inundações	Não	Não	Sim	Não

NOTA: “Sim” indica que o assunto está presente no Almanaque

Sempre que as seções dos Almanques são baseadas em elementos astrológicos, geralmente retirados do “Lunário Perpétuo”, as diferenças entre os autores são reduzidas. Às vezes, um autor se alongou mais em uma seção do que em outra. À medida que as informações foram baseadas em outras fontes que não as astrológicas, as diferenças se acentuavam. O que acabamos de afirmar pode ser observado no Quadro 19 e no Quadro 26, que dá uma visão comparativa dos dias mais convenientes para o plantio. Vê-se que há pronunciada variação entre os autores. Já na seção “Os quatro Trimestres do Ano”, cujo primeiro trecho vai transcrito abaixo, há imprecisão de linguagem e algumas variações de autor para autor. Nessa seção, aparecem as previsões do tempo e também previsões de acontecimentos, tais como: fome, carestia ou acidentes. Todos, porém, preveem chuvas. A escassez ou abundância de água depende da posição dos planetas em relação às constelações zodiacais.

Os quatro trimestres do ano – 1970

a- João Ferreira de Lima

- “primeiro trimestre, de janeiro a março, nestes 3 meses de 1970, nestes 90 dias, cai chuva e trovoadas no Nordeste, quer dizer em partes. Vem estiadas, largatas em partes, em outras zonas compensa bem”

b- Manoel Luiz dos Santos

- “1º trimestre – de 22 de dezembro a 21 de março é a Estação do Verão no hemisfério sul, onde vivemos. Durante este período o sol percorre a constelação de Capricórnio, Aquário e Peixes enquanto a terra também percorre os signos de Câncer, Leão e Virgem. Ocasionalmente grossos nevoeiros, chuvas tempestuosas, trovões e relâmpagos pelos últimos recantos do Nordeste Brasileiro. Carestia, desassossego de vida e fome” (ver Figura).

Na seção “As Previsões do Tempo”, encontra-se, como o próprio título sugere, a previsão do tempo para cada mês. Manoel

Luiz e Manoel Caboclo incluem aí as fases da lua, o que não acontece com Ferreira de Lima e Costa Leite. Para se ter uma ideia dessa seção, veja a desse último autor, publicada em 1970: “Janeiro de 1 a 3 úmido, 4 a 7 vento ou trovões, 8 a 11 úmido, 12 a 15 revoltado, 16 a 21 chuva, 22 a 25 neve, 25 a 31 úmido”. A presença de neve em janeiro, denunciadora da fonte europeia de suas previsões, aparece também no mês de março. A diferença entre os autores se prende ao número de dias que deverá chover, tropejar, ser mais úmido ou mais seco.

Quadro 26. Dias favoráveis para plantar, segundo os quatro autores aqui estudados – 1970

1 . JOÃO FERREIRA DE LIMA - “Dias próprios para semear e plantar”

Janeiro: 2, 5, 7, 9, 11, 12,

Abril: 1, 3, 10, 14, 15, 17, 11, 14, 15, 16, 19, 20, 24, 28, 22, 23, 24, 25, 27

Fevereiro: 1, 3, 4, 5, 8, 12,

Maior: 2, 4, 6, 7, 9, 10, 11, 15, 16, 17, 19, 20, 11, 12, 14, 17, 18, 19, 22, 23, 25, 27, 20, 23, 24, 25, 27

Março: 1, 3, 4, 5, 8, 9

Junho: 1, 2, 3, 6, 7, 8, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 8, 23, 29, 17, 20, 21, 22, 27

2 . MANOEL LUIZ DOS SANTOS - “Dias favoráveis para plantar”

Janeiro: 10, 11, 20, 21, 22

Abril: 12, 13, 21

Fevereiro: 7, 8, 9, 16, 18

Maior: 9, 10, 11, 19, 20, 21

Março: 7, 8, 16, 17

Junho: 5, 6, 7, 15, 16, 17

3 . MANOEL CABOCLO E SILVA - “Dias felizes para plantação”

Janeiro: 7, 14, 21, 26

Abril: 8, 13, 18, 27

Fevereiro: 3, 12, 17, 22

Maio:	5, 10, 15, 24	
Março:	3, 4, 12, 17, 22, 30	
Junho:	1, 11, 19, 28	
4 . JOSÉ COSTA LEITE - “Dias bons para plantações”		
a - Produtor acima da terra:		b - Produtos abaixo da terra:
Janeiro:	8, 10, 14, 17, 19, 20	Janeiro :3, 6, 22, 23, 27, 30
Fevereiro:	7, 11, 12, 18, 19, 20	Fevereiro: 3, 4, 5, 21, 23, 26, 28
Março:	9, 10, 11, 17, 18, 21	Março : 4, 5, 7, 24, 25, 26, 30
Abril:	7, 8, 10, 14, 15, 18	Abril : 2, 3, 4, 22, 28, 29
Maio:	6, 8, 9, 12, 14, 15	Maio : 4, 22, 23, 25, 27, 28
Junho:	5, 6, 8, 10, 15, 16,17	Junho: 19, 20, 22, 24, 26

Outra seção de realce é a do horóscopo coletivo, que os autores intitulam “Os 12 Signos” ou “Horóscopo para Todos”, na qual é dada, genericamente, orientação para todas as pessoas nascidas sob o mesmo signo. Fora os horóscopos coletivos, os autores anunciam os horóscopos individuais, confeccionados por eles, sob encomenda, e que são importante fonte de renda. Ferreira de Lima oferece vários tipos, mas nunca os expõe à venda associados a talismãs (ver Quadro 6). Desse mesmo modo, procedem Manoel Luiz dos Santos e Costa Leite. Manoel Caboclo, todavia, procurando talvez aumentar a possibilidade de venda, oferece horóscopos associados a alguns talismãs (Quadro 10).

O preço dos horóscopos é mais ou menos o mesmo entre os diversos autores, exceção de Manoel Luiz que cobra preços mais elevados. É Costa Leite o que tem menor freguesia de horóscopos. Começou sem saber confeccioná-los, como intermediário, depois aprendeu a prepará-los, mas trabalha somente com horóscopos de previsão para um ano. Ferreira de Lima faleceu em 1972, mas seu Almanaque, permaneceu, mas confeccionado por sua filha Berenice de Souza Lima, que passou a desenvolver as mesmas atividades do pai, mas sem a mesma popularidade e fama que ele desfrutou. Todavia, ela montou um prelo manual e o Almanaque de Pernambuco, para 1980, foi impresso por ela.

As consultas anunciadas nos Almanques são de natureza astrológica. Algumas pessoas desejam saber o que devem fazer ou que atitude tomar em face de um problema específico. É o mesmo momento da consulta. São razões para ouvir os astrólogos, mudanças, casamentos, negócios e viagens.

O comércio desenvolvido pelos autores de Almanques é muito grande. Todos eles são revendedores de folhetos, executam horóscopos, dão consultas, vendem talismãs, defumadores e outros produtos. Esse assunto poderá ser melhor compreendido observando os quadros que contém o movimento comercial de cada Almanque e que faz parte do estudo particularizado de cada autor (ver os quadros do movimento comercial dos autores).

Ferreira de Lima foi quem desenvolveu as mais variadas formas de ganhar dinheiro. Realmente tinham talento para o comércio. Além de elaborar horóscopo e dar consultas, que foram as suas atividades mais duradouras, Ferreira de Lima tinha muitas outras atividades lucrativas. Como se sabe, foi proprietário da Tipografia Lima, inicialmente em Bezerros (PE) e depois em Juazeiro (CE), autor e vendedor de folhetos etc. Em 1951, lançou o primeiro volume de “Segredos da Natureza e a Sabedoria Humana”, cujo 2º volume sairia em 1956. Em 1942, criou a sociedade denominada “Sociedade do Almanque de Pernambuco”, que dava direito aos associados, mediante a anuidade de CR\$ 10,00, um guia prático que continha os dias favoráveis para negócios, casamento, viagens etc. Em 1945, além do Guia Prático, os sócios tinham o direito de consultar Ferreira de Lima durante todo o ano. Em 1954, informa a seus leitores que qualquer pessoa poderia fazer parte da “Associação de Consciência, Matéria e Força”, mediante pagamento de CR\$ 50,00 anuais. Essa sociedade chegou a contar com 370 membros e é uma ampliação ou continuação da Sociedade do Almanque de Pernambuco. Nesse mesmo ano, anunciava a fundação de uma Drogaria, projeto que realizaria em 1955, e que receberia o nome de “Sociedade Beneficiente do Vinho da Catuaba”, por ser esse vinho o primeiro produto lançado no comércio. As

peças poderiam pertencer à Sociedade mediante envio de qualquer importância. No fim de cada ano, os sócios participariam dos lucros da sociedade de acordo com a sua participação em dinheiro. Em 1957, anunciava o óleo Iracema e a Pomada Indiana, primeiro produto de beleza noticiado no Almanaque. Nesse mesmo ano, informa que aceita dinheiro pagando juros de 2 por cento ao mês. É em 1961 que fala nas duas sociedades pela última vez.

Do exposto, pode-se ver o dinamismo comercial de Ferreira de Lima. É possível que a propriedade desse autor tenha inspirado a criação de novos Almanaques. De fato, de 1946 até 1960, surgiram oito novas publicações no Nordeste (ver Quadro 3).

Manoel Luiz dos Santos e basicamente horóscopos, talismãs e deu consultas – mas é nessa última atividade que realizou grande movimento e na qual obteve maior lucro. Há um número tão grande de talismãs anunciados em seu Almanaque que o tema mereceu estudo especial. Deve-se destacar, entretanto, os preços elevados desse autor, tanto para talismã quanto para horóscopo. Este, por exemplo, passa de Cr\$ 150,00, em 1978, para Cr\$ 600,00 e Cr\$ 3.900,00, respectivamente, em 1979 e 1980. Houve, portanto, um aumento que foge a qualquer perspectiva inflacionária.

Costa Leite anunciava nos Almanaques folhetos, livros e orações que expõe à venda na sua barraca de feira em Condado, mas sua renda principal veio das xilogravuras. Manoel Caboclo viveu dos Almanaques e da sua tipografia. Dos artigos anunciados na sua publicação, o mais rentável é o Horóscopo. Mais adiante, em tópico especial, será tratado o problema dos talismãs. Vê-se, portanto, que os autores de Almanaques, além dos lucros advindos da venda da publicação em si, contam com uma renda suplementar oriunda dos horóscopos, consultas e diversos artigos expostos à venda.

As seções mencionadas acima constituem a 1ª parte dos Almanaques e estão ligadas aos acontecimentos astrológicos. Pasaremos agora a examinar o conteúdo da segunda parte, cujo centro de interesse é a terra e seu uso. Nessa parte, os autores podem mostrar sua criatividade selecionando ou redigindo os textos.

Como dissemos anteriormente, o conselho constante dos autores dos Almanques é que o agricultor não venda suas terras. Advertem que não devem emigrar para o Sul pois só prosperam os que têm instrução. Procuram mostrar que o governo está dando muito apoio ao agricultor, e que ninguém deve desanimar. É interessante notar que esse conselho não vem acompanhado de informações específicas sobre o tipo de ajuda oferecida. Recomendam a adubação da terra com estrume de gado, e uma adequada escolha do lugar onde deve ser estabelecida a lavoura. Costa Leite recomenda plantar muito para lucrar muito: “o muito tem vergonha de dar pouco”. Sugerem a criação de animais porque tudo pode trazer vantagens. O boi é especialmente indicado por causa do estrume que pode servir para a agricultura. Condenam a prática da coivara e dão indicações para combater pragas e para o aproveitamento intensivo da terra. Para o gado, recomendam a vacinação e há um amplo receituário para as doenças mais comuns, todo ele baseado na tradição (Figura 36).



Figura 36. Instruções sobre agricultura. Almanaque Calendário Brasileiro, José Costa Leite, 1971.

Os cães recebem atenção especial dos autores de Almanques. A vacinação é recomendada por Costa Leite e Manoel Caboclo, a fim de proteger as pessoas que forem por eles mordidas. Esses autores revelam dar um grande valor a esses animais e os consideram indispensáveis para vigiar a casa.

Procurando informar seus leitores, os autores de Almanques têm uma seção cuja finalidade é indicar a oscilação anual dos preços de vários produtos comerciáveis. Seu título varia, podendo ser designada por: Movimento dos Mercados, Manoel Caboclo, em 1971 (Figura); Preço dos Gêneros, em 1974 (Figura 33); Os Cereais, em 1969 (Figura 33); Preços de Cereais, 1971, Manoel Luiz dos Santos (Figura 39); ou o Movimento dos Mercados e Gêneros (João Ferreira de Lima, em 1946). É uma seção presente em todos os Almanques e que, mesmo quando intitulada de Preços dos Cereais, traz informações de artigos que estão fora dessa classificação.

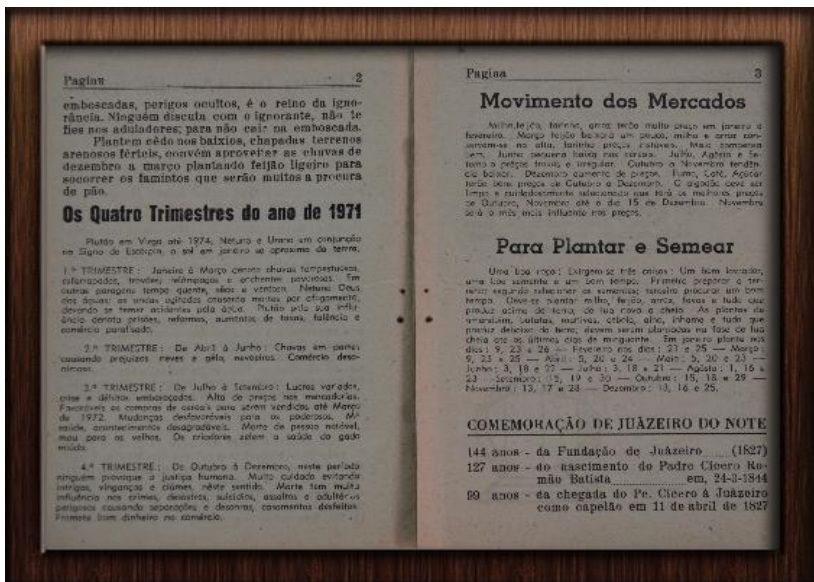


Figura 37. Movimento de Mercado. Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo, 1971.

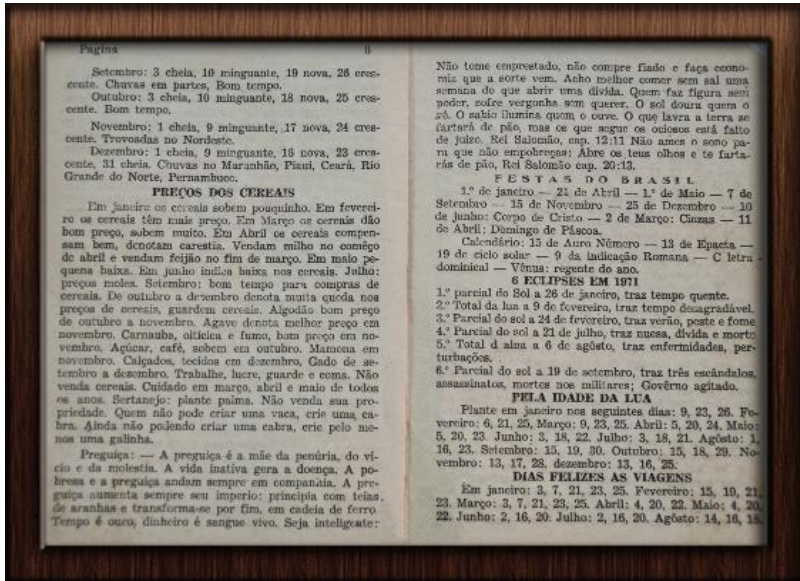


Figura 38. Preços dos cereais. Almanaque Nordeste Brasileiro, Manoel Luiz dos Santos, 1971.

Porém, os produtos citados são pertinentes ao contexto nordestino: inhame, feijão, algodão, agave, café, carnaúba, açúcar, fumo, oiticica, rapadura, farinha de mandioca, gado etc. Manoel Luiz às vezes acrescenta os meses favoráveis para comprar tecidos, chapéus e calçados. Manoel Caboclo, em 1974, informa que gasolina sofrerá três aumentos durante o ano. Excetuando essa última notícia, as outras dizem respeito aos artigos produzidos no campo ou nele consumidos. Nota-se que a seção trata também de artigos que são beneficiados após a colheita: açúcar, fumo, rapadura etc. Em Ferreira de Lima, essa previsão às vezes é feita de acordo com a posição dos astros. Percebe-se que a seção não indica os preços dos produtos, mas os meses em que eles poderão ser vendidos com maiores lucros.

Em relação à política, os autores apoiam o governo, tanto federal como estadual. Esse assunto interessa sobretudo a Ferreira

de Lima. É ele que usa a astrologia para prever os principais acontecimentos de cada país. Como escreveu durante todo o período da segunda guerra mundial, seu Almanaque traz sempre a previsão das principais ocorrências do famoso conflito. Mas não só o que se passa internacionalmente lhe interessa. Ele está voltado também para a problemática brasileira, sempre examinando tudo profeticamente. Em 1965, comenta: “O senhor Jânio Quadros subiu como satélite da Rússia e da América do Norte e caiu como jaca madura”. No final desse artigo, dá apoio integral às forças armadas: “Voto e votarei e luto pelas forças armadas que luta por nós na paz e na guerra”. (Mas há que se interpretar com cautela essas expressões em tempo de regime militar)

As citações e provérbios, outros assuntos presentes em quase todos os Almanaques, estão praticamente ausentes do Almanaque de Ferreira de Lima. Eles são dados por duas vezes como pensamentos do Pe. Cícero e não aparecem em nenhum outro lugar. Aliás, o Patriarca do Juazeiro aparece citado mais quatro vezes. Em três delas, Ferreira de Lima transcreve as profecias que o padre lhe transmitiu em entrevistas (Figura 14). No Almanaque de 1965, existe pequena biografia de Casimiro de Abreu e, fora isso, somente algumas citações bíblicas.

Manoel Luiz oferece quadro mais amplo. Além de provérbios, transcreve pensamentos e artigos de gente famosa (Figura 19). O Almanaque de Manoel Caboclo é muito rico em citações e provérbios, ambos marcados pelo cunho religioso (Quadro 18). Os provérbios se encontram no rodapé dos Almanaques. Elas são ecléticas, havendo inclusive alguns humorísticos.

Os provérbios de Costa Leite estão espalhados nos rodapés do Almanaque ou são apresentados juntos em frases sucessivas, como se fosse um texto contínuo. Em sua essência, eles procuram dar conselhos que ajudem as pessoas a viverem melhor (Figura 29 e Figura 32). Desse autor, foram catalogados cerca de 200 provérbios; eles revelam, em linhas gerais, ser, esse autor, um grande incentivador do trabalho, da verdade, da conveniência, da modéstia,

da força de vontade, da amizade, do pensamento positivo e de todas as atitudes e qualidades humanas que possam favorecer o entendimento entre as pessoas e conduzir ao êxito pessoal. Costa Leite só transcreve um texto assinado, que é “O homem e a mulher”, de Victor Hugo.

As piadas ou humor são pouco frequentes nos Almanques. Ferreira de Lima não as apresenta nenhuma vez. Manoel Luiz por duas vezes, em 1964/1970 (Figura 24), e são: "Dez Mandamentos da Lei do Homem" e "Oração das Moças". Manoel Caboclo, ao contrário dos outros, vez por outra conta uma anedota. Costa Leite, em 1974, faz humor com “A Geografia da Mulher”:

A mulher dos anos 16 aos 22 é como a África. Parte virgem e parte explorada. Dos 23 aos 35 é como a Ásia, negra e misteriosa. Dos 36 aos 45 é como os Estados Unidos. Muita técnica. Dos 46 aos 55 é como a Europa, devastada mais ainda interessante em algumas partes. Dos 60 em diante é a Austrália. Todo mundo sabe onde é mais ninguém vai lá.

A anedota representa uma inovação nos Almanques e tem finalidade recreativa. Na sua redação não há palavras e em poucas anedotas o sexo entra como “tempero”, como na citação acima.

Não há conselhos específicos para a educação doméstica das crianças. Quanto à educação escolar, é aconselhada por todos e especialmente incentivada por Manoel Caboclo, que recomenda a cada instante o Mobral e cita as vantagens de saber ler.

Os aspectos mais diretamente ligados à organização social são tratados de forma bem conservadora. O casamento é essencial à união do homem e da mulher, e não deve ser dissolvido. A esposa deve ser fiel, o marido deve proteger e dirigir a família. Na visão do fim dos tempos, sobretudo em Manoel Luiz e Ferreira de Lima, sempre surge a desorganização dos costumes e nisso a mulher aparece com destaque. Nesse momento, elas andarão seminuas, serão infiéis e não ligarão para os filhos (Figura 26 e Figura 28).

A Flora Medicinal é uma das seções mais expressivas dos Almanques, presente não só nos autores aqui estudados, como

em outros Almanques. O receituário da Flora é muito antigo e muito difundido no interior. Caetano Cosme da Silva tem um folheto intitulado “Plantas Medicinais”, que constitui amplo receituário florístico. Num folheto em prosa, intitulado “Medicina Prática Sertaneja”, Manoel Nunes Pereira diz-se “afamado sertanejo, grande conhecedor de variedades de plantas vegetais e medicinais, espalhadas no nosso sertão de Pernambuco”.

Não há dúvida que os chás ainda são muito procurados pela população do interior. Encontram-se, à venda nas feiras, os ingredientes (folhas, raízes, cascas etc.) para a preparação dos remédios. Nos Almanques, há, em média, uma página dedicada à flora. Os autores de Almanques recorrem algumas vezes ao receituário do “Lunário Perpétuo”. As providências que devem ser tomadas quando ocorre mordidas de cão danado ou de cobras venenosas, existentes nos Almanques de Costa Leite e Ferreira de Lima, são resumos feitos a partir do mencionado livro.

Resumindo: o traço marcante do Almanque de Ferreira de Lima é o político, enquanto em Manoel Luiz destaca-se o lado profético ou apocalíptico. Manoel Luiz vê em tudo prenúncios do fim do mundo – na corrupção dos costumes, no rápido progresso da ciência, nos terremotos (Figura 23 e Figura 26) e na descrença. Manoel Caboclo e Costa Leite são mais ecléticos, ambos defendem os bons costumes. O primeiro, caracteriza-se pela propaganda de Juazeiro e Pe. Cícero; o segundo, pelo individualismo.

Uma visão de conjunto dos Almanques permite inferir duas tendências neles implícitas: por um lado, eles acompanham a evolução das mudanças que ocorrem no campo, especialmente no referente às inovações no setor agropecuário; por outro, permanecem fiéis ao conservadorismo, especialmente no que diz respeito às crenças, ao sobrenatural, aos valores relativos à família, saúde e doença.

Talismãs

O talismã goza de certa popularidade no campo. Ele é amplamente anunciado nos Almanagues e também vendido nas feiras. Os que circulam na feira são objetos simples, feitos de cartolina ou de papel revestido de plástico, que podem ser adquiridos com pouco dinheiro. Em princípios de 1979, custavam em torno de CR\$ 20,00 ou CR\$ 30,00 (Figura 25). Todavia, podemos dizer que os fabricados por Omar Cardoso são peças vistosas, certamente para atender a um público mais instruído e cidadão (Figura 39).

**COM O TALISMÃ DE
OMAR CARDOSO
TODO DIA É SEU DIA DE
SORTE.**

Peça ainda hoje, enviando o cupom para:
Caixa Postal 1000 - Rio de Janeiro
20.000 - RJ CP-284

Este foi o último trabalho realizado por Omar Cardoso. Uma linda medalha, que traz na frente o seu signo em relevo e no verso os símbolos catalizadores dos aspectos positivos das melhores influências astrais, além da data do signo, do seu número de sorte e da assinatura de Omar Cardoso. Um talismã em metal nobre, que vem num luxuoso estojo e vai transformar todos os seus dias em dias de sorte.

Nome: _____
End: _____
CEP: _____ Signo: _____
Cidade: _____ Estado: _____ Quant: _____

Oferta Limitada: Cr\$ 180,00

Não mande dinheiro agora.

ESCORPIO

Figura 39. Talismã de Omar Cardoso anunciado na revista Contigo, N° 284 - Agosto, 1979

O conceito de talismã não é controverso. Todos concordam que um talismã é um objeto que tem força especial capaz de proporcionar a quem o possui a realização dos seus desejos. Câmara Cascudo assim define em seu dicionário: "objeto mágico de força ativa, como o Amuleto é defensivo, o talismã determina uma ação direta, pondo à disposição do seu portador o serviço de entidades mágicas, ou facilitando a realização de todos os desejos". (CASCUDO, 1954: 559). É, portanto, um objeto ligado ao campo das crenças mágicas.

Manoel Luiz, em seu Almanaque de 1967, define talismã como "objeto carregado de força magnética especializada por um prático, e que comunica essa força ao que o traz consigo". Pouco clara, essa definição não se preocupa em explicitar se as forças magnéticas são passivas (defensivas) ou ativas, capazes de atuar na realização dos desejos dos seus portadores. Da leitura dos Almanaques se depreende que o autor não faz diferença entre amuleto e talismã, usando a última palavra nos dois sentidos.

De fato, os anunciados talismãs "para se defender de faca e bala", "para afastar maus vizinhos", "para afastar encostos maus", "dos motoristas" (evita os desastres) e o Anel do Zodíaco, são, na verdade, amuletos (Figura 25). É preciso não esquecer que há um talismã denominado "Sagrado Amuleto", destinado a proporcionar riqueza aos seus possuidores.

Os Talismãs de Manoel Luiz não surgiram todos ao mesmo tempo. Os primeiros foram "Cruz dos Espíritos" e "Selos dos Planetas", ambos lançados em 1955, tendo o "Cruz dos Espíritos" circulado somente nesse ano. A finalidade da "Cruz dos Espíritos" é proporcionar "a quem conduz, Felicidade, Amor, Saúde, Fortuna". O "Selo dos Planetas", cuja finalidade é dar ao seu usuário a possibilidade de "recobrar a mesma vista que a dos moços". Esse talismã continuou sendo anunciado nos Almanaques na década de 1980.

Uma vez iniciada essa atividade, Manoel Luiz vai criando diversos tipos de talismãs, alguns com vida muito curta e outros que têm atravessado o tempo. No Quadro 6 dos talismãs pode-se

ver o ano em que cada objeto foi criado. O “Kalunga da Sorte” teve um ano de duração; o do "Fazendeiro", três; o do "Professor", dois; o do "Bom Parto", anunciado durante três anos consecutivos, desaparece para retornar em 1980, depois de 15 anos de ausência. Um de curta existência foi o de “Afugentar Maus Vizinhos”, que surgiu em 1971, passou 7 anos ausente e reapareceu anunciando posteriormente e o “Sagrado Amuleto” teve 4 anos de duração.

Em 1979, lança, Manoel Luiz, oito objetos novos. Para 1980 estão anunciados os que pretendem curar o câncer, a eczema, a epilepsia e a surdez. Os dois primeiros talismãs são oriundos do anunciado “Remédio Milagroso”, lançado em 1963, anunciado em 1964 e 1966, e, depois, posto fora de circulação.

Quadro 27. Relação dos Talismãs Vendidos por Manoel Luiz dos Santos

Talismãs Gerais	Talismãs Especiais		
	Saúde	Profissões	Diversos
Cruz dos Espíritos	Saúde	Lavrador ou	Amor
Chave Mes- tra	Selo dos Pla- netas	Agricultor	Riqueza
Kalunga da Sorte	Asma e Reu- matismo	Motorista	Sagrado Amuleto
Pedra Má- gica	Asma	Criador	Amansar bicho bravo
Anel do Zo- díaco	Câncer	Negociante (negócios)	Afugentar maus vizi- nhos
Signo do Sa- lomão	Epilepsia	Fazendeiro	Mulher não ter filhos
	Eczema	Professor	Bom parto
	Surdez	Político	Jogador
		Estudante	Ganhar nas apostas
			Liberdade
			Potência sexual
			Alcançar longa vida
			Vencer o medo
			Cachaceiro
			Memória
			Para se defender de faca e bala

Para facilitar o estudo, os talismãs foram divididos em talismãs gerais e talismãs específicos (ver Quadro 27). Sob o título de

talismãs gerais, incluímos todos os destinados a trazer sorte, realização dos desejos, saúde e riqueza. É o caso do talismã ter força para proporcionar ao seu possuidor várias coisas diferentes. Sob a denominação talismãs específicos, estão incluídos os destinados a resolver um problema específico, isto é, os que têm poder para satisfazer uma aspiração – talismãs específicos da saúde e talismãs específicos das profissões. No primeiro grupo está o talismã da saúde, destinado a dar ao indivíduo uma boa saúde, e todos os outros que visam a cura de terminadas doenças. Há, todavia, talismãs que não colocamos juntos com o da saúde, mas que se acham a ela ligado, como o da Potência Sexual e o do Cachaceiro, que se relacionam com distúrbios mais comumente ligados à saúde psíquica do homem.

Para as profissões, foram criados oito talismãs. O mais antigo deles foi lançado em 1958. Trata-se do Talismã da Lavoura, que durante alguns anos foi vendido sob o título de Talismã do Agricultor. O Talismã do Motorista foi lançado, em 1962, juntamente com o do Criador. O do Fazendeiro apareceu em 1969, foi anunciado em 1970 e 1972, para depois desaparecer. É natural que isso tenha ocorrido porque tal talismã não é mais que a junção dos talismãs do agricultor e criador.

Chama atenção a presença de dois talismãs: o do Professor e do Estudante. O primeiro parece que não foi uma criação bem sucedida, pois só teve 2 anos de duração; o segundo foi lançado para 1979 e não foi anunciado para 1980. Os Talismãs do Jogador e de Ganhar nas Apostas estão interligados, mas esse último surgiu (1979) e o primeiro vem desde 1961.

O Talismã da Memória tem a finalidade de manter viva a memória do passado e do presente, conforme se pode deduzir dos anúncios publicados nos Almanques de 1959 e 1963, e que são descritos mais adiante.

O Talismã do Amor foi lançado em 1961, destinado a resolver o problema amoroso de ambos os sexos. Em 1971, ele é anunciado como capaz de laçar qualquer coração, e, em 1973, “faz

laço p´ra casamento”. Em 1976, 1977, 1978 e 1979, usando a propaganda “traz a mulher a seus pés”, o talismã passa a ser uma peça destinada aos homens, retomando em 1980 a sua antiga posição de peça unissex.

A vendagem de talismã é 60% maior pelo correio do que na residência de Manoel Luiz, que vende, por mês, cerca de nove talismãs (dado da década de 1980). Os pedidos de ambos os sexos vêm do Nordeste, sendo que algumas solicitações provenientes de outros Estados são de nordestinos neles residentes. O autor registra pedidos do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. O maior número de pedidos procede do Ceará, das seguintes cidades: Juazeiro do Norte, Iguatú, Cedro, Senador Pompeu, Mombaça e Fortaleza. Da Paraíba vem pedidos de Patos, Teixeira, Campina Grande, João Pessoa, Pombal, Souza, Cajazeiras, Piancó, Conceição. Do Rio Grande do Norte, procedem de Caicó, Currais Novos, Mossoró, Augusto Severo, Alexandria, Pau de Ferros. De Alagoas: Penedo, Viçosa, Maceió. Da Bahia: Salvador, Jerimoabo, Canal, Irecê e Pombal. De Sergipe são poucas as solicitações. De São Paulo somente da capital. Do Pará, Belém e do Paraná, Londrina.

O público do talismã era predominantemente masculino. Havia, entretanto, fregueses de ambos os sexos e todos pediam segredo a Manoel Luiz sobre suas consultas. As idades vão de 20 a 50 anos. Era raro aparecer gente a sua procura após os cinquenta anos de idade.

Os principais tipos de talismãs procurados são: o do Amor, do Negócio, da Saúde, do Criador, Chave Mestra, Para a Mulher não ter Filhos e do Cachaceiro.

Da lista apresentada por Manoel Luiz, apenas dois são exclusivamente femininos: o do “Bom Parto” e o da “Mulher não ter Filhos”; e também dois exclusivamente masculinos: o da “Potência Sexual” e “Para Amansar Bicho Brabo”. Todavia, fundamentadas na tradição, podemos considerar como masculinos uma série de talismãs que a rigor podem servir para ambos os sexos. São eles:

Jogador, Cachaceiro, Motorista, Liberdade, Político ser Eleito, Fazendeiro, Criador e dos Negócios. Na verdade, todos esses estão ligados a atividades que em nossa sociedade eram geralmente exercidas predominantemente por homens.

No momento em que alguém compra um talismã, recebe instruções para o seu uso. Geralmente são palavras “mágicas” que devem ser ditas como se fossem orações. Quem usa o Talismã do Amor deve dizer o seguinte: “Busquei o Senhor e ele me acolheu livrou-me de todos os meus temores”. São palavras tiradas do livro de Murphy sobre o Poder do Subconsciente. Para o Talismã da Saúde, deve-se dizer: “Sou perfeito, de boa saúde, forte, vigoroso, simpático, harmonioso e feliz”. Para o uso da Chave Mestra, foram escolhidas as seguintes palavras, de João Ferreira de Lima: “O pai eterno me ajude. O Filho a bênção me lance. O Espírito Santo me alcance, proteção, honra e virtude”. Quanto ao Talismã do Cachaceiro, quem usa não é alcoólatra, mas a pessoa interessada na sua cura. Essa pessoa deverá proceder da seguinte maneira: fazer um triângulo com qualquer tinta. Dentro dele acender uma vela para Jerônimo de Alagoas, de preferência à noite (quanto mais silêncio, mais efeito). Colocar o nome do cachaceiro e pronunciar as seguintes palavras: “Acendo esta vela p’ra Jerônimo de Alagoas para que fulano de tal, deixe de beber.” Isso deve ser feito todas as noites até alcançar a graça almejada. Quanto ao controle da natalidade, quem comprar o Talismã Para a Mulher Não Ter Filhos aprende a tabela de controle de natalidade.

Portanto, há um ritual a cumprir ligado pelo menos a alguns talismãs. Não existe nenhum Almanaque em que os 39 talismãs venham todos anunciados. A publicação de 1979, que é a que reúne maior número de propaganda, não expõe a venda mais do que 27 talismãs (Figura 25).

Os talismãs não são anunciados sempre da mesma forma, havendo modificações na maneira pela qual são apresentados. Por exemplo, o talismã da Potência Sexual é anunciado pela primeira vez dessa forma: “Talismã da Potência Sexual – Qualquer homem por muito velho que seja readquire a potência normal dos seus 18

ou 25 anos” (1966). Em 1968, é anunciado “Fortifica os Nervos”. Em 1970, encontramos: “Talismã da Potência – Transforma você num touro”.

Para a memória, há dois anúncios a destacar:

1959 – “Qualquer pessoa que deseja ter uma forte recordação robusta e bem positiva para ficar se lembrando de tudo quanto já se passou e está se passando, só é bastante adquirir o talismã da Memória”.

1963 – “O fazendeiro, o agricultor, o estudante, principalmente deve antes de tudo conduzir consigo mesmo o Talismã da Memória para que fique com perfeita lembrança do passado, do presente e até sobre o futuro terá avisos interessantes pois, isso é necessário a todo mundo”.

A propaganda do Talismã do Jogador é feita da seguinte maneira: “Com o Talismã do Jogador você ganhará muito dinheiro nas loterias, corridas de cavalos, nas cartas de baralho, na roleta e nos dados bem como nos jogos de bichos”. Em 1971, simplifica a propaganda para “dá lucro em todos os jogos”.

Vale ainda transcrever o anúncio do Talismã da Liberdade: “Quem estiver na prisão, sofrendo na cadeia, deve antes de tudo adquirir o Talismã da Liberdade para que possa sair da Penitenciária; Este talismã faz o réu, criminoso obter proteção dos grandes políticos, bem como do povo em geral; assim quem estiver preso sairá logo da prisão e quem nunca foi preso também jamais cairá numa cadeia”.

No fim da década de 1970, as propagandas dos talismãs tornaram-se lacônicas e bem objetivas (Figura 25). Muito informativo, esses anúncios “O Talismã Sexual faz a Potência do Homem”, por exemplo, não se vende como um talismã para impotência. Os remédios da farmacopeia popular, indicados para fortificar os nervos, são geralmente para a potência sexual. As razões da reserva em utilizar a palavra sexual, a nosso ver, se prendem ao fato de ninguém querer ser fraco sexualmente. O próprio anúncio desse Talismã indica isso.

Estranho, na propaganda do Talismã do Jogador, a menção à corrida de cavalos já que são muito raras no interior do Nordeste. Mas nada demais que um talismã inclua nos seus benefícios jogos consagrados nas cidades grandes ou tente favorecer os apostadores de corridas eventuais que possam ocorrer no interior.

A liberdade, esse bem precioso, também pode ser conseguida com um talismã. Esse que poderá ser adquirido mesmo depois de se estar preso, obrará o milagre de dar ao réu a proteção dos políticos e a simpatia do povo. E, de fato, são ofertas sedutoras: a cura rápida das doenças, a ajuda decisiva nos grandes empreendimentos, a riqueza fácil, o amor a seus pés, uma memória “robusta” e o vigor sexual dos 20 anos.

Nos dois últimos anos desse período estudado, as propagandas dos talismãs tornaram-se reduzidas e bem objetivas, e o exame da tabela de preços nada ajuda na sua interpretação, por que não foram observadas regularidades norteadoras, Quadro 10.

Até 1965, pode-se ver que o Horóscopo corresponde a dez vezes o preço do Almanaque. Mas, se for comparado o preço desse com o Selo dos Planetas, perceber-se-á que não há uma relação constante, havendo ano em que custa dez vezes o preço do Almanaque e outros em que custa o mesmo preço. Observa-se, por exemplo, que, em 1969, todos os talismãs anunciados têm o mesmo preço. Ao lado deles, é anunciado uma série de pedras poderosas (Pedra Mágica da Saúde, da Vida, da Sorte, do Amor, da Força, da Vitalidade, Poderosas, Felicidade, dos Políticos e do Estudante) um pouco mais baratas que os talismãs e com as mesmas finalidades desses.

Portanto, a variação do preço deve ser vista como resultado de diversos fatores, incluindo matéria prima, mão de obra, processo de fabricação em si, demanda etc.

Os talismãs são confeccionados, no caso de Manoel Luiz, por ele mesmo. O livro que ensina a fazer talismãs é a “Clavícula de Salomão”, sem dúvida utilizado também por Manoel Caboclo que oferece em seus Almanaques alguns talismãs semelhantes ao

de seu colega de São José do Egito. Observa-se que os preços de Caboclo são mais baixos que os de Manoel Luiz.

O problema crucial do talismã está na sua eficácia. Essa depende da fé de quem o usa. Quem tem algum problema ou quem está vivendo um momento de grande tensão, poderá encontrar na consulta com um astrólogo e na aquisição de um talismã um grande apoio e um grande alívio de sua ansiedade. Não será, portanto, num momento de felicidade quando as coisas correm bem que o ser humano apela para os processos mágicos.

Todavia, há um fato objetivo a ser considerado no estudo dos talismãs – eles custam muito caro. Se for levada em conta a tabela de 1979, veremos que o mais barato deles custa CR\$ 300,00 e só há três com tal preço (Figura 25). O mais caro é de CR\$ 1.800,00 (6 talismãs por esse preço) e a maioria em torno de CR\$ 1.000,00. Trata-se, portanto, de um artigo caro, e especialmente caro se considerarmos a pobreza no interior do Nordeste.

Apesar da fé que Manoel Luiz revelou no ofício, o quadro do talismã tem uma forte tônica comercial. Aliás, esse é o um aspecto bem evidente no Almanaque do Nordeste. Em 1958, houve a tentativa de criar um Jornal Astrológico, venda de livros de qualquer tipo, venda de Remédio Milagroso, consultas, horóscopo e talismã. É evidentemente um comércio bem montado, que se desenvolve diretamente na casa do profeta, pelo correio, ou ainda, a partir de 1974, utilizando o Banco do Brasil para remessa de dinheiro. Todavia, os preços altíssimos dos talismãs, especialmente em 1980, permitem falar na comercialização do sagrado. Em relação aos talismãs da Saúde, que é um bem que todos desejam porque envolve a própria continuidade da vida, eles se propõem a restituí-la curando doenças crônicas, renitentes, ou seja, doenças de cura complexas. Os talismãs profissionais visam o êxito ou a maior eficiência profissional, já o Talismã de Faca e Bala pretende defender alguém do resultado trágico de algumas contendas pessoais ou familiares.

O Talismã do Cachaceiro é o único que não é usado pela pessoa que recebe o benefício. O vício do álcool, além de desorganizar a vida particular de quem o consome, traz igual dano aos familiares do viciado. Daí, ser a família desse que procura o Talismã do Cachaceiro. Possivelmente também porque a família deseja mais que o alcoólatra abandone o vício do que o próprio alcoólatra.

Os talismãs do Jogador ou de Ganhar nas Apostas, bem como o da Liberdade visam favorecer pessoas cuja conduta não são aprovadas socialmente. Os jogadores e os fora da lei são condenados pela sociedade e, assim, existe também o talismã que os favorece.

De todos os talismãs, é o que propicia limitação da natalidade o que tem maior significado no plano das inovações. No momento; em que longas e científicas discussões se estabelecem em torno do problema do planejamento familiar, discussão na qual o aspecto religioso tem papel relevante, em 1967 Manoel Luiz lança o Talismã Para a Mulher não ter Filhos. Embora com a entrega do talismã o profeta ensine a tabela para limitações dos filhos, que é considerada um meio natural de controle da natalidade aprovada pela igreja, o que ocorre de mais notório no caso é o fato de existirem mulheres no campo que não estejam dispostas a ter “tantos filhos quanto Deus mandar”. Evidentemente, foi um fenômeno novo que começou a ocorrer no campo, em que domina a ideia da família numerosa. A ideia de controlar a natalidade penetrou no campo, mas foi combatida pelos autores de Almanques, que viam nisso, e noutros aspectos da mudança cultural, grande problema social. O texto abaixo transcrito do Almanque de 1976, de Manoel Caboclo e Silva, ilustra o que foi dito:

“Os Astros e o Tempo”

A ciência vem se desenvolvendo espantosamente: da viagem à lua até o transplante de coração. Por outro lado, a ciência do mal vem tomando campo na sociedade, em toda face da terra, que de tanto aumentar, homem não quer mais casar nem mulher quer ter mais filhos; de tanto aumentar as pílulas para mulher não ter filhos, mais aumentam os calmantes para os neuróticos; diariamente se vê multiplicar o

número de desquites e muito mais o número de filhos órfãos de pais vivos.

Um outro elemento anunciado nos Almanques e que tem suas ligações com os talismãs é o defumador. Ele tem a finalidade de “limpar a casa”, isto é, livrá-la das forças negativas. Talvez possa ser visto como um talismã que visa proteger a família.

A possibilidade de se alcançar os desejos através dos talismãs implica na crença de que tal objeto possui uma força vital, uma força própria, capaz de proporcionar aos seus usuários a realização dos seus desejos ou a proteção contra as coisas ruins. Eles tanto podem funcionar como uma dose adicional para o êxito de uma empresa realizável em si mesma, como podem combater o infortúnio, com os quais não há outros meios de lidar.

O uso de talismã implica num grande desejo de se conseguir alguma coisa, ao mesmo tempo que expressa a incerteza de alguém conseguí-la por vias comuns. Essa é uma das razões que levam as pessoas a ocultarem ou a se manterem discretas em relação à compra de talismãs. Elas não querem expor ao julgamento coletivo os seus anseios mais íntimos ou a sua insegurança mais profunda.

Na capa do Almanque de 1970, na qual faz a propaganda dos seus serviços, Manoel Luiz escreve: “Venha você falar comigo ocultamente” em uma percepção cabal do aspecto sigiloso do seu trabalho. Por outro lado, o “Profeta” é uma figura que possui poderes especiais, o que o fazem respeitado e temido, simplesmente porque tem a possibilidade de usar esse poder para o bem ou para o mal. Portanto, é fatível que alguém não deseje que haja sobre si a suspeita de que estaria procurando um Profeta para o mal. Porém, na lista de talismãs, apresentada por Manoel Luiz, não constar nada que não receba o beneplácito da sociedade, pois os talismãs propiciam o bem aos seus usuários – a possibilidade de se trabalhar para o mal existe sempre. Por outro lado, outros problemas pessoais, para além dos talismãs vendidos, podem também ser objeto de consulta pelo indivíduo.

Considerações Finais

Os Almanques apresentam facetas da vida rural nordestina, alcançando, assim, muitos leitores. Isso se evidencia em todas as partes: “Juízo do Ano”, “Os Quatro Trimestres do Ano”, “Previsões do Tempo”, “Os Preços dos Cereais”, “Flora Medicinal”, “Seção Jurídica”, Padre Cícero, talismãs, citações, provérbios etc. A riqueza e diversidade da publicação são muito maior do que essas sessões principais. As seções descritas são entremeadas de notas sobre astronomia, sonhos, informações científicas, curiosidades, biografia, autobiografia, orações e muitas outras informações. Os Almanques podem também oferecer uma ajuda pessoal àqueles que desejarem conhecer o seu número da sorte, seu perfume, sua pedra e cores favoráveis, bem como os dias próprios para viagem, casamento e negócios. Além disso, as pessoas podem contar com talismãs e defumadores. Portanto, pelo seu aspecto prático, elas se ligam ao cotidiano da vida camponesa. Trata-se, dessa maneira, de uma publicação complexa, objetiva e informativa, que, sem perder suas características universais, é essencialmente nordestina.

Capítulo V

Os Almanques e o Meio Rural

A compreensão da realidade em que o homem do campo nordestino está inserido é o passo fundamental para enquadrar qualquer estudo sobre o tema. Nestes termos, pretende-se captar o sentido de “rural” na Sociedade nordestina, para em seguida situar o papel dos Almanques populares nesse mundo, o campo e a cidade. O rural e o urbano serão tratados não como dois sistemas que se contrapõem, mas como dois sistemas interligados. Em vez de focalizar a separação entre o campo e a cidade, será considerado o processo complexo de uma tendência modernizadora da agricultura. A essa modernização, segue-se, de maneira geral, alterações da propriedade da terra, fortalecendo a concentração fundiária e a acumulação de capital, alterações nas relações de trabalho e no modo de vida do homem do campo. A pergunta que se coloca é: como os Almanques Populares se inserem nesse contexto? Com essa finalidade, serão focalizados os aspectos “práticos” dessa inserção, tentando ver os vínculos entre a vida cotidiana camponesa e o conteúdo dos Almanques.

O Meio Rural Nordestino

O Nordeste Brasileiro é constituído por nove estados, com uma área de 1 548 672 km² e uma população que subiu de 17,99 milhões em 1950 para 53,08 milhões na década de 2010, correspondendo a 34,6% da população do país em 1950 e caindo para 27,8% 60 anos depois. (IBGE 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010)¹³.

Embora a região nordestina, durante o período colonial, tenha desempenhado um papel importante no desenvolvimento da

¹³<http://encurtador.com.br/uBGPY>

economia brasileira, chegando na época a ser considerada como a região mais próspera do país, na atualidade, paradoxalmente, é uma das mais pobres. Essa pobreza é um processo longo, resultante do declínio da indústria açucareira que ocorre do fim do século XVII ao começo do século XIX, quando a economia nordestina se reprimiu com redução da renda per capita (Furtado, 2005). Porém, continua importante para a economia do país, quer como centro consumidor, quer como contribuinte de 22% do produto agrícola nacional (1970) (SCOTT, 1981). No Nordeste, a atividade agrícola continua a desempenhar papel fundamental no crescimento de sua economia. Esse fato distanciou economicamente o Nordeste, principalmente das regiões Sudeste e Sul, onde nas últimas décadas houve uma grande expansão do Setor Industrial.

A desigual distribuição de terra no Nordeste constitui um dos graves problemas da região. As extensas propriedades respondem basicamente pela produção pecuária, extensiva e pela cultura de produtos altamente rentáveis utilizando diferentes combinações de mão-de-obra assalariada, junto com a mão-de-obra familiar dos pequenos agricultores.

Além dos produtos agropecuários, dessas áreas saem o algodão, a cana-de-açúcar, o sisal, o babaçu e a carnaúba. Nas pequenas propriedades, concentra-se a produção agrícola de gêneros alimentícios básicos, cuja mão-de-obra é fundamentalmente familiar (PADILHA, 1977). No contexto da década de 1980, época de estudo dos Almanques, verifica-se no Nordeste uma relação inversa entre o tamanho da propriedade e o emprego de mão-de-obra agrícola. São nos estabelecimentos com menos de 50ha que se registram maior número de trabalhadores rurais disponíveis. O excedente dessa mão-de-obra se emprega como assalariado em outras unidades produtivas. Delineia-se, portanto, no Nordeste, por força de um processo complexo de modernização agrícola, uma situação de pobreza. Com agricultores perdendo acesso à terra, tem-se verificado grande migração das populações para a periferia dos centros urbanos. Os estudiosos do problema migratório identificaram o Nordeste, bem como Minas Gerais e Espírito Santo,

como centros que mantêm uma posição de repulsores populacionais, levando-os a supor que esses fatores de repulsão nas respectivas regiões, se mantêm constantes (BRITO, 1973: 172) na década de 1970. E, é claro que o Sudeste e o Centro-oeste são regiões de atração para essa população (IBID,1973: 172).

Muitas causas condicionam o abandono do campo pela cidade: a facilidade de transporte, as informações sobre a vida nas cidades, as relações de amizade ou parentesco com pessoas já residentes, a atração da própria vida urbana, a perspectiva de melhores salários sem trabalhar no pesado etc. Entretanto, as razões fundamentais que tinham propiciado o abandono do campo na época se prendem às suas precárias condições de vida, determinada pela dificuldade de acesso à terra por parte do camponês ou à dificuldade de explorá-la convenientemente por parte do pequeno proprietário.

A grande valorização das terras em decorrência do desenvolvimento impossibilita a sua aquisição por parte do agricultor e desperta nos pequenos posseiros o desejo de vendê-la, especialmente sob pressão de médios e grandes proprietários na área desejosos de expandir seus domínios. Apesar da grande migração, mesmo assim, na década de 2000, quase metade da população ocupada na agricultura ainda vivia no Nordeste (CASTRO, 2012). Em época mais recente (década de 2000), as razões de migração têm mudado (OLIVEIRA *et al.*, 2005), mas dados estatísticos do governo ainda mostram que entre 1950 a 1995, com exceção do período entre 1960 a 1970, todos os períodos o Nordeste teve o maior saldo líquido migratório rural do Brasil (CAMARANO, 1998).

O quadro dramático de pobreza e migração do Nordeste, com certeza, é percebido pelos autores de Almanques, em que há conselhos constantes para não vender a terra (Figura 39). Ao mesmo tempo, eles procuram estimular o homem do campo a continuar com suas lavouras, não só trazendo algumas informações

técnicas nesse setor (Figura 24), como também mostrando a importância do agricultor e o significado de seu trabalho, uma vez que a alimentação é fundamental para a população. A insistência nesse assunto revela um agricultor persistente, mas que enfrenta contínuos problemas na pequena produção ou talvez os grandes fluxos migratórios incentivem esse tipo de recomendação. Os autores de Almanques frequentemente apresentam textos que sob o mesmo título, envolvendo mais de um assunto. Com ilustração dessa complexidade de informações, dirigidas ao pequeno produtor, pode ser visto o texto (abaixo) do Almanque de Costa Leite (1980), em que aborda o problema da migração e dá uma série de conselhos úteis ao agricultor:

A marcha do tempo

Ninguém se previne contra o tempo. Mas é melhor prevenir do que remediar, aviso que ninguém venda seu sítio, sua fazenda, sua granja, etc., pensando em ir à São Paulo, Rio ou Brasília, são lugares onde só ganha bem quem tiver muita letra, se você tem um sítio plante eucalipto, coqueiro, cajueiro, agave, pitombeira, abacateiro, jaqueira, mamoeira, mamona, feijão, fava, milho, maniva de mandioca, rama de batata, batata e mais batata. Crie uma vaca, um cavalo, um cabrito, uma ovelha, uma galinha, um cachorro que é o vigia de sua casa. A fome campeia por este mundão a fora, o trabalho é quem salva o homem da pobreza e da fome. Trabalhe, quando se sentir cansado, sente-se, descanse um pouco, tome água, acenda o cachimbo, e comece a trabalhar novamente. Quem trabalha com fome breve virá o tempo de vadiar com a barriga cheia. Roçado grande é quem mata a fome do agricultor. O muito sempre teve vergonha de dar pouco. Brevemente um quilo de tripa de boi vai custar 100 cruzeiros e um quilo de farinha 50 ou 60 cruzeiros, não vai custar muito. O eucalipto da madeira para construir a sua casa nova. As fruteiras dão frutas para sua família matar a fome e apura dinheiro. A sua vaca dá leite para seu filho. O seu cachorro toma conta de sua casa. E o seu cavalo, meu

amigo, é seu carro de passeio, para você ir a cidade nos domingos, olhar o forró.

Manoel Luiz, em 1968, escreve o “Catecismo do Agricultor”, em que dá destaque à importante posição do agricultor na sociedade.

Catecismo do Agricultor

Conhecimento primário: as culturas devem ser concentradas – aproveitar a terra o mais possível, quer dizer cultivar intensivamente. Um bom lavrador precisa; a) habilidade para fazer de sua terra o meio de vida completa e confortável. b) cuidar de sua família. c) ser útil aos seus colegas lavradores. d) tornar sua propriedade mais produtiva do que estava ou de encontrou. Característica desejável para um bom lavrador: a) ter acima de tudo, bom senso, energia e habilidade nos negócios. Para que um bom lavrador obtenha sucesso, precisa: a) combinar essa habilidade com experiência, conhecimento adquirido sobre a produção de plantas e animais; b) habilidade no uso das mãos e máquina; c) saber trabalhar no pesado. Posição do lavrador na sociedade: o lavrador como agricultor, é o trabalhador ou operário mais importante na sociedade humana. Um homem qualquer na cidade não se pode comparar ao agricultor porque este tem conhecimentos e habilidades restritas, enquanto o agricultor entende de tudo um pouco, como por exemplo; de comércio, de mecânica, de engenharia, de direito, de medicina e de socialismo. A agricultura não é tarefa fácil. Ela vale a pena. Ela é digna do homem. Ela combina o trabalho físico com o mental e reclama de todo homem um estado normal físico e intelectual.

Conhecimento indispensável

A lavoura lucrativa depende de três fatores: a) produção ampla, b) despesas mínimas, c) preços adequados.

Num artigo intitulado “A Marcha do Tempo”, M. Caboclo aconselha:

Quem possuir gêneros alimentícios não venda por pouca necessidade, são dez a trabalhar e cem para comer. A carestia é grande e a fome é maior (...) (Caboclo 1972).

Ferreira de Lima, em 1972, sob o título “Atenção Nordestinos”, destaca:

O homem do campo, o sertanejo em geral é uma das molas principais para o desenvolvimento do nosso querido Brasil. Atende para o crescimento da Nação. Procure ajudar ao nosso governo na campanha contra o analfabetismo enraizado em nossa terra, envie seus filhos para a escola mais próxima da sua casa.

Jovem se ainda estais em débito com o serviço militar, procura alistar-se, pois assim com a tua fidelidade para com a Pátria teremos um país forte e próspero. Agricultores plantem, pois a terra é boa, fazendo assim contribuirás para a situação econômica do país e também suprirás de mantimentos a Nação Brasileira. Plante que o Governo garante.

O artigo de Caboclo abre com uma declaração em que fica demonstrado a carência do agricultor a nível de sobrevivência. Denota, também, que há grande necessidade de gêneros alimentícios e, por isso, a agricultura é um bom negócio.

Ferreira de Lima começa destacando a importância do camponês, mostrando que ele é parte integrante de um todo maior – o Brasil – ao mesmo tempo que faz clara apelação ao patriotismo. Há um conselho para cooperar com o governo e cumprir suas determinações – serviço militar. Finalmente, revela que a propaganda do governo chega ao meio rural.

É difícil trabalhar isoladamente os diversos temas apresentados num Almanaque, não só porque eles sejam tratados juntos num mesmo artigo pelos seus autores, mas também porque eles se acham interligados. Assim, as relações entre migrações, acesso à terra, condições de trabalho e secas, todas têm suas profundas ligações com a política.

A luta pela terra, principalmente entre os grandes proprietários da zona da mata e os moradores e foreiros, foi a causa da formação das ligas camponesas lideradas pelo Deputado Francisco

Julião e constituiu motivo de grandes tensões no campo. Na década de 1980, predominava, na zona rural, o trabalhador assalariado, mas existiam ainda o foreiro e o meeiro, todos vivendo precariamente. Deve-se considerar que essa precariedade atingia a um número considerável de pessoas em 1970, uma vez que a população rural nordestina era da ordem de 16.359.613 habitantes nessa década, correspondendo a 57,1% da população total da região. Desse montante populacional, 7.814.648 indivíduos estavam empregados na agricultura (PADILHA, 1977: 30/31).

É, sem dúvida, por isso, que Manoel Correia de Andrade chama atenção para a necessidade de se estudar as relações de trabalho e os níveis de vida dessa população rural, para melhor compreensão dos seus problemas regionais. Deve-se acrescentar a toda essa problemática nordestina, pela sua importância, o fenômeno da seca, seja essa total, parcial ou mais severa, que é a “seca verde”, caracterizada pela irregularidade das precipitações pluviométricas. O desgaste de energia e os prejuízos resultantes da “seca verde” para a agricultura podem ser aquilatados, dado que, com esse tipo de seca, salvam-se parcialmente os pastos mas o agricultor perde, em geral, todos os plantios que realiza. A verdade é que a seca tem sido um problema dramático para a população do Nordeste, sendo mapeado entre o século XVI e XX 100 anos de seca (MELO, 1999) com danos maiores para quem vive nos polígonos das secas. O chamado Polígono das Secas comporta 940.000 km² onde, vivem cerca de 25 milhões de pessoas sob forte irregularidade climática (GALVÍNCIO *et al.*, 2005; ANDRADE, 1974).

Entende-se, portanto, que não dispondo de um sistema de irrigação para a prática agrícola, a população rural esteja sempre preocupada com a possibilidade ou não de chuvas. Essa incerteza em aspecto tão significativo de sua vida deu margem a que surgisse na região uma meteorologia popular que tem despertado o interesse de alguns folcloristas (BELTRÃO, 1973: 94) e que não passou despercebido ao geógrafo Manoel Correia de Andrade, que, em seu livro "A Terra e o Homem no Nordeste" (1974: 53) arrola alguns exemplos referente ao assunto. Os autores de Almanques

também apresentam ampla lista de sinais de chuvas, que podem ser percebidos por meio do comportamento dos animais, da cor e posição da lua, da direção dos ventos e do tamanho das nuvens. (Ver Manoel Luiz dos Santos, 1980 e Costa Leite, 1961). Vê-se, então, que o homem rural, além dos problemas relativos à posse e uso da terra, enfrentava uma natureza adversa. A seca também é um fator determinante das migrações. Os autores, assim, tratam de temas sobre a população rural não como problemas superficiais, mas com aqueles cruciais, diretamente ligados à sua sobrevivência.

Os Almanques refletem essa dura realidade, aconselhando que os lavradores mantenham as suas terras, procurando fazê-las produzir mais através de técnicas agrícolas adequadas. Para ajudar o camponês a resistir às pressões externas, os autores de Almanques recorrem à ajuda adicional da astrologia e da religião.

O Religioso e o Sobrenatural

Os aspectos ligados à vida religiosa ou sobrenatural apoiam-se em três orientações: a cristã (geralmente católica), a astrologia e a mágica. Alguns elementos da lição cristã estão presentes, como: amor, simplicidade e caridade. O apoio de Deus é necessário a todos os empreendimentos humanos. Os bens materiais não são a expressão do amor divino, ele é mais evidente e necessário orientando os homens no bom caminho, livrando-os das tentações. A figura de Cristo é sagrada, bem como as figuras humanas que com Ele mais se identificam, como Pe. Cícero e Frei Damião. A Bíblia, a palavra de Deus, é amplamente citada e são abundantes as orações expostas à venda e muitas vezes transcritas nos Almanques.

Essas publicações enfatizam o aspecto astrológico pelo qual se apresenta a forte influência dos astros sobre os fenômenos naturais, as plantas, os animais e os homens. Foi visto que toda a primeira parte dos Almanques trata disso, mostrando como os astros propiciam certos tipos de eventos. Em relação à vida humana,

pode-se saber, pelos astros, os momentos mais favoráveis para determinadas decisões. Isso é dado a conhecer na seção Horóscopo para todos. Mas há a possibilidade de orientações específicas para uma determinada pessoa. Nesse caso, utiliza-se o Horóscopo individual ou a consulta. Os aspectos mágicos se expressam através dos Talismãs e dos Defumadores. O Talismã pode ter mais eficácia se elaborado levando em consideração a força dos astros favoráveis às pessoas que irá usá-lo – nesse caso, terá de ser uma encomenda.

Nas relações do homem do campo com o sobrenatural, domina uma crença simplificada sem exigência, sem discussões, mais ligada ao miraculoso e que expressa a insignificância do homem em face de Deus e do Universo. O Catolicismo é o popular. Enquanto a Igreja Católica combate a astrologia, o camponês pode incorporá-la juntamente com a magia ao conjunto de suas crenças. Isso mostra o espírito prático do camponês, procurando harmonizar todos os recursos ou forças que possam proporcionar-lhes uma vida melhor. Forman, que realizou pesquisa entre os camponeses de Alagoas, capitou muito bem o problema:

A preocupação mais óbvia do camponês diz respeito a este mundo e não a uma vida depois da morte, um aparente paradoxo onde a morte é um tema constante. Aparentemente, eles não se preocupam com o conceito de pecado nem com a salvação dirigindo suas energias para satisfação de suas necessidades diárias. Ao mesmo tempo, suas tentativas de compreender, explicar e tratar da sua própria situação neste mundo através da mediação do sobrenatural dota as crenças de um elemento espiritual majestoso. Esta espiritualidade é caracterizada por uma submissão devota e total a um Deus onipotente e onipresente que, embora distante e pouco compreendido personifica todo o bem. A interação com este Deus é medida através de uma hierarquia de Santos pessoais, cujo potencial para realizar milagres é o interesse primordial no comportamento religioso camponês. (FORMAN, 1979: 275).

Dessa maneira, fica claro que as muitas páginas dedicadas a assuntos religiosos, astrológicos e mágicos não representam uma negação de conteúdo prático dos Almanques. Na sua visão de um sobrenatural onipotente, o camponês atribui grande importância aos serviços pessoais, individualizados ou milagrosos. São juntamente esses elementos do sobrenatural nordestino – o milagroso Padre Cícero e outros Santos, os talismãs etc. – que recebem mais atenção nos Almanques.

Educação e Vida Familiar

Os elementos ligados a educação são muito valorizados. No que se refere à instrução, há um apoio irrestrito ao Mobral, e a pessoa que não sabe ler é vista como cego. Os pais não devem negligenciar a educação escolar de seus filhos, porque a instrução é o caminho da prosperidade. Mas a visão da instrução não se restringe à alfabetização e ao curso primário.

Embora só dispondo de escolas a esse nível, predomina a visão de que a instrução é algo muito mais amplo. Isso é refletido não só no respeito com que se referem ao doutor, ao professor, mas também quando enfatizam o estudo das ciências ocultas. Em relação à educação informal das crianças, eles são omissos. Apenas recomendam que os filhos devem obedecer aos pais. A pesquisa do Instituto Teológico do Recife sobre fé popular mostra isso. Os filhos devem ser obedientes aos pais, pois Jesus era bom filho, procurava ajudar a seus pais, e só deixou a sua casa porque tinha a missão de salvar os homens dos seus pecados (ITER, 1974).

A vida familiar é fundamental para o homem que trabalha a terra. De diversas maneiras, os Almanques revelam essa preocupação, inclusive orientando os jovens para uma adequada escolha do seu cônjuge (Figura 26). O amor deve reger a vida do homem. Ele é importante, tanto no sentido amplo, religioso, como também em todos os momentos da vida – especialmente para a união dos casais, porque é ele que traz a tolerância e a compreensão entre os que se unem pelo matrimônio (Figura 40).

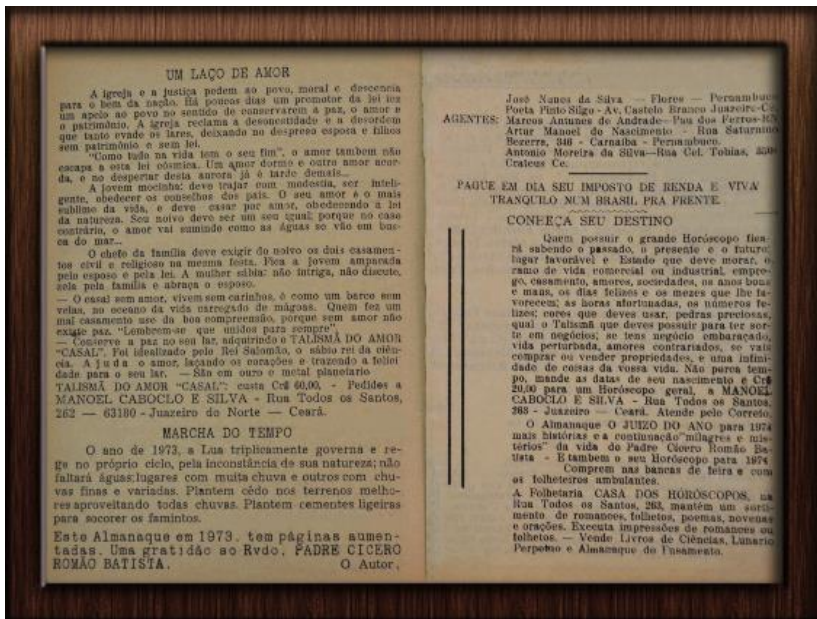


Figura 40. Um laço de amor. Unidos para Sempre. Almanaque O Juízo do Ano, Manoel Caboclo e Silva, 1973.

Para o casamento, ambos devem ter qualidades morais, mas a mulher deve ser mais compreensiva e perdoar as falhas do homem. Não há descrições dos tipos físicos, nem dos homens nem das mulheres, porque o que deve prevalecer é a linha de conduta de cada um. A figura da mãe é enaltecida por Manoel Luiz, em 1975, em artigo intitulado: “Bom Filho, Bom Esposo, Bom Pai”.

Aquele que não respeitar sua mãe, o ser mais sagrado depois de Deus, é indigno do nome de filho. Escutai o que vou dizer-vos: Respeitai a mulher porque ela é a mãe do universo e a verdade da criação reside nela.

Essa é a ideia dominante no meio rural. É em virtude da mulher (mãe) ser tida em tão alto apreço que se espera dela uma

conduta ilibada. Ela é a responsável direta pela dignidade da família, sendo inaceitável qualquer desvio moral. É ainda Manoel Luiz quem escreve:

Da falta de vergonha

La nos tempos do negro analfabetismo dos velhos carrancistas, ignorantes, existia mais vergonha, mais sentimento nas moças e nas mulheres. Era no tempo quando uma mulher se vestia com sete côvados de fazenda. Hoje uma mulher se veste com 2 metros e ainda sobra um punhado de retalhos (1973)

O casamento é visto como indissolúvel, sobretudo porque existiam “órfãos de pais vivos”. A família, que é da mais alta significação em qualquer sociedade, no mundo rural nordestino, se reveste de maior importância, porque é a unidade de reprodução, de produção e de consumo. Os autores são muito intransigentes em relação à estrutura familiar, e esse é um dos aspectos da vida rural em que as tradições são mais fortes.

Frente às grandes pressões para a desarticulação das famílias rurais, decorrentes do processo de modernização (SCOTT, 1981), esses conselhos morais tomam a forma de um mecanismo de defesa para manter uma força de trabalho doméstico, especialmente assegurando o aproveitamento da terra à qual tem acesso. Junto com a desarticulação da família, vem o afastamento do controle dos meios de produção e o ingresso nas fileiras migratórias.

Saúde

Os aspectos ligados à saúde e doenças são coerentes com a sua finalidade prática geral. Sem poder aquisitivo para serviços médicos e remédios, recomenda-se o uso extensivo de remédios caseiros à base de plantas medicinais. Nos Almanques, salienta-se que a manutenção da saúde está ligada às leis da natureza. O homem não deve beber, fumar, nem perder noites de sono. A vida comedida mantém a saúde do corpo e do espírito. O trabalho é

visto como benéfico para o homem – equilibra a sua vida. A alimentação, geralmente, é negligenciada, não havendo recomendações específicas. Mas, no tratamento das doenças, a dieta alimentar tem papel relevante, talvez seja tão importante quanto os remédios (chás) da flora medicinal.

A Política

Os Almanques, em geral, expressam um apoio irrestrito ao poder constituído, no plano municipal, estadual e federal. O governo é visto como aquele que protege o grupo, que se interessa por organizar e melhorar o país. Enfim, é a lei, a ordem, é aquele que tem poder de proporcionar-lhes melhores condições de vida, mas tem também condições de punir.

Os camponeses, via de regra, não é politizado; embora haja elementos no campo que tenham estimulado diversas ações políticas. Entre os poetas populares, existem raros que se declaram comunistas ou de esquerda e muitos que evidenciam a sua posição anticomunista. Os autores de Almanques são muito cautelosos nas suas colocações políticas. Em geral, evita-se a definição política, sobretudo a política partidária local. Tal definição poderia subtrair-lhes os compradores das outras facções. Um fato importante como a revolução de 1964 não foi sequer mencionado por Costa Leite. Manoel Luiz só muito tempo depois dá o seu apoio irrestrito aos militares, e o mesmo aconteceu com Manoel Caboclo. Ferreira de Lima, como um apaixonado do assunto, aderiu rapidamente ao novo governo. Contudo, as observações políticas de Ferreira de Lima se confundem com as explicações astrológicas do fenômeno. No Almanaque de 1967, observa:

O nosso querido Brasil no prognóstico de 1966 a dezembro de 1974, é péssimo com venho avisando, ao nosso Presidente e as nossas Forças Armadas, cuidado em nosso Brasil para não esquecer-se ou entreter-se com outras Nações. Aquele cometa de janeiro de 1966, que nascia pelo nascente, tratou-se um selo para o meu Almanaque de 1966,

perdas em nosso Brasil, mortes ou assassinatos em homens de altas posições.

No campo político, as ligações com os Almanques se prendem mais às obrigações para com o Estado, no sentido de pagar impostos, do que com reivindicações em benefício do agricultor. Eles dizem que o governo quer ajudar ao agricultor, mas não explicitam de que tipo será essa ajuda.

As considerações políticas tecidas por Forman não são incompatíveis com o que se lê nos Almanques. Diz Forman:

O movimento político dos anos cinquenta e sessenta engajou um grande número de camponeses de modo parcial e efêmero no processo político, porém como um fator externo que não podia ser facilmente acomodado. (...) No momento atual, estes camponeses continuam à margem, um aglomerado de seres desesperançados, sonhando com a salvação, ainda buscando o milagre e ainda aquiescendo à vontade de Deus. (FORMAN, 1979: 309)

No campo da política, as orientações práticas dos Almanques parecem conduzir para se evitar confusões e conflitos, bem como para o cumprimento dos deveres para com um governo benéfico. Essas orientações não despertam o camponês para ações reivindicatórias que provavelmente resultariam num fracasso frente aos poderes políticos e econômicos que limitam a possibilidade de melhora do camponês.

Em resumo, os Almanques são uma publicação eminentemente prática que atua no sentido do conformismo social, o que não quer dizer que o camponês não perceba a situação de classe desfavorecida. Autores de Almanques procuram conduzir os leitores no sentido de viver harmoniosamente com o seu mundo. Uma parte de seus ensinamentos é baseada em conhecimentos astrológicos, vindos de longínquos tempos históricos; outra parte é fruto da sua experiência e da experiência do seu próprio grupo que ele procura explicitar em suas publicações.

Considerações Finais

Esperamos ter deixado claro que os Almanques representam um elemento representativo do Sistema Cultural da sociedade rural nordestina e a ela estão amplamente vinculados. Eles também foram mantenedores dos valores tradicionais da sociedade rural e refletem as mudanças ocorridas nas últimas décadas.

As transformações ocorridas no Brasil nesses últimos de-
cênios afetaram a sociedade rural nordestina. São modificações que estão ocorrendo num segmento da sociedade nacional, causadas pelos diferentes fatores do processo de modernização. Portanto, trata-se de mudança provocada por agentes que estão fora do mundo rural.

Sentindo-se fortemente pressionados no sentido de mudar os seus padrões culturais, os membros da sociedade rural apegam-se com firmeza as suas tradições. Essa é uma das funções importantes dos Almanques, isto é, manter a integridade do sistema cultural do grupo. Todavia, ao longo do tempo, as folhinhas têm revelado certa permeabilidade às mudanças que estão ocorrendo no sistema social do grupo. Entretanto, essa permeabilidade só existe para as inovações que não podem abalar a sua continuidade, tais como novas técnicas agrícolas, escolas ou assistência médica. Por outro lado, os elementos que podem abalar profundamente a sua organização são rejeitados. Nesse último caso, estão a perda ou abandono da terra, as migrações e a desagregação da família.

Em essência, o estudo dos Almanques sugere que há duas forças antagônicas; uma no sentido de manter os antigos padrões, outra no sentido de introduzir novos padrões. As forças conservadoras são a do sistema cultural do grupo e são essencialmente rurais; as forças inovadoras atuam no sistema social do grupo, que já refletem os efeitos da modernização. Os elementos novos, aos quais os autores se mostram permeáveis, são aqueles que percebem como benefícios ao grupo.

Conclusões

Na introdução deste livro afirmamos que duas finalidades principais norteariam esta pesquisa: primeiro, documentar os almanaques em termos do seu conteúdo e abrangência; segundo, identificar o contexto em que se desenvolveram, explicando a sua persistência.

Os almanaques são redigidos por autores que no início de suas vidas residiram em sítios e trabalharam na agricultura. Ao longo do tempo, o reconhecimento dos dotes poéticos e proféticos fizeram deles “intelectuais populares”, que passaram a viver do que escreviam. Portanto, autores e leitores, ambos no meio rural, estão identificados com problemas da mesma natureza. Isto fez dos almanaques um importante elemento do sistema cultural do grupo rural nordestino, pois seu conteúdo expressa alguns dos problemas mais agudos da sociedade. Estes problemas estão ligados ao processo de modernização que invadiu o campo, afetando a vida do camponês em vários aspectos, sobretudo no que diz respeito à posse e ao uso da terra.

Apesar de tipicamente nordestinos, os almanaques não perderam as características que os identificam com as publicações do gênero que circulam nos diferentes países do mundo. Essas características são essencialmente astrológicas, compreendendo o tempo, sua divisão e previsão. Esta parte, nos almanaques nordestinos, está ligada também à prestação de serviços que seus autores podem oferecer, individualmente, aos seus leitores: consultas, horóscopo etc. A versatilidade é também uma de suas características, em nível universal. Sua especificidade como publicação popular está ligada a uma linguagem simplória e direta denunciadora das poucas letras de autores e leitores assim como várias sobreposições e áreas de contato com a literatura popular em verso.

A existência de almanaques populares nascidas no Nordeste e, destinados a esse público, merece algumas considerações. De fato, se levarmos em conta que as fontes inspiradoras das fo-

lhinhas por nós estudadas são principalmente o *Lunário* e o *Prognóstico Perpétuo* (CORTEZ, 1945), os Almanques de Farmácia e o Almanaque do Pensamento, todas publicações de âmbito nacional, é forçoso perguntar por que em outras regiões do Brasil não surgiram publicações populares. A explicação se encontra no fato de já existir na região, em pleno funcionamento, uma máquina cordelista.

Como se expôs no trabalho, os almanques conservam todas as características dos folhetos, e seus autores vivenciaram a poesia popular antes de se dedicarem aos almanques. De acordo com as pesquisas efetuadas, os pioneiros destas publicações foram José Honorato de Souza (1919) e João Ferreira de Lima (1936). Nesse período já circulavam folhetos de importantes poetas como Leandro Gomes de Barros, Firmino Teixeira do Amaral, João Martins de Athayde e Chagas Batista. Contudo, dois fatores favoreceram o nascimento dos almanques, além do fato de não existir na região nenhuma publicação do gênero: a prosperidade de João Ferreira de Lima (aspecto comercial) e o grande prestígio de que gozavam os profetas no seio da sociedade em que viviam. Entretanto, o cordel que propiciou o nascimento dos almanques sofreu um colapso, especialmente no que se refere aos romances e se reestruturou enquanto publicação, passando a ganhar forte apoio de instituições governamentais e universidades. Contaram, entretanto, com um público fiel, os folhetos de ocasião e os almanques. Isto é decorrente do fato de não existirem um substituto adequado para estas publicações. Elas levam aos seus leitores uma variedade muito grande de informações práticas, expressas de modo acessível para eles e numa forma com a qual já estão familiarizados. Contudo, está ainda para ser plenamente explicado o extraordinário florescimento do cordel no Nordeste. O Dicionário Bio-Bibliográfico em segunda edição inédita registra a existência de 2.361 poetas populares (ALMEIDA et al., Inédito), dos quais somente 57 são nascidos fora do Nordeste. A origem desses poetas é principalmente da Paraíba, onde nasceram 678, em Pernambuco (500), Ceará (325) e

Rio Grande do Norte (192), contando-se 258 poetas com local de nascimento indeterminado.

Evidentemente a vitalidade de tal ambiente foi extremamente fecunda para o nascimento e a continuidade de publicações como os almanaques. O completo entrosamento dos autores com o seu meio dá autenticidade à publicação e se constitui num dos fatores mais importantes para explicar a sua permanência. Profundos conhecedores do sistema cultural camponês, os autores das folhinhas utilizaram seus dons para construir um meio de sobrevivência próprio, na ponta do lápis, ao invés do cabo da enxada. Os almanaques incluem uma grande variedade de elementos levando ao agricultor informações práticas de modo inteligível, tornando difícil a sua substituição pelas formas de comunicação de massa, características da modernização. Enfim, os autores dos Almanques conseguiram elaborar uma publicação duradoura, surpreendentemente espontânea, plena de sutilezas e poesia.

Referências

- ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e desenvolvimento territorial. *Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária*. v. 28, n. 1, 23 e 29, no 1 - Jan/dez 1998 e jan./ago. 1999.
- ABREU, M. "Então se forma a história bonita": relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. *Horiz. antropol.* [online]. v.10, n. 22, p.199-218, 2004. Cited 2018-06-04.
- ALESSIO, Renata Lira dos Santos. A representação social da violência na literatura de cordel sobre cangaço. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 24, n. 4, p. 52-59, Dec. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000400007&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932004000400007>.
- ALMEIDA, C.; MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C. Representações da ciência e da tecnologia na literatura de cordel. Bakhtiniana, *Rev. Estud. Discurso [online]*. 2016, p.5-25. vol.11, n.3, cited 2018-06-04. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732016000300005&lng=en&nrm=iso>. ISSN 2176-4573. <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457324278>.
- ALMEIDA, A. A. F.; ALVES, J. S. *Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*. 2 Vols. João Pessoa: Ed. Universitária. 1978.
- ALMEIDA, A. A. F.; ALVES, J. S. Inédito – *Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*. 2ª ed. ampliada, no acervo da família.
- AMORIM, A. *Patrimônios Vivos de Pernambuco*. Recife: FUNDARPE. 2014.
- ANDRADE, M. C. *A terra e o Homem no Nordeste*. 2ª ed. ed. Brasileira, São Paulo, SP. 1974.
- ANDRADE, M. C. *O Planejamento Regional e o Problema Agrário no Brasil*. São Paulo: Hucitec Ltda. 1976.

- BELTRÃO, L. *Comunicação e Folclore*. S. Paulo: Edições Melhoramentos, 1971.
- BERGER, P. *Um Rumor de Anjos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973
- BOUDET JEAN-PATRICE; WEILL-PAROT NICOLAS. Être historien des sciences et de la magie médiévales aujourd'hui: apports et limites des sciences sociales. In: *Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public, 38^e congrès*, Île de France, 2007. Être historien du Moyen Age au XXI^e siècle. pp. 199-228.
- BRITO, F. A. *Migrações Inter-Regionais o Brasil*. In *Migrações Internas e Desenvolvimento Regional*. Vol. II. Centro de Desenvolvimento Regional da UFMG (CEDEPLAR) Mimeografada, páginas 151 a 193. 1973.
- CABRAL, G. G. *Arte, História E Narrativa: A Trajetória do Poeta José Costa Leite*. Tese. Doutorado em História. Universidade Federal de Pernambuco. UFPE. 2016.
- CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. *Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos*. RBEP. v. 15, n. 2, p. 45-66, jul./dez. 1998.
- CARVALHO, Giomar. *Lyra Popular*. Fortaleza: Museu do Ceará. 94 p.
- CASCUDO, L. C. *Vaqueiros e Cantadores*. Porto Alegre: Livraria Globo, 1939.
- CASCUDO, L. C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC, Instituto Nacional do Livro, 1954.
- CASTRO, C.N. *A agricultura no Nordeste brasileiro: Oportunidades e limitações ao Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: IPEA, 2012.
- COHEN, A. *O Homem Bidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1978.
- CORTES, J. *Lunário e Prognóstico Perpétuo*. Porto, Portugal: Casa Editora Lello e Irmão. 1895.
- CORTES, J. *Lunário e Prognóstico Perpétuo*. Porto, Portugal: Livraria Lello e Irmão Editores. 1945.
- CRUZ, M. *Profecias de Nostradamus*. São Paulo: Ed. Pensamento, 1999.

CURADO, Marcelo; CRUZ, Márcio. Investimento direto externo no Brasil: uma análise para o período de alta inflação. *Econ. soc.*, Campinas, v. 21, n. 2, p. 275-300, Aug. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182012000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-06182012000200003>.

Encyclopedia Britannica. William Benton, Publisher, Chicago, USA. 1972.

FRANÇA JÚNIOR, Luís Celestino de. O Juízo do Ano. Um estudo sobre o almanaque popular no Nordeste. In: V Congresso Nacional de História da Mídia, 2007, São Paulo. *Anais do V Congresso Nacional de História da Mídia*, 2007.

FIGUEROA, M. *O Problema Agrário no Nordeste*. São Paulo: Hucitec Ltda. 1977.

FIRTH, R. *Elementos de Organização Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

FONSECA, P. C. D.; SALOMAO, I. C. O SENTIDO HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTISMO E SUA ATUALIDADE. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, e172125, Aug. 2017 Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-98482017000200205&lng=en&nrm=iso>.

FORMAN, S. *Camponeses: sua participação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GAUDENCIO, S. M.; DIAS, G. A.; ALBUQUERQUE, M. E. B. C. Direito do poeta na literatura de cordel. *Transformação*, v. 27, n. 1, p. 97-104, 2015.

GALVÃO, A. M. O. Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização - o caso do cordel (1930-1950). *Educ. Soc.*, v. 23, n. 81, p. 115-142, 2002.

- GALVÍNCIO, S.; MOURA, M. Aspectos climáticos da captação de água de chuva no estado de Pernambuco. *Revista de Geografia*, Recife: UFPE - DCG/NAPA, v. 22, n. 2, jul./dez. 2005.
- GASPAR, L; BARBOSA, V. *Literatura de Cordel: um Inventário Bibliográfico Nacional*. Recife: FUNDAJ. 95 p., 2013.
- GEERTZ, C. *The Interpretation of Cultures*. Nova York, E. Unidos: Basic Books, Inc, Publishers, 1973
- GEERTZ, C. *As Interpretações da Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. RJ.1978
- GEIGER, P. P. Migrações inter-regionais e inter-regionais no Brasil. In: *Migrações internas e desenvolvimento regional*. Belo Horizonte: Centro de Desenvolvimento Regional da UFMG (CEDEPLAR), 1973. v. 2, p. 29-71. Não publicado
- GRAHAN, DOUGLAS. H.; HOLLANDA FILHO, S. Interregional and Urban Migration and Economic Growth in Brazil. In: MOURA, H. (org.). *Migração interna, textos selecionados: teorias e modelos de análise*. Tomo 2: 733-77. Fortaleza: BNB. 1973.
- HANNAH, S.; CHRIS, I.; SANLYN, B.; JESSIE, A. Astrology Beliefs among Undergraduate Students. *Astronomy Education Review*. v. 10, n. 1, 2011. DOI: 10.3847/AER2010040
- HOGGART, R. *As Utilizações da Cultura*. Lisboa: Editora Presença, 1973.
- INSTITUTO DE TEOLOGIA DO RECIFE (ITER). *A Fé Popular no Nordeste*. Salvador: Editora Beneditina Ltda, 1974.
- Larousse du XX^e Siècle, Libraire Larousse, Paris, França, 1928.
- LIMA, J. F. *Segredos da Natureza e a Sabedoria Humana*. Tip. Jornal Vanguarda, Caruaru, 1951.
- LUYTEN, J. M. *A literatura de cordel em São Paulo: saudosismo e agressividade*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.
- MANDROU, R. *De La Culture Populaire aux XVII^e et XVIII^e Siècles*. Paris: Editions Stock, 1975.
- MELO, J. C. O fenômeno El Niño e as secas no Nordeste do Brasil. *Raízes*, v. 18, n. 20, 1999.

- MELO, R. A. Almanques de cordel: do fascínio da leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas. *Revista IEB*, n. 52, p. 107-122, set./mar. 2011.
- MELO, Rosilene Alves de. Escrito nas estrelas: almanques astro-lógicos, relicários do tempo, prognósticos do destino. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA, 13., 2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH, 2008.
- MOURA, R. V. A Narrativa impressionista dos almanques de cordel. In: JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 9. Recife, 2009. *Anais...* Recife, 2009.
- MURDOCK, G. P. *Guia para la classification de los datos culturales. Manuales Técnicos, IX, Union Panamericana*, Washington D.C, USA. 1963.
- NASCIMENTO, B. *Bibliografia do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Publicações e Divulgação, 1971. (Coleção Rodolfo Garcia)
- NAVARRO, Z. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. *Estudos Avançados*. [online], São Paulo, v. 15, n. 43, p. 83-100, Dec. 2001. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S0103-40142001000300009&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0103-4014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142001000300009>.
- NISARD, C. *Histoire des livres populaires ou de la littérature du colportage*. Paris, France: Tome Premier GP Maisonneuve & Larousse Editions 1968. v. 1 e 2.
- OLIVEIRA, K. F.; JANNUZZI, P. M. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. *São Paulo Perspec.*, v. 19, n. 4, p. 134-143, 2005.
- PADILHA, R. Figueiredo. *Agricultura do Nordeste. Estudo sobre Fatores Explicativos dos seus Baixos Níveis de Emprego e Renda*. Brasília: Embrater, 1977.
- PENCAK, W. Politics and Ideology in “Poor Richard's Almanack”. *The Pennsylvania Magazine of History and Biography*, v. 116, n. 2, p. 183-211, 1992. Disponível em: www.jstor.org/stable/20092701

- PEREIRA, M. I. Q. *Sociologia e Folclore*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958.
- PEREIRA, M. I. Q. *O Campesinato Brasileiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.
- PEREIRA, M. I. Q. *Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana*. São Paulo: Ed. da USP, 1978.
- PIAZZA, W. O. *Introdução à fenomenologia religiosa*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1976.
- PINTO, L. A. C. Modernização e Desenvolvimento. IN: PINTO, C; BAZZANELA, W. (Org) *Teoria do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 1967.
- SANTOS, B. B. M. O currículo das escolas brasileiras na década de 1970: novas perspectivas historiográficas. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.* [online]. Rio de Janeiro, v. 22, n. 82, p. 149-170, Mar. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362014000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362014000100008>.
- SCHMID, A. L.; BERGMANN, J. F.; PEREIRA, R. M. Em busca da identidade dos instrumentos musicais no Brasil: um estudo exploratório da literatura de cordel. *Anais do Museu Paulista.* [online]. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 279-300, Apr. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142017000100279&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672017v25n0111>.
- SCOTT, R. P. *Between Captivity and the Middle of the Work: household Organization and Migration among Rural Labourers in Northeast Brazil*. PH.D. dissertation. University of Texas, Austin.1981.
- SIMONSEN, M. H. A inflação brasileira: lições e perspectivas. *Revista de Economia Política*, v. 5, n. 4, p. 15-30, out./dez. 1985.
- SUASSUNA, A. A Arte Popular no Brasil. *Revista Brasileira de Cultura*, Rio de Janeiro: CFC, n. 2, v. 1, out./dez. 1969.

TANNENBAUM, Rebecca J. Popular Print and Popular Medicine: Almanacs and Health Advice in Early America by Thomas Horrocks. *The New England Quarterly*, v. 82, n. 3, p. 562–564, 2009.

TARANTELLLO, P. Personally Appealing: Benjamin Franklin's Poor Richard and Authorial Self-Representation. *Authorship*, v. 5, n. 1. 2016. <https://doi.org/10.21825/aj.v5i1.2353>

TEIXEIRA, F. Os Astros no Folclore Capixaba. *Revista Brasileira de Folclore*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 63-105, abr. 1962.



Almanaques Populares do Nordeste

Nos anos 1970 e 1980, a casa de Ruth e Átila Almeida, em Campina Grande, Paraíba, era um santuário da cultura tradicional nordestina em forma de literatura de cordel e de obras artísticas que reproduziam xilogravuras que representavam um mundo de uma vez "telúrico" e "sobrenatural". Com seu esforço, Átila Almeida gerou a maior coleção de almanaques populares do Nordeste do Brasil, hoje integrando a Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida.

Este estudo, elaborado a partir da dissertação de mestrado de Ruth Almeida, segue quatro veredas que convergem num retrato denso, detalhado e, ao mesmo tempo, leve, em uma compreensão da inserção de almanaques e seus autores num circuito de troca de significados, de busca de práticas de vivência cotidiana e de compreensão do sagrado e do desconhecido. Os autores, através dos seus almanaques, orientam num linguajar sistematizado e acessível, uma passagem de um sempre valorizado mundo rural, para uma compreensão da sua particularidade na vida cidadina à qual os residentes do campo se sujeitam ao migrar, deixando os seus roçados fisicamente, mas não culturalmente. Estas quatro veredas incluem os contextos muito especiais e particulares de produção de literatura cordel, a vida dos autores associadas à sua produção de almanaques, os temas tradicionais e as polêmicas que caracterizam e diferenciam os autores, e a relação de toda esta produção com as transformações do mundo rural nordestino.

Russell Parry Scott

Professor titular de Antropologia do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco.

